



Prisão de Gelo

Regine Abel

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Prisão de Gelo

Regine Abel

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Title Page](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Contents](#)
5. [Prisão de Gelo](#)
6. [Dedicatória](#)
7. [Capítulo 1](#)
8. [Capítulo 2](#)
9. [Capítulo 3](#)
10. [Capítulo 4](#)
11. [Capítulo 5](#)
12. [Capítulo 6](#)
13. [Capítulo 7](#)
14. [Capítulo 8](#)
15. [Capítulo 9](#)
16. [Capítulo 10](#)
17. [Capítulo 11](#)
18. [Capítulo 12](#)
19. [Capítulo 13](#)
20. [Epílogo](#)
21. [Valos](#)
22. [Duke & Kira](#)
23. [Outros livros de Regine Abel](#)
24. [Sobre o Autor](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Contents](#)

Prisão de Gelo

Valos de Sonhadra

Regine Abel

CAPA
Regine Abel

Direitos Autorais © 2024

Todos os direitos reservados. A reprodução ou distribuição não autorizada deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal e punível por lei. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida eletronicamente ou impressa sem permissão por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incorporadas em resenhas.

Todo o conteúdo deste livro, a capa do livro e as ilustrações nele contidas foram criadas exclusivamente por um ser humano, sem qualquer assistência de inteligência artificial generativa.

A autora proíbe expressamente qualquer entidade de usar esta publicação ou as ilustrações aqui contidas para fins de treinamento de tecnologias de inteligência artificial (IA) para gerar texto ou imagens, incluindo, sem limitação, tecnologias que sejam capazes de gerar obras no mesmo estilo ou gênero desta publicação. A autora reserva todos os direitos de licenciar o uso deste trabalho para treinamento generativo de IA e desenvolvimento de modelos de linguagem de aprendizado de máquina.

Este livro usa linguagem madura e conteúdo sexual explícito. Não se destina a menores de 18 anos.

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Contents

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Epílogo](#)

[Outros livros de Regine Abel](#)
[Sobre o Autor](#)

O destino do seu povo está nas mãos dela.

Quando a nave penitenciária em que ela está encarcerada cai em um planeta alienígena, Kira e alguns poucos sobreviventes encontram refúgio na cidade da Caldera ao lado de seus habitantes Valos de Fogo. Mas os experimentos sádicos realizados nela pela cientista da prisão tornam o calor intolerável para ela. Quando surge a oportunidade de ir para a cidade congelada de E'lek, Kira acredita que finalmente estará em paz. Mas seu primeiro encontro com os Valos do Norte não sai como planejado.

Duke fica confuso com a estranha mulher humana. Assim como ele, ela é fria, feita para as terras geladas dos Valos do Norte. Sua semelhança com os Criadores e sua amizade questionável com uma humana odiada por seu povo levantam suspeitas coletivas. No entanto, só ela poderia salvar as tribos perdidas, condenadas ao sono eterno. À medida que sua pedra-coração se aquece por ela, Duke está determinado a provar ao resto da tribo que por baixo do seu exterior congelado se esconde uma mulher compassiva. Sua mulher.



Dedicatória

Aos fabulosos autores que primeiro pensaram nesta colaboração e me acolheram para participar nesta maravilhosa aventura.

A Ronika Williams e Nero Seal, muito obrigada pela salvação de última hora. Vocês dois são estrelas do rock!

A todos os leitores beta, amigos, fãs e apoiadores que ajudaram a tornar este e todos os meus projetos anteriores uma realidade. À minha musa que ainda não desistiu de mim.

E como sempre, aos meus pais, que são muito mais legais do que qualquer pai deveria ter o direito de ser. Por favor, não mude!

Capítulo 1

Kira

O grito de gelar o sangue da fera perfurou meus ouvidos e me estimulou a correr ainda mais rápido. Eu procurei por Amber, mas o granizo atingiu meus olhos. A nevasca havia aumentado muito rápido. Em um momento, nuvens escuras surgiram no horizonte. Os próximos passos estrondosos sacudiram o chão quando uma fera gigante, vinda do nada, veio em nossa direção. Como se convocados pelos gritos da criatura, os elementos decidiram entrar na briga.

A neve pulverulenta formou uma parede branca e ofuscante ao meu redor. Através dos ventos uivantes, ecos dos rugidos de batalha de Pel e Mishal chegaram aos meus ouvidos, mas eu não sabia dizer de que direção eles emanavam. Os dois Valos de Fogo estavam escoltando Amber e eu de sua cidade ígnea de Caldera até a congelada dos Valos do Norte. Uma palma quente se fechou em volta do meu cotovelo quando um deles me empurrou para trás dele. O fogo brilhou sob a pele dos valos enquanto eles mudavam para suas formas de batalha, e então eles desapareceram na neve para enfrentar a fera.

Em pânico, eu tentei correr em direção ao penhasco. Estávamos indo em sua direção em busca de uma caverna para nos proteger da tempestade que se aproximava. Porém, entre os sons da fera atacando, algumas quedas e a falta de visibilidade, eu rapidamente me virei. Eu não consegui ver nenhum dos meus companheiros. Mordendo o lábio, eu reprimi a vontade de chamá-los, com medo de chamar a atenção do monstro ou de qualquer um de seus colegas.

O vento jogou meu cabelo em meus olhos e eu parei para recuperar o fôlego, pressionando a mão trêmula no meu peito em chamas. Eu me esforcei para ouvir qualquer coisa além dos ventos violentos e do sangue correndo em meus ouvidos. Os valos haviam derrotado a criatura ou eu estava muito fora do alcance para que os sons da batalha me alcançassem? Protegendo os olhos com as duas mãos, eu examinei a terra congelada ao meu redor em busca de qualquer sinal de que direção tomar. Branco... até onde a vista alcançava – basicamente meio metro à frente – tudo estava coberto de branco. Até os malditos penhascos eram feitos de pedra branca.

Nos últimos cinco meses, desde que o *Concord* fez um pouso forçado no planeta Sonhadra, eu rezei para nunca mais ser cercada pelo fogo. No entanto, neste instante, eu daria qualquer coisa para ver as chamas ardentes das formas de batalha de Pel e Mishal através da cortina de neve me engolindo.

A ferroada do granizo na pele exposta dos meus braços e pernas me fez voltar a andar. Essas coisas malditas poderiam passar por pequenas pedras e me atacaram com uma intensidade cruel. Com minha pele pálida, facilmente machucada, eu ficaria roxa e azul pela manhã. Pelo menos o frio não me incomodava, muito pelo contrário. Mas isso certamente não seria considerado agradável, era mais como ser atingida por pequenos cacos de vidro afiado.

Meu coração pulou na garganta com um som estrondoso à distância. Eu franzi a testa, me perguntando se o trovão ou o rugido gutural de outro predador alienígena teria causado isso. Eu aumentei o ritmo, esperando não estar indo para as intermináveis planícies congeladas. Pelo menos a neve compacta tornava mais fácil caminhar, em vez de me cobrir até os joelhos, como eu esperava inicialmente. No entanto, minhas coxas começaram a queimar rapidamente por lutar contra o vento.

À medida que os minutos se estendiam sem nenhum sinal do precipício, um medo torturante cresceu na boca do meu estômago de que eu estava gradualmente me virando. Chamar os outros neste momento seria suicídio. Desta vez, o granizo e o vento não causaram ardência nos meus olhos. Piscando para conter as lágrimas de medo, eu me forcei a colocar um pé na frente do outro.

Eu continuarei por mais alguns minutos e depois virarei à esquerda se não encontrar as falésias.

Assim que esse pensamento passou pela minha cabeça, o chão desabou abaixo de mim. Meu grito morreu abruptamente quando minha bunda colidiu com a neve acumulada no que parecia ser um túnel que subia até a superfície. Eu deslizei pela rampa acentuada e acidentada em uma velocidade vertiginosa. Em um momento de pura genialidade, eu decidi virar de bruços e agarrar o chão para parar – ou pelo menos retardar – minha descida.

Péssima ideia.

Em dois segundos, minha túnica subiu e se amontoou sob minhas axilas, enquanto o chão congelado sentia um prazer malicioso em arrancar a pele de minha barriga. Cada solavanco fazia meus dentes baterem na minha cabeça enquanto meu sutiã pegava o máximo de neve que podia ao longo do caminho. Depois de uma eternidade na pior montanha-russa que existe, eu finalmente parei no fundo, atordoada e abatida.

Eu permaneci imóvel enquanto meu cérebro se acomodava no

crânio e avaliava minhas dores. Nada parecia quebrado. Me levantando, eu sentei cuidadosamente sobre as pernas e lancei um olhar cauteloso para minha barriga.

Ou melhor, tentei.

Tanta neve havia se acumulado sob meu sutiã que era como se eu tivesse colocado silicone. Estremecendo, eu sacudi a intrusa ofensora e congelada. A parte inferior dos meus seios e minha barriga pareciam em carne viva, coberta de vergões e arranhões. Com minha pele pálida, as contusões irritadas se destacavam nitidamente e permaneceriam sensíveis durante a próxima hora, pelo menos. Gemendo, eu me levantei, tirei meu cabelo loiro platinado do rosto, ajustei meu sutiã e puxei minha túnica para baixo.

El caiu quase até os joelhos. O tecido alienígena, de aparência delicada, era mais resistente que o jeans, mas com a suavidade da caxemira. Olhando para ele, você nunca imaginaria que sofreu a mesma queda que eu.

Com um suspiro, eu observei o que me rodeava. Um longo túnel se estendia à frente, com ramificações de tamanhos variados se cruzando ao longo de sua extensão. As paredes em sua maioria lisas não pareciam formações naturais ou cavernas; alguma coisa – ou melhor, algumas coisas – havia se infiltrado por aqui. Nenhuma luz iluminava o fim do túnel, exceto por estranhos fios de luz lançados aqui e ali de buracos para a superfície. Sentindo-me ansiosa, eu prendi a respiração e escutei o máximo que pude, procurando qualquer som de um possível espreitador ou criatura por perto. O leve uivo do vento lá em cima era tudo que eu conseguia ouvir.

A encosta que me deixou aqui tinha uma inclinação curva muito acentuada para me permitir ver o lado de fora. Pelo menos ela permitia a entrada de alguma luz, mas eu não poderia ficar aqui. Suspeitei que uma criatura enorme tivesse cavado aquela passagem, vendo como eu conseguia ficar de pé com bastante espaço para a cabeça. Isso explicaria como a fera que nos atacou antes apareceu do nada. Se este fosse o seu covil, ou estivesse ligado a ele, esperar na entrada para recebê-la em casa não me pareceu uma boa ideia. No entanto, eu nunca conseguiria sair novamente.

Eu lancei um olhar penetrante por cima do ombro para o túnel escuro e calafrios percorreram minha espinha. Ficar sozinha no escuro está na minha longa lista de fobias, junto com o medo da velocidade e de aranhas – bem, de criaturas rastejantes em geral. Eu sacudi a neve que havia se alojado dentro de minhas botas curtas e então vasculhei meus bolsos, aliviada ao encontrar as duas pedras luminosas ainda guardadas em segurança lá dentro. Puxando uma, eu a segurei no alto. Uma luz suave e laranja dançava contra as paredes da caverna, refletindo-se mais profundamente no túnel. Eu dei alguns passos

hesitantes para frente. Eu podia ver cerca de vinte metros e então espiei cada uma das quatro ramificações visíveis na área iluminada.

Duas delas tinham luz no final. Apesar do meu corpo esbelto, uma seria muito justa. Eu mencionei um pouco de claustrofobia na minha lista de problemas? Mas, o mais importante, se algo desagradável decidisse vir até mim vindo da direção oposta, eu não seria capaz de me virar e provavelmente não conseguiria nem rastejar para trás – presumindo que não ficasse presa no meio do caminho. A outra me permitia andar um pouco curvada.

Eu hesitei por um momento entre ir mais longe no túnel para verificar as outras ramificações ou entrar nesta. Ser capaz de andar ereta seria melhor. Um som abafado à frente – real ou imaginário – tomou a decisão por mim.

Fechando a palma da mão sobre a pedra para apagar sua luz, eu abaixei a cabeça e corri para dentro do túnel ramificado. Se alguma coisa estivesse escondida no túnel maior, eu não precisava chamar sua atenção com minha luz colorida. Andar curvada era estranho. Virar-me constantemente para olhar por cima do ombro não ajudava, não que eu pudesse ver muita coisa na penumbra atrás de mim. Minha imaginação continuou evocando criaturas diabólicas rastejando pelas laterais do túnel, bem no limite da minha visão, fazendo meu estômago embrulhar com alarme falso.

O que me esperava no fim do túnel me deixou sem fôlego.

Meus lábios se abriram em admiração quando percebi que a luz não vinha de uma abertura na superfície, mas de uma série de pedras brancas brilhantes. Quem quer que tenha esculpido aquele corredor as embutiu estrategicamente nas paredes de pedra da mesma cor.

Eu entrei no corredor parcialmente projetado, surpresa ao ver que apenas o lado esquerdo do caminho havia sido escavado nas rochas brancas. O lado direito, do qual meu túnel fazia parte, consistia de neve acumulada, gelo, terra e pedras. Eu não tinha ideia de onde aquele lado do corredor poderia levar, mas ele desabou. O lado construído, com talvez dez metros de comprimento, erguia-se em um declive um tanto íngreme. Parecia um beco sem saída, embora extravagantemente ornamentado. Ignorando os outros túneis ramificados no lado oposto do corredor, eu entrei no túnel construído e subi até os fundos.

Me ocorreu que essas rochas deviam fazer parte do penhasco. O buraco em que caí provavelmente estava a poucos passos do meu destino, escondido pelos elementos furiosos. Isso me deu esperança de poder me reunir com os outros assim que encontrasse uma saída e a nevasca se acalmasse.

O corredor, com pelo menos quatro metros de largura e três metros de altura, terminava em uma parede perfeitamente plana decorada

com entalhes ondulados. Alguns deles me lembraram símbolos que vi em Caldera. Eu suspeitei que a parede de pedra continha uma porta; eu só precisava encontrar a chave escondida no padrão.

Nos meus cinco meses em Caldera, eu explorei a cidade com frequência, procurando um ambiente mais fresco para me refugiar e me familiarizei com a aparente obsessão dos Criadores por quartos, salas e recantos escondidos.

Os Criadores, como os Valos do Fogo os chamavam, aparentemente eram uma espécie alienígena que veio para Sonhadra séculos atrás. Eles fizeram experiências com a população local, transformando-os em seres elementais chamados valos e escravizando-os. Há mil anos, eles partiram sem dizer uma palavra, abandonando suas criações e as cidades que os valos construíram para eles.

Tendo eu mesma sofrido experimentos, eu pude simpatizar com os valos.

Os Criadores eram altos, pelo menos duas cabeças mais altos que os humanos. Portanto, eu procurei mais alto na parede – do que onde um humano colocaria um interruptor – para compensar a diferença de altura.

Seguindo as esculturas com as pontas dos dedos, eu levei alguns minutos para encontrar o interruptor, já que a parede era tão larga. Sem a minha experiência em Caldera, eu nunca teria adivinhado a existência de uma porta secreta e já teria ido embora.

Uma seção da parede estampada do tamanho de um pequeno tijolo desmoronou sob meu toque. Para minha surpresa, uma porta não se abriu, mas toda a parede dos fundos deslizou para o lado com o som alto e áspero do desuso. Eu lancei um olhar nervoso por cima do ombro, temendo que a comoção pudesse atrair o tipo errado de atenção para minha localização.

Assim que a abertura me permitiu entrar, eu entrei correndo, dando uma breve olhada dentro da sala para ter certeza de que nenhuma ameaça me esperava. Para meu alívio, como em Caldera, um detector de movimento encontrado apenas dentro de edifícios estava embutido na parede perto da porta. Acenar com a mão na frente dela sinalizava para a porta abrir ou, neste caso, fechar.

A ausência do cheiro abafado e fechado de lugares há muito abandonados me preocupava. Nenhum som denunciava a presença de alguém lá dentro, mas isso não significava que não estivessem à espreita. De acordo com os Valos do Fogo, os Criadores já se foram há muito tempo e apenas os Valos do Norte – um povo muito pacífico – habitavam este extremo norte. Infelizmente, eu não tive nenhuma referência em Caldera sobre como esse lugar deveria cheirar.

Depois que a nave-prisão em que estávamos encarcerados caiu em Sonhadra, alguns outros sobreviventes e eu encontramos o caminho

para Caldera. A cidade estava quase toda morta, com apenas um punhado de Valos de Fogo ainda vivos. Quando reabrimos a cidade, o cheiro insuportável de enxofre me seguiu por toda parte. E o calor... o calor intenso...

Parada no final de um pequeno lance de escadas com rampas de cada lado, eu só consegui ver o teto alto da caverna bem iluminada. Eu respirei fundo e comecei a subir com passos cuidadosos, tentando ser o mais silenciosa possível, mesmo que isso não fizesse sentido. A porta abrindo e fechando já teria alertado qualquer pessoa que morasse aqui sobre minha presença.

Ao sair do patamar, meu queixo caiu e meus olhos se arregalaram de horror.

— Oh Deus...

Capítulo 2

Kira

Quando encontrei a porta escondida, acreditei que possivelmente fosse a entrada dos fundos de E'lek, a cidade dos Valos do Norte. Pelo pouco que descobri, eles tinham uma grande cidade subterrânea, o que fazia sentido com o clima rigoroso do Ártico.

Esta não era uma cidade.

A grande sala, quase toda retangular, esculpida diretamente na pedra, parecia o laboratório de um cientista maluco. Ao lado das mesas de exame, no meio da sala, uma vitrine alta continha algumas dúzias de cristais grandes e brilhantes que reconheci como pedras-coração. À distância, eles pareciam diferentes dos ovais envoltos no peito dos Valos de Fogo. Pelo que entendi, a pedra-coração não era realmente o coração deles, mas continha sua alma e o livre arbítrio.

Enquanto minha mente inventariava esses vários detalhes, as inúmeras pequenas câmaras que revestiam as paredes chamaram minha atenção. Com vontade própria, meus pés me levaram para mais perto. Cada câmara lembrava aquelas alcovas de estátuas encontradas em igrejas e edifícios históricos na Terra.

Exceto que essas alcovas não continham estátuas, mas sim o povo Valos do Norte.

O que estava na minha frente tinha pelo menos um metro e noventa. Do pescoço para baixo, se não fosse por sua pele azul escura, o buraco em seu peito e alguns cacos de gelo em seus ombros, este homem valos poderia passar por um homem musculoso e incrivelmente sexy. Ombros largos, braços musculosos, abdominais esculpidos; se eu não estivesse tão assustada – e um pouco desidratada – estaria babando como uma adolescente. Uma tanga cobria suas partes íntimas, me impedindo de avaliar melhor as semelhanças.

Careca, exceto pelo que parecia ser uma única trança grossa na parte de trás da cabeça, as linhas nítidas de seu rosto anguloso pareciam quase esculpidas com uma lâmina. Seus olhos, amendoados e maiores que os de um humano, estavam fechados. Fragmentos cristalinos formavam suas sobrancelhas. A ponte do nariz praticamente inexistente terminava no que parecia ser uma ponta do

nariz causada por uma picada de mosquito, com pequenos orifícios como narinas. A elasticidade do lábio inferior compensava o lábio superior completamente achatado. Suas orelhas me lembravam conchas, encostadas na lateral da cabeça com um pequeno orifício na base.

Meu olhar voltou para a abertura em seu peito. O invólucro de metal prateado do encaixe parecia imaculado, mas meu olho treinado como ex-enfermeira cirúrgica detectou que o inchaço e a coloração da pele em contato direto com ele indicavam uma reação alérgica. Meus dedos coçavam para tocar o inchaço e verificar seu nível de calor. Eu estendi a mão para o que parecia ser uma porta de vidro para a câmara criogênica, mas descobri que era um bloco sólido de gelo. Esses valos foram literalmente congelados.

Para confirmar minhas suspeitas, eu fui para a próxima alcova apenas para encontrar outro homem, com um corpo igualmente impressionante e o mesmo tipo de inchaço. Os dois seguintes mostravam um pouco mais de sinais de doença, um deles com início de erupção na pele.

Eles estavam rejeitando seus implantes quando foram congelados.

Eu reprimi meu impulso instintivo de encontrar uma maneira de derreter o gelo e cuidar dessas pessoas. Deveria haver uma razão para quem os colocou em êxtase não ter removido os implantes e os deixado nesse estado. Até saber mais, eu não colocaria em risco o bem-estar deles com ações imprudentes. De qualquer forma, eu não tinha nada com que tratá-los.

Entre a quinta e a sexta alcovas, uma pequena porta dava acesso a uma sala quadrada. Meu peito se apertou enquanto eu olhava para mais quinze ou vinte valos congelados dentro dela, exibindo sintomas mais avançados de envenenamento por metal, de urticária a bolhas na pele. Eu não conseguia imaginar que tipo de dor constante e insuportável eles suportaram antes de serem colocados em êxtase. Um pedestal no centro da sala continha as pedras-coração.

Ao explorar o resto da caverna, eu encontrei mais quatro salas quadradas contendo os valos mais gravemente afetados. Os cerca de quarenta valos na área principal eram claramente os mais saudáveis do grupo.

Experimentos fracassados. Como eu.

Por mais que meu coração doesse por eles, eu não podia me permitir pensar nos horrores que eles e eu enfrentamos nas mãos de nossos respectivos algozes. Eu me recusei a acreditar que eles poderiam ser tudo o que restava daquelas pessoas. Em nosso caminho para cá, Mishal e Pel disseram a Amber e a mim que os Valos do Norte haviam fornecido aos Criadores em outras cidades, assim como ao mundo natal dos Criadores, metais e pedras preciosas raras. Meus

companheiros vieram para o norte comigo exatamente por esse motivo. Eles esperavam que os Valos do Norte possuísem as gemas necessárias para reparar as pedras-coração dos Valos do Fogo adormecidos. Eu vim aqui para fazer desta minha nova casa. Embora eu não fosse muito social, a perspectiva de passar o resto dos meus dias sozinha neste deserto frio não me agradava.

Mesmo que eu me reunisse com os outros, eu não poderia voltar para Caldera. Isso me mataria. Após os experimentos realizados comigo na penitenciária espacial, eu praticamente me tornei uma criatura de gelo. Os 22°C que as pessoas achavam tão confortáveis pareciam com uma sauna superaquecida para mim, e eu só conseguia aguentar por curtos períodos de tempo. Minha zona de conforto ficava em torno de -3°C. Quanto mais frio, melhor – dentro do razoável. Apesar de seus esforços, a Dra. Sobin não conseguiu regular minha temperatura corporal padrão e me culpou por isso. Minha incapacidade de funcionar em temperaturas “normais” me tornou inútil. Ela finalmente desistiu de mim e passou para seu projeto de tocha humana com outra prisioneira.

A nuvem negra do desespero pairou sobre mim, mas eu me recusei a desistir. Havia uma chance real de que os valos na câmara principal fossem todos os que restavam dos mais saudáveis entre eles, mas até encontrar a cidade propriamente dita, eu me apegaria à esperança de que seu povo ainda prosperasse.

Mas por que eles não ajudaram os que estão presos aqui?

Eu tive que acreditar que eles não sabiam da existência deles ou não tinham ideia de como ajudá-los.

No extremo oposto da sala, três degraus levavam a uma grande plataforma. Padrões mais intrincados cobriam certas seções da parede posterior, assim como as paredes laterais. Mais uma vez, uma pessoa sem noção teria suposto que eram meros ornamentos, mas eu acreditei que escondiam mais salas secretas. Começando pela parede lateral direita, também a mais estreita, eu demorei alguns segundos para encontrar o interruptor. Ele abriu para uma sala vazia do tamanho de um grande armário de vassouras.

Um grito de alegria saiu da minha garganta quando reconheci imediatamente o que era: um banheiro! Eu esfreguei minha mão sobre a pedra luminosa ao lado da porta, e a luz fraca aumentou para iluminar totalmente o quarto. Tendo feito uso regular das instalações de higiene de Caldera, eu encontrei instintivamente os interruptores que abriam os painéis para revelar o vaso sanitário, assim como a pia e o espelho. Me levantar para usar o banheiro excessivamente alto era uma droga, mas era melhor do que me agachar nos arbustos me perguntando se alguma criatura alienígena aproveitaria a oportunidade para dar uma mordida no meu traseiro.

A pia era tão alta que poderia muito bem ser um descanso para os seios – e eu não estava exagerando.

Eu lavei as mãos e o rosto, depois passei os dedos pelos cabelos para dar-lhes uma aparência de ordem. Apesar das minhas recentes tribulações, eu parecia mais saudável do que há algum tempo. O frio concordava comigo. Irônico, vendo como eu costumava buscar o sol em todas as oportunidades – sob uma quantidade ridícula de protetor solar. As pessoas costumavam me chamar de vampira ou fantasma por causa da minha pele estranhamente pálida e do meu cabelo branco. Meus olhos castanhos não pareciam mais vermelhos e vidrados como no calor sufocante de Caldera. Até minhas bochechas tinham um tom rosado e saudável.

Rainha do Gelo seria o título perfeito agora se não fosse pelo meu traje. Mas mesmo com seus melhores esforços, os Valos do Fogo não poderiam ter me deixado mais elegante com os tecidos berrantes que sua Criadora, Sheenika, adorava usar. Nenhuma mulher – alienígena ou não – deveria ter gostos de moda tão espalhafatosos. Levantando minha túnica, eu fiquei na ponta dos pés para ter uma visão espelhada do dano que havia causado a mim mesma ao descer aquela encosta. Felizmente, os arranhões não pareciam muito sérios. Eu peguei uma toalha na prateleira ao lado da pia e limpei minhas feridas o melhor que pude. Depois de deixar a água correr um pouco – só para garantir – eu bebi um pouco. Tinha um sabor fresco e gelado; meu favorito.

Eu saí do banheiro e parei na primeira seção da parede dos fundos, coberta de padrões. Eu levei um momento para encontrar o interruptor. Ele revelou uma espécie de depósito, com vários dispositivos e engenhocas que desafiavam qualquer lógica. Uma das prateleiras continha algumas prateleiras com invólucros vazios assustadoramente semelhantes aos que estavam dentro dos peitos dos valos congelados.

A próxima sala provavelmente servia como sala dos funcionários com uma pequena cozinha, uma mesa de jantar com cadeiras um pouco mais altas do que o banco de bar padrão e um banco longo coberto com uma almofada macia. Seu comprimento e largura seriam perfeitos para eu tirar uma soneca.

Eu sorri em antecipação.

Embora os primeiros sinais de fome tivessem começado a se manifestar, eu saí da sala, sem me preocupar em procurar comida nos armários. Mesmo que houvesse alguma, você não poderia me pagar o suficiente para tocar em qualquer coisa que estivesse ali há mil anos, preservada por alienígenas ou não.

A sala seguinte era um laboratório de última geração e um ambiente estéril, incluindo uma câmara de descontaminação. Qualquer que fosse a investigação aí realizada, os nossos governos e

militares ficariam muito felizes em pôr as mãos nela. Embora a enfermeira que há em mim estivesse curiosa sobre os avanços médicos que eles haviam alcançado, eu sabia que era melhor não mexer com potenciais agentes bacterianos ou virais estranhos.

Eu saí.

Restava apenas a parede esquerda, com largura maior que a parede direita oposta que escondia o banheiro. O intrincado padrão cobria grande parte de sua superfície, mas, estranhamente, não descia até o chão como de costume. Depois de quase dez minutos procurando em vão por um interruptor, eu cheguei à conclusão de que talvez aquela parede fosse meramente decorativa. Me sentindo chateada, eu me virei para passar para a última seção ornamentada que certamente escondia uma porta de saída, vendo que havia um detector de movimento.

Ao me aproximar, eu percebi que havia, na verdade, dois detectores de movimento. Surpresa, eu acenei com a mão na frente do primeiro à direita. Com um clique, o grande padrão que eu estava examinando sem sucesso deslizou para cima, revelando uma enorme janela. Com a boca aberta, eu me movi para frente dele. A janela dava para as paredes ásperas e irregulares de uma caverna natural. Nenhuma pedra luminosa iluminava o grande espaço, mas a luz fraca do dia me permitiu ver redemoinhos de granizo e neve caindo no meio da caverna.

A nevasca ainda não havia cessado. Segundo Mishal, poderia durar alguns dias. Essa possibilidade era péssima. Os Valos do Fogo, cavaleiros que eram – se tal termo pudesse ser aplicado a alienígenas bioprojetados – carregaram nossos suprimentos de comida, mudas de roupa e outros confortos que trouxeram para Amber e para mim. A perspectiva de passar fome nos próximos dias não me agradava nem um pouco. Ao contrário da floresta sem fim pela qual viajamos em nosso caminho até aqui, não havia frutas para colher nas proximidades, sem falar de caça. Eu só rezei para não ficar fraca demais para continuar a jornada até E'lek se não conseguisse encontrar os outros.

Pelo menos eu tinha água.

Eu estiquei o pescoço, olhando ao redor da caverna mal iluminada, na improvável esperança de que Amber e seus dois namorados valos tivessem encontrado refúgio aqui. Durante a viagem de cinco dias, seus constantes flertes, arrulhos e olhos arregalados me deixaram maluca. Eu não me importava com toda essa coisa de namorar um alienígena, e já tinha visto o suficiente durante meu tempo no *Concord* para ter ficado imune a ficar chocada com qualquer coisa, incluindo toda a coisa do ménage. Contanto que todos os envolvidos fossem adultos consentidos, não me importava o que eles fizessem em

particular. Mas testemunhar demonstrações públicas excessivas de afeto enquanto vagava por um planeta alienígena onde tudo queria um pedaço de você, enquanto eu morria de calor excessivo, começou a me irritar seriamente.

Onde quer que estejam, eles a manterão aquecida.

Afinal, namorar um par de fogueiras ambulantes tinha suas vantagens. Bem, exceto quando andamos no frio. Para caras tão grandes e fortes, eles certamente choramingavam e reclamavam como bebês quando se tratava de frio. Mesmo em minha miséria agonizante em Caldera, eu não choraminguei nem metade disso. Isso provou que os homens com dodóis eram todos iguais, humanos ou alienígenas. Apesar de tudo isso, eu só esperava que nenhum deles tivesse sido ferido por aquela fera e que tivessem encontrado um lugar seguro para se esconder.

Um movimento no limite da minha visão me assustou. Eu virei minha cabeça para a direita e semicerrei os olhos para a área mais escura da caverna. Segundos se passaram e nada aconteceu. Justo quando eu estava começando a pensar que meus olhos haviam me pregado uma peça, algo parecido com uma pequena luz brilhante pairou na escuridão. Eu continuei olhando para ela, tentando descobrir o que poderia ser, quando de repente ela mudou e dobrou.

Não luzes, olhos.

Eu gritei e pulei para trás, minha mão voando para o peito. Os olhos brilhantes olhavam diretamente para mim através da janela. Meu reflexo de fuga gritava para eu correr e me esconder, mas minha mente entendia que a quem ou o que eles pertenciam estava lá fora.

Mas e se ele puder entrar?

Meus olhos se voltaram para o segundo detector de movimento – que não duvidei por um momento que abrisse uma porta para aquela caverna – antes de retornar ao espreitador. Mas os olhos brilhantes já não olhavam na minha direção. Com o coração batendo forte, eu tentei identificar a forma da criatura a que pertenciam.

Então a criatura se moveu, saindo das sombras quando um segundo par de olhos brilhantes apareceu, olhando para o dono do primeiro par.

— Oh Deus!

Não é uma criatura: um Valo do Norte. Acordado. Eu observei com admiração quando seu corpo musculoso, nu, exceto pela tanga, entrou em meu campo de visão. Ele era maior que os outros valos que eu tinha visto abaixo. Lutador ou ginasta veio à mente. A luz fraca me impediu de notar qualquer inchaço ao redor de seu invólucro. Mas, diferentemente dos valos adormecidos, a pedra-corção pulsava em seu peito.

Enquanto ele avançava, eu lancei novamente um olhar de pânico

para o detector de movimento. Ele poderia entrar? Isso seria uma coisa ruim? E se eles não fossem tão amigáveis quanto os Valos do Fogo lembravam que eram? Pelo relato de Pel, desde a partida dos Criadores, há mil anos, as diferentes cidades valos perderam contato umas com as outras. As pessoas mudam, e um milênio era muito tempo para isso.

Você queria vir morar com eles....

Eu quis. Ainda queria. Eu não sobreviveria muito tempo neste lugar com água como único sustento. Agora, eu só precisava criar coragem para me revelar e rezar para que eles não me transformassem em uma pasta humana.

O valo não veio em direção à porta. Em vez disso, ele se dirigiu para a entrada da caverna, aparentemente imperturbável pelas rajadas de vento e granizo. Seu companheiro se aproximou dele, me dando uma boa olhada em seu corpo também muito sexy. Este era ainda maior que seu amigo “lutador” e me lembrou um fisiculturista.

Nenhum deles pareceu me ver quando passaram pela janela, embora eu estivesse bem no meio dela. Me ocorreu então que aquilo devia ser algum tipo de vidro unidirecional.

Os dois homens – machos – ficaram lado a lado, conversando enquanto olhavam para a forte nevasca. Ambos carecas, cada um deles tinha a mesma trança que eu tinha visto parcialmente em seus parentes adormecidos. Ela pendia até o meio das omoplatas, apontando para o traseiro bem arredondado. Meu rosto esquentou de vergonha ao me pegar olhando maliciosamente para os alienígenas desavisados.

Tecnicamente, você é a alienígena. Eles são os habitantes locais.

Certo. Ainda assim, meus olhos gostaram particularmente da bunda do Lutador e não conseguiam parar de observá-la.

O Fisiculturista deu mais um passo em direção à saída e meu coração deu um pulo no peito.

Eles estão falando em ir embora?

Eu não poderia arriscar que eles pegassem a estrada sem mim. Com a tempestade violenta, eles desapareciam de vista em segundos, pois eu não conseguia ver mais do que alguns metros à minha frente. Se eles me deixassem aqui, minhas chances de sobrevivência caíam drasticamente. Sem pensar mais, eu corri para o segundo detector de movimento e acenei com a mão na frente dele.

A parede se abriu com um ruído sibilante, seguido por um som suave quando a porta se abriu rapidamente. Assustados com o som, as cabeças dos dois valos se viraram em minha direção. O choque lentamente se transformou em horror em seus rostos quando eles se viraram para mim. A rajada de vento fresco que me atingiu não provocou o arrepio que percorreu minha espinha; mas sim as suas

expressões agora rosnares.

— *Rakheeja!* — o Fisiculturista sussurrou com pavor, como se alguém invocasse o nome do bicho-papão.

Um grunhido ameaçador surgiu de ambas as gargantas, transformando meu sangue em gelo. Suas pedras-coração queimavam enquanto seus corpos cresciam em altura e massa, com sons de estalos. Como um cervo diante dos faróis, eu fiquei paralisada, hipnotizada pela transformação deles e pelo brilho cada vez maior de seus olhos – ou, mais precisamente, dos olhos do Lutador. Fragmentos de gelo em forma de cristal de tamanhos variados projetavam-se de sua pele como pontas, e grossas placas de gelo semelhantes a armaduras cobriam seus corpos e pedras-coração. Eu já tinha visto os Valos do Fogo se transformar várias vezes para reconhecer isso como a forma de batalha dos Valos do Norte.

Exceto que, desta vez, eu era o alvo que eles pretendiam atacar.

Saindo da minha paralisia, eu levantei as duas mãos diante de mim em sinal de rendição e balancei a cabeça.

— Estou desarmada! Eu não sou uma ameaça! Paz!

— *Rakheeja!* — o Fisiculturista gritou, desta vez como um grito de guerra.

— Não! Não! — eu implorei.

Balançando a cabeça ainda mais freneticamente, eu dei um passo para trás, pronta para ativar o sensor de movimento novamente. Apesar de sua nova forma aterrorizante, o rosto do Lutador permaneceu reconhecível, e algo semelhante a hesitação cruzou suas feições. Uma tempestade de ansiedade torceu minhas entranhas enquanto me agarrava à esperança de poder argumentar com ele.

— Amiga — eu disse, abrindo mais os braços e inclinando a cabeça no que eu esperava que fosse uma postura submissa — Eu venho em paz.

O Lutador me lançou um olhar preocupado, com um pouco de sua agressividade vazando. No entanto, o Fisiculturista levantou seu punho – maior que minha cabeça em sua forma de batalha – e o estendeu em uma longa e afiada ponta de gelo... uma espada... algo que doeria como o inferno se eu fosse empalada nela, e avançou em minha direção com um rugido selvagem. O Lutador tentou conter o amigo, mas sua mão só atingiu o ar.

Com um grito, eu me joguei no detector de movimento e a porta se fechou, apenas um segundo antes de um grande estrondo ressoar quando o valo bateu contra ela. Na minha ânsia de me afastar da porta, eu tropecei e caí de bunda com um baque forte. A dor irradiava pelas minhas pernas e pela minha coluna, vindo do meu pobre traseiro, já amaciado pela minha queda inicial na toca do coelho, mas eu estava assustada demais para me preocupar com isso naquele

instante.

Eu gritei com outro estrondo alto, e então me levantei, estremecendo. Lançando um olhar de pânico ao redor da sala, eu me perguntei onde me esconder caso eles conseguissem passar. Respirando pesadamente, um pouco hiperventilando, minhas mãos agarraram minha túnica, minhas unhas cravando nas palmas das mãos através do tecido.

O que eu poderia usar como arma?

Não que isso me fizesse algum bem contra eles se eles fossem tão durões quanto os Valos do Fogo. Meu cérebro esgotado registrou então a ausência de um terceiro estrondo.

Eles estão procurando o interruptor?

Eu me encostei na janela para olhar para fora. Para minha surpresa, os valos não estavam mexendo na porta, mas sim tendo uma animada discussão. O Lutador parecia estar tentando acalmar o Fisiculturista. Outra chama de esperança surgiu dentro de mim.

Enquanto a conversa continuava, o Fisiculturista olhou na direção da porta algumas vezes antes de finalmente parecer concordar com o que quer que Lutador estivesse dizendo. Ambos abandonaram suas formas de batalha e eu poderia ter chorado de alívio.

Um sentimento de curta duração...

Com a palma da mão levantada, o Lutador gesticulou para que Fisiculturista permanecesse parado antes de dar uma olhada na parede da caverna. Com passos determinados, ele marchou em direção à porta. Me movendo para o outro lado da janela, eu pressionei meu rosto ainda mais contra ela, em um esforço para ver o que ele estava fazendo. Não ajudou, é claro, mas isso não me impediu de tentar. Embora eu não pudesse ver seus dedos, a maneira deliberada como seu braço se movia e a altura geral de sua mão confirmaram que ele estava procurando um interruptor.

A vontade de fugir e se esconder voltou com força. Seria inútil, no entanto. Se eles soubessem como encontrar o interruptor aqui, encontrariam todos os outros aqui dentro. O Lutador acalmou seu amigo, certamente eu poderia argumentar com ele, certo? Nos dois segundos e meio que levei para me fazer essa pergunta, o clique da porta se abrindo tirou todas as minhas opções.

Eu dei alguns passos para trás quando a imponente figura do Lutador entrou na sala. Mais uma vez, eu levantei minhas mãos em sinal de rendição, meus olhos implorando. Ele parou alguns metros na frente da porta, com as costas retas, os braços soltos ao longo do corpo. Ele me lançou um olhar avaliador antes de lançar um olhar ao redor da sala.

— *Akshiba!* — O Lutador exclamou, chocado ao ver o laboratório e seu povo congelado — *Zaktaul!* — ele gritou para seu amigo, ainda do

lado de fora.

O fisiculturista invadiu a sala, seu olhar seguindo o dedo que o lutador apontou para as alcovas criogênicas.

— *Akshiba...* — o Fisiculturista sussurrou.

Sua expressão de admiração se transformou em raiva indignada enquanto sua cabeça se voltava lentamente para mim. Um grunhido saiu de sua garganta. O Lutador colocou uma mão no peito do Fisiculturista, impedindo-o de avançar em minha direção, e falou com ele em tom urgente em uma língua que eu não entendi. Pela primeira vez desde a minha chegada a Sonhadra, eu me culpei por não ter aprendido a língua local como os outros.

Eu bati no peito e balancei a cabeça negativamente, enquanto apontava para as alcovas, rezando para que entendessem que eu não tinha nada a ver com isso. Enquanto os ombros do Fisiculturista relaxavam e ele abria os punhos, eu acreditei que as palavras do Lutador – mais que meus apelos patéticos – o haviam influenciado. Eles continuaram conversando por um momento quando percebi a palavra “humana” em meio a um mar de palavras estrangeiras.

— Sim! — uma onda de esperança passou por mim enquanto eu balançava freneticamente a cabeça em concordância e batia no peito — Humana! Eu sou humana!

Mas e se eles odiarem os humanos?

Com os olhos arregalados, eu preendi a respiração enquanto meus dedos torturavam o tecido da minha túnica. Eles trocaram mais algumas palavras e todos os sinais de agressão desapareceram do Fisiculturista. Seu olhar vagava lentamente por mim, me estudando como um estranho inseto sob um microscópio.

O Lutador deu um passo à frente e eu enrijeci.

Ele apontou um dedo para mim — Humana — ele disse, com sua voz profunda e retumbante. Gesticulando entre ele e o Fisiculturista, ele disse — Valos.

Ah, Deus, sim! Ele está tentando se comunicar!

Eu balancei a cabeça com grande energia — Sim. Humana — eu disse, apontando para mim mesma.

O Lutador colocou a mão sobre sua pedra-corção — Duke — ele disse antes de se virar para seu companheiro e colocar a mão em seu ombro — Zak — ele disse.

Esses são os nomes deles. Que estranhamente humanos!

— Duke — eu repeti apontando para ele — Zak — eu disse apontando para o Fisiculturista e, em seguida, colocando a mão sobre o peito, eu disse — Kira.

Duke inclinou a cabeça para o lado e disse — Kira — um sorriso lento esticou seus lábios, revelando duas fileiras de dentes brancos e afiados.

Eu não sabia dizer se era a textura profunda e um tanto rouca de sua voz, a maneira como ele girou o r em meu nome, seu sorriso feroz ou o estresse do dia finalmente cobrando seu preço, mas de repente eu me senti fraca nos joelhos. Um único pensamento repetia em minha mente.

Eu estou tão fodida.

A pequena mulher cheirava a medo. Ela despertou meus instintos protetores e eles exigiram que eu a acalmasse. Seus olhos baixaram para minha boca e sua garganta se moveu enquanto ela engolia de forma audível. Eu percebi que meus dentes afiados provavelmente a deixavam desconfortável. Lydia sempre provocava seu companheiro, Qaezul, para não usá-los para devorá-la. Ela não se importava mais com eles, mas Kira precisaria de tempo para se acostumar conosco.

Isso implica que ela ficaria conosco.

Minha mente me ordenou a proceder com cautela. De onde ela veio? Como ela encontrou nossas tribos perdidas que quase perdemos a esperança de algum dia rastrear? Como ela sabia desse lugar que meus irmãos e eu não descobrimos há mais de mil anos?

Quando a porta secreta se abriu pela primeira vez e eu a vi ali parada, a minha pedra-corção quase implodiu, pensando que os Criadores haviam retornado. Ela poderia ter sido filha de Tarakheen. Nossa Criadora tinha pele pálida, nariz pontudo e textura de cabelo semelhantes aos de Kira. Se não fosse por sua estatura menor e feições mais suaves, ela poderia ter sido um dos Estranhos. No entanto, os Estranhos e sua líder, Tarakheen, tinham traços faciais angulares e esculpidos e olhos notavelmente maiores que os humanos.

Sua ignorância da nossa língua, mas especialmente aquele gesto negativo com a cabeça que Lydia fazia tantas vezes, me convenceu de que ela não era uma Criadora. Mas onde ela esteve todo esse tempo? Lydia veio até nós cinco ciclos lunares atrás. Nenhum outro humano que sobreviveu à queda de sua prisão chegou a E'lek com vida. Alguns cadáveres em suas roupas laranjas de prisioneiros foram levados ao longo do rio. Os Caçadores e Coletores também encontraram alguns cadáveres meio comidos no planalto enquanto colhiam produtos que não podiam crescer ou prosperar em nossas terras congeladas.

E onde ela adquiriu essas roupas?

O tecido de sua túnica e calçado não era de fabricação humana. Embora o padrão de suas coberturas gritasse gostos questionáveis, o material em si rivalizava com aqueles usados para fazer os vestidos e

outras roupas de Tarakheen.

Haveria tempo para obter respostas mais tarde. Por enquanto, eu precisava mandar Zaktaul para longe dela. Eu não me preocupava mais que ele pudesse machucá-la, mas nós dois nos elevando sobre Kira a aterrorizava. Por mais que eu desejasse ir verificar nosso povo, eu precisava primeiro controlar a situação da humana.

— Vá avaliar a situação das tribos — eu disse a Zaktaul — Eu vou cuidar da humana e verificar se há outros.

— Sim, Duekeln — Zak respondeu.

Assim que ele deu um passo à frente, Kira recuou até que a parede impediu sua retirada. Seu peito subia e descia em rápida sucessão enquanto ela observava sua aproximação. Zak manteve-se perto da grade, o mais longe possível dela, o que pareceu aliviar alguns de seus medos. Eu fiquei grato por seu comportamento atencioso.

O olhar dela seguiu as costas dele enquanto ele se dirigia para as alcovas, depois voltou para mim. A comunicação seria um desafio que precisaríamos resolver rapidamente.

— Kira, uma humana — eu disse, levantando um dedo diante dela. Eu levantei um segundo dedo e acenei para a sala — Dois humanos?

Ela olhou para meus dedos, parecendo um pouco confusa no início, até que a compreensão marcou suas feições. A julgar pela expressão dela e pela maneira como ela mordeu o lábio inferior, eu percebi que ela queria mentir. Eu estreitei os olhos para ela e ela engoliu em seco novamente.

Após uma breve hesitação, ela pareceu tomar uma decisão. Ela levantou um dedo e disse — Kira — ela ergueu um segundo dedo e disse — Amber, humana — antes de apontar pela janela na entrada da caverna.

Se ela quis dizer que uma humana chamada Amber estava lá fora, na nevasca, então sua companheira provavelmente havia morrido, se não pelos elementos, então pelas criaturas que preferiam caçar durante as tempestades, quando a falta de visibilidade lhes permitia pegar suas presas desprevenidas. Mas Kira não havia terminado.

Ela levantou um terceiro dedo — Mishal, valo — e um quarto — Pel, valo.

Eu franzi a testa, me perguntando se tinha entendido corretamente que dois valos estiveram com ela.

Kira apontou para fora, depois me mostrou três dedos e repetiu — Amber, Mishal, Pel.

Ela então fez um assobio como o vento soprando e cobriu os olhos. Ela mais uma vez apontou para fora, baixando a cabeça e colocou as palmas das mãos na frente dela, como se quisesse proteger o rosto dos ventos fortes. Eu entendi que eles estavam andando em meio à nevasca.

A pequena mulher levantou três dedos da mão direita e nomeou seus três amigos, depois levantou um dedo da mão esquerda. Ela colocou as duas mãos lado a lado antes de separá-las.

Ela se separou de seus amigos na nevasca.

Eu balancei a cabeça da maneira humana. Embora tenha se tornado uma segunda natureza para Qaezul usar esses gestos aprendidos com sua companheira, eu raramente o fazia, exceto pelo dar de ombros que achei útil em muitas situações. O relaxamento dos ombros de Kira e seu sorriso cuidadoso me disseram que tinha sido a escolha certa. Mas eu precisava saber mais sobre Pel e Mishal.

— Valos? — eu perguntei, mostrando dois dedos.

Ela assentiu e vasculhou o bolso que eu não tinha notado em sua túnica. Meus olhos se arregalaram ao ver a pedra brilhante de fogo.

— A Cidade na Caldera? — eu perguntei, não escondendo a surpresa na minha voz.

Foi a vez dela parecer atordoada antes que seu sorriso florescesse. Uma sensação estranha agitou minha barriga. A voz de Kira me distraiu de pensar nisso.

— Sim — ela disse — Mishal, Pel, Amber e Kira Kaim *dah* Caldera pra E'lek.

Eu não entendi metade das palavras dela, mas seu gesto em linha reta, quando disse o nome de nossas respectivas cidades, deixou claro o que ela queria dizer.

O que Valos de Fogo poderiam querer de nós?

Essas perguntas teriam que esperar até que seu dispositivo de tradução me entendesse. Pelo menos isso explicava suas roupas de Criadora e como ela aprendeu a operar os interruptores ocultos.

Eu lancei um olhar para Zak, ainda perambulando por nossos parentes adormecidos. Quando me virei para Kira, seus olhos estavam colados na minha pedra-corção, examinando meu peito como se procurasse por algo. Eu inclinei a cabeça para o lado e levantei uma sobrancelha curiosa. O rosto de Kira ficou com um lindo tom de rosa quando ela percebeu que tinha sido pega olhando.

Aquela sensação estranha, mas agradável, agitou-se novamente em minha barriga, e minha pedra-corção aqueceu. Ela parecia tão diferente de Lydia, cuja pele escura e cabelos inchados ainda nos fascinavam. Sua pele nunca mudou de cor como a de Kira. Então, novamente, talvez tenha mudado, mas seu tom mais escuro impediu que isso aparecesse. Eu me perguntei como a textura do cabelo de Kira seria diferente do de Lydia.

Mas o mais importante é que me perguntei como ela se sairia em nosso clima frio.

Nos meses que se seguiram à chegada de Lydia a E'lek, ela nos contou muito sobre seu mundo natal e que os humanos existiam em

diferentes tonalidades, alturas e tamanhos, com traços étnicos que distinguiam as diferentes culturas que constituíam a raça humana. Eu não poderia imaginar uma diferença tão notável.

Gesticulando para que ela me seguisse, eu fui em direção às outras salas do laboratório oculto. Embora eu não achasse que ela tivesse mentido sobre estar sozinha aqui, eu precisava ter certeza de que o local era seguro e que nada nos atacaria enquanto Zak e eu cuidávamos de nosso povo. Eu precisava especialmente saber se outros membros da minha família haviam sobrevivido.

Demorou pouco para concluir o tour pelo laboratório. Além da pia da sala de higiene ainda estar molhada, o local não era usado há algum tempo. Isso apoiou sua afirmação de que ela se separou de seus companheiros durante a nevasca, que só começou horas antes.

E que vai durar pelo menos mais dois dias.

Kira me seguiu a uma distância segura, embora o espaço entre nós tivesse diminuído desde que comecei a explorar os quartos. Descobrir a porta dos fundos para os túneis subterrâneos que percorrem toda a extensão das vastas planícies congeladas acima me deixou sem palavras. As chances de tropeçar nessa entrada eram quase nulas. Foi uma bênção que Kira e seus companheiros estivessem viajando nesta área no momento em que a nevasca começou.

E foi uma bênção ainda maior que Zaktaul e eu tivéssemos buscado refúgio aqui.

Ela olhou para Zak com cautela quando nos juntamos a ele nas alcovas. Minha pedra-coração pulsou ao olhar para tantos rostos familiares e amados que acreditávamos termos perdido para sempre. Sem a humana, talvez nunca os tivéssemos encontrado.

— Algo está errado com eles — Zaktaul disse em um tom sombrio.

Minha cabeça virou-se para Coelvek, o líder da tribo U'gar, congelado na alcova diante de nós. No começo, eu não vi nada de errado com ele, então um leve inchaço e escurecimento da pele ao redor do invólucro da pedra-coração chamou minha atenção. Zaktaul me deu um rápido resumo de suas descobertas sobre o estado de nossos parentes. Os valos mais doentes foram agrupados em pequenas câmaras, divididas por tribo. A primeira sala continha meu povo, a tribo A'zuk. A segunda sala continha a tribo U'gar de Coelvek, e as duas últimas salas abrigavam respectivamente a tribo O'tuk e a tribo I'xol. A sala central misturava os membros mais saudáveis de todas as tribos combinadas.

É por isso que eles não tornaram suas pedras-coração inacessíveis.

Antes de retornarem às estrelas de onde vieram, nossa Criadora, Tarakheen, e seu povo, os Estranhos, prenderam nossas pedras-coração para que não pudéssemos alcançá-las; nos deixando como servos estúpidos sem mestre para seguir. Sem a chegada abençoada de

Lydia, ainda estaríamos presos em nossa hibernação sem fim, morrendo um por um. Mas nossos parentes das tribos perdidas não conseguiram se libertar dessas prisões. Mesmo que o fizessem, o que quer que estivesse causando a disseminação da infecção acabaria com eles com o tempo.

— Devemos informar os outros imediatamente — Zak disse.

— Concorde — eu disse — mas não podemos viajar até que a nevasca se acalme.

Zaktaul me lançou um olhar chocado — Esperar? Com essas notícias?

— Há uma razão para termos parado nesta caverna, meu irmão — eu disse com uma voz paciente. Zaktaul estava sempre ansioso para agir. Às vezes isso o tornava impulsivo e muitas vezes o colocava em apuros — As tribos estão aqui há mil anos. Suas pedras-coração ainda brilham. Mais dois dias não farão diferença.

Eu me virei para olhar para Kira, que nos olhava com preocupação, incapaz de entender nossas palavras.

— Ela também não conseguirá nos acompanhar e seria injusto fazê-la viajar nessas condições — eu acrescentei.

Zaktaul deu uma olhada nela e ela se abraçou, percebendo que estávamos discutindo sobre ela.

— Então você fica com ela — Zak disse — Eu voltarei com os Anciãos em três dias.

Pela sua expressão teimosa, Zak não se deixaria intimidar, então não perdi meu tempo discutindo. Sozinho, seria mais fácil para ele chegar à cidade com segurança e desviar de qualquer criatura à espreita na neve ofuscante. Embora pertencesse à classe Mineradora, ele se tornou um Caçador depois que as gemas e o minério sob a cidade foram esgotados. Apesar de sua massa maior, ele aprendeu a se mover com rapidez e eficiência, a detectar presas e predadores e as melhores táticas para derrubá-los ou evitá-los. Como Construtor, eu não poderia fazer ostentações semelhantes.

— Muito bem — eu concedi.

Zaktaul se virou para Kira, embora tenha se dirigido a mim — Ela precisará de sustento até então?

Mais uma vez, minha pedra-coração aqueceu com a oferta inesperada e atenciosa. Kira realmente precisaria de comida, especialmente se seu apetite fosse remotamente comparado ao de Lydia. Eu teria entrado nos túneis em busca de alguma presa pequena e torcido para não tropeçar em algo enorme, como um orzarix, mas ele se sairia muito melhor do que eu.

— Ela vai — eu disse, antes de dar a ele um breve resumo do que ela havia me contado sobre se separar de seus companheiros, incluindo os dois Valos do Fogo.

— Mais um motivo para eu retornar a E'lek e avisar os outros sobre a chegada de visitantes — Zaktaul disse — Eles podem enviar um grupo de busca se não aparecerem depois que a nevasca acalmar.

Neste ponto, eu concordei. A curiosidade me atormentava quanto ao propósito dos Valos do Fogo. Pelo menos, eles deveriam ser capazes de cuidar da outra humana.

— Eu irei caçar para a mulher — Zak disse, indo para a porta dos fundos.

— Obrigado, meu irmão — eu disse, tocando dois dedos na minha pedra-corção em um gesto de gratidão.

Eu o observei até que a enorme porta se fechou atrás dele, e então me virei para Kira. Seus olhos amarelo-esverdeados-azulados encontraram os meus e, por um momento, o tempo parou.

Capítulo 4

Kira

Empoleirada na cadeira de jantar desajeitadamente alta, eu observei Duke cortar o animal que Zak havia trazido dos túneis antes de partir. Eu não sabia muito bem por que Zak tinha saído com tanta pressa, em meio à tempestade violenta, para voltar para E'lek – isso se eu havia entendido corretamente. Embora eu não admitisse, estava grata por eles não terem me forçado a enfrentar a nevasca e especialmente grata por Duke ter ficado comigo.

Ele ainda me assustava... um pouco. Mas era melhor do que ficar sozinha com mais de cem valos congelados, perdida no meio do nada, com criaturas cruéis ansiosas por comer um pedaço de mim. Isso também me poupou da preocupação de alguns outros valos aparecerem e ficarem furiosos quando colocassem os olhos em mim.

Eu não consegui conciliar a reação inicial e agressiva de Zak de “Quero bater na sua cara”, com esta generosa oferta de comida. Ele se aventurou sozinho nos túneis e voltou talvez meia hora depois com o que parecia ser um cruzamento entre uma cabra e uma ovelha anã com dentes de tubarão. Eles chamavam isso de rikshu, ou algo parecido. Era grande o suficiente para alimentar nós dois por alguns dias. Eu nem me importei com a falta de sal aqui; pelo menos eu não morreria de fome nos próximos dias.

Meus olhos continuavam lançando olhares furtivos para Duke enquanto ele metodicamente esfolava, cortava e fatiava o animal, não com uma faca, mas com sua própria mão transformada em uma lâmina de gelo louca e afiada. Seu rosto estranho me pareceu estranhamente atraente com sua testa larga, queixo quadrado e aquele lábio inferior carnudo e provocador. A forma como seus músculos ondulavam e dançavam com cada movimento me deixou com água na boca ainda mais do que a promessa de comida.

Eu não conseguia entender por que minha mente continuava vagando de volta ao território perverso. Envolvimentos românticos – ou amizades coloridas – deveriam ser a coisa mais distante da minha mente agora. No entanto, toda vez que nossos olhos se encontravam, meu estômago dava uma cambalhota engraçada. Zak também era

gostoso, mas não provocou a mesma reação em mim. Então, novamente, o medo de que ele se tornasse selvagem comigo dominava de alguma forma qualquer outra emoção possível quando se tratava dele.

Mas, apesar de todo o frio na barriga que o corpo delicioso e o rosto bonito de Duke provocavam, seu balbucio constante devia ser o maior desestímulo do século. O homem simplesmente não calava a boca. Eu não me importaria tanto se entendesse o que ele dizia, mas não entendia! Cada vez que eu apontava isso para ele, ele me dava um sorriso indulgente, acenava com a cabeça em compreensão e depois continuava como se eu não tivesse dito nada.

O contraste entre o valo calmo e digno que manteve seu amigo sob controle me deixou cambaleando. De vez em quando, eu pensava ter reconhecido uma palavra, mas ela se afogava no fluxo interminável de sua diarreia verbal. Então, eu o desliguei e não fiz nenhum esforço para esconder isso.

Isso não o intimidou. Nem. Um. Pouco.

Eu parei de contar quantas idas falsas fiz ao banheiro para me aliviar. Seu sorriso divertido me disse que ele não estava enganado. Ele ficava quieto enquanto eu saía, me concedendo alguns momentos de silêncio abençoado. No minuto em que eu voltava, ele continuava falando monotonamente. Perplexa, eu não sabia se deveria gritar para ele calar a boca, sair ou apenas tapar os ouvidos com as duas mãos. O pior é que ele nem parecia se importar com as histórias que não conseguia parar de contar. Sua voz, embora bonita, falava desapaixonadamente, como um aluno recitando uma lição que precisava memorizar.

Quando ele finalmente terminou de comer a carne, eu peguei dois bifés grossos para mim e perguntei quais pedaços ele queria. Ele indicou que não comia. Isso não foi nenhuma surpresa, já que os Valos do Fogo também perderam a necessidade de comer depois que os Criadores os transformaram em valos. Duke me lançou um olhar desapontado quando insisti em cozinhar minha própria comida.

No meio do cozimento da carne, eu decidi que já estava farta. Seus olhos se arregalaram, seu brilho se intensificando enquanto eu marchava até ele e cobria sua boca com a mão.

— Quietos! — eu sibilei — Nem mais uma palavra. Basta!

Ele franziu a testa. Seus lábios se moveram contra a palma da minha mão enquanto ele tentava dizer mais alguma coisa. Eu apertei ainda mais sua boca.

— Não! — eu disse, apontando um dedo ameaçador para ele.

Nós mantivemos o olhar um do outro pelo que pareceu uma eternidade, e então senti seus lábios se abrirem em um sorriso sob minha palma. Isso fez cócegas e acendeu um fogo na minha barriga.

Como diabos eu poderia ficar excitada por um homem tão chato?

Eu lentamente levantei minha mão de seu rosto, ainda chocada com minha ousadia. Sua pedra-coração brilhou e seus lábios se contraíram. No minuto em que eu me afastei para verificar a carne, ele começou a falar novamente. Irritada, eu tirei a carne da placa de aquecimento, me virei e o mandei sair da cozinha. Lutando visivelmente contra a vontade de rir, ele pegou a carcaça do rikshu.

Eu observei fascinada enquanto ele agitava a palma da mão aberta sobre o sangue que cobria a mesa. Ele o solidificou em uma camada fosca. Ele acenou com a mão novamente e, desta vez, o sangue congelado se dobrou em um rolo sólido, deixando a mesa imaculada. Duke pegou o enrolado de sangue e saiu da cozinha sem fazer barulho.

Dividida entre a irritação e a admiração, eu suspirei e voltei para o fogão para terminar de preparar minha refeição. O aroma delicioso fez meu estômago roncar e minha boca salivar. Eu olhei para a porta fechada da cozinha e quase me senti culpada. Ele foi gentil e protetor comigo, e eu não teria me importado de ter companhia durante a refeição. Mas maldito homem, ele testaria a paciência de um santo. Pior ainda, ele parecia estar fazendo isso de propósito. Esse era o senso de humor dos Valos do Norte?

Eu subi em uma das cadeiras muito altas e me acomodei para comer. O sabor da carne na minha língua quase deu um orgasmo às minhas papilas gustativas. Minha irritação com Duke derreteu como neve sob um sol tropical. Mesmo sem condimentos, a gordura da carne deu-lhe um tempero próprio, mantendo-a macia e succulenta. Quase tinha gosto de carne bovina, mas com um tom levemente de caça, como carne de veado ou javali.

Na minha fome, eu praticamente aspirei o primeiro bife. Depois de aliviar o estresse, eu aproveitei o tempo para saborear o segundo, forçando as últimas mordidas em minha barriga cheia. Apesar disso, eu ainda lambi os dedos e considerei lambar o prato.

Minha mãe me ensinou melhor do que isso.

Um lampejo de dor apunhalou meu coração ao pensar em minha mãe. Eu tinha me saído muito bem nos últimos meses, mantendo minha família fora da minha mente. Dois anos após minha sentença de prisão perpétua, trancada em uma penitenciária espacial por causa de um erro estúpido, faria isso com qualquer um. Nós, Lindbergs, éramos um grupo muito unido e eu estraguei tudo.

Afastando os pensamentos sombrios, eu peguei meu prato e limpei tudo. Com o estômago cheio a ponto de estourar, as provações do dia finalmente me alcançaram. Um cansaço intenso tomou conta de mim. Eu caminhei grogue até o banheiro para lavar as mãos e o rosto.

Assim que saí da cozinha, meus olhos se concentraram no corpo

musculoso de Duke, que pairava sobre o que parecia ser uma enorme placa de gelo que ele usava como mesa. De onde eu estava, ele parecia estar limpando os ossos do rikshu, com a pele esperando pela sua vez no canto mais distante da mesa. Pela reverência com que ele esculpiu todas as partes comestíveis do animal e as guardou nas unidades de resfriamento, eu percebi que Duke – se não seu povo como um todo – não acreditava em desperdício ou desonra de presas. Ele aproveitaria cada parte da presa de Zak.

Como deveria ser.

Duke me observou ir ao banheiro. Embora ele permanecesse em silêncio, eu pude sentir o peso do seu olhar me seguindo. Quando eu voltei e parei no topo dos três degraus que levavam à área principal, ele parou e me encarou. Ele não entenderia minhas palavras, mas avisar que eu estava indo para a cama parecia a menor das cortesias.

Eu bati no peito, apontei para a cozinha, coloquei as palmas das mãos unidas na bochecha e fechei os olhos no símbolo universal do sono. Considerando que os Valos do Fogo não dormiam, era provável que Duke também não. Então, eu não tinha certeza se ele entenderia. No entanto, ele assentiu em compreensão e voltou à sua tarefa.

Por alguma razão, isso doeu.

Me sentindo dispensada, eu me virei e fui até o banco largo em frente à mesa de jantar. Eu quase gemi de prazer com a maciez da almofada. Depois de cinco dias dormindo no chão durante nossa viagem de Caldera, o conforto parecia celestial. A Terra dos Sonhos me engoliu antes mesmo que minha cabeça tocasse um dos dois travesseiros vermelhos.



Jonah, o filho da puta doente que servia como guarda no Concord, me levou da minha cela para uma seção que eu nunca tinha visto antes, mas sobre a qual já tinha ouvido falar bastante. O maldito aproveitava todas as oportunidades para apalpar. Qualquer forma de desobediência, mesmo que apenas reclamar, seria uma desculpa para ele usar o bastão de choque. Se você fosse uma mulher, e mesmo remotamente atraente, era provável que você fosse arrastada para ser “disciplinada” por seu mau comportamento.

Embora eu soubesse que não deveria desafiá-lo, quando entramos na área de Ciência e Pesquisa da nave, eu não queria nada além de virar as costas e correr de volta para minha cela. Mesmo assim, eu mantive a boca fechada e forcei um pé na frente do outro. Nós passamos por duas grandes salas de operações e por uma série de celas de isolamento para reclusos “especiais”. Imaginar por que esses prisioneiros precisavam ser colocados

em quarentena da população em geral me fez estremecer.

Nós paramos em frente a uma porta comum. Jonah bateu e abriu a porta quando uma voz feminina nos convidou a entrar. Eu entrei atrás dele e congelei onde estava quando vi quem ocupava a mesa do pequeno e impessoal consultório médico.

— Ah, aí está você — disse a Dra. Edith Sobin.

Ela não se dirigiu a Jonah, seu rosto de cavalo voltado para mim. Um sorriso satisfeito e presunçoso dançou em seus lábios quase inexistentes.

— Mundo pequeno, não é, para que nos encontremos novamente aqui em cima nas estrelas? — ela perguntou, gesticulando com a mão para que eu me sentasse na cadeira em frente à sua mesa.

Olhando com cautela para o rosto rechonchudo de Jonah, eu circulei em torno da cadeira e fiz o que Sobin me ordenou. Ele tirou as algemas do cinto, sem dúvida para me prender à cadeira, mas a médica o dispensou. Embora grata, eu permaneci em silêncio e mantive minha expressão tão neutra quanto possível dadas as circunstâncias.

— Não há necessidade disso — Sobin disse — Kira não é uma criminosa endurecida. Estamos entre pessoas civilizadas. Não é, Sra. Lindberg?

Eu estremeci com a maneira fria e calculada como ela pronunciou as palavras, mas assenti mesmo assim.

Ela folheou as páginas de uma pasta na mesa à sua frente — Essa foi uma sentença bastante dura que eles deram a você pelo erro do seu namorado.

— Ele não era meu namorado — eu respondi, instintivamente. Quando ela ergueu uma sobrancelha duvidosa para mim, eu continuei — James e eu terminamos há quase um ano, especificamente por causa da bebida. Como mantivemos boas relações, as pessoas presumiram que ainda estávamos juntos.

— Você termina por causa da bebida e não apenas permite que ele faça uma cirurgia sob influência de álcool, como também o ajuda!

— Ele... ele me garantiu que estava bem.

E ele estava. Legalmente, seu nível de álcool estava logo abaixo do limite aceitável para poder dirigir. Mas em nosso campo, não era permitido nem uma única gota. Eu conhecia James o suficiente para saber que isso não afetaria seu desempenho. E embora eu soubesse que era errado, não pude dizer não quando ele me implorou para não denunciá-lo e deixá-lo operar.

— O paciente morreu — Sobin disse, em um tom gelado.

E não qualquer paciente. O filho de um político influente.

— Ele teria morrido de qualquer maneira — eu retruquei, não que isso importasse — O menino teria morrido de qualquer maneira. James não errou. Seu procedimento foi executado perfeitamente.

Por que diabos eu estava discutindo? Eu admiti abertamente que fui

criminosamente negligente ao permitir que James realizasse a cirurgia, mas Sobin me irritou.

— Seja como for, você fez a escolha errada, na hora errada e com o paciente errado — Sobin disse dando de ombros.

E a família enlutada queria culpar alguém e jogou tudo em nós para garantir que receberíamos a pena máxima. O que deveria ter sido a perda da licença para exercer a profissão e alguns anos de prisão, com liberdade condicional antecipada por bom comportamento, tornou-se uma sentença de prisão perpétua para os piores criminosos da Terra.

Ela se recostou na cadeira e me lançou um olhar avaliador — Alguns meses antes de sua queda em desgraça, você me entrevistou para um cargo de enfermeira cirúrgica e depois recusou minha oferta. Por que você fez isso? E não me venha com a mesma bobagem sobre não querer se separar da sua família. A verdade!

Eu me contorci na minha cadeira sob a intensidade fria de seu olhar.

— A natureza dos procedimentos que você estava realizando me deixou desconfortável.

Esse foi o eufemismo do ano. O que Sobin fazia era mais qualificado como antiético e imoral do que as ações de James ou meu mau julgamento. Durante anos, ela foi aclamada como uma mente científica, e sua pesquisa genética foi considerada uma das mais revolucionárias do nosso tempo. Depois de vários prêmios, começaram a circular rumores sobre suas práticas questionáveis em seres humanos, muitas vezes sem o seu consentimento. Quando ouvi pela primeira vez sobre um cargo com a ilustre Dra. Sobin, eu aproveitei a oportunidade... até que ela me deu um vislumbre de seu trabalho sob a mordaça de um NDA sólido como uma rocha.

Um pensamento horrível passou pela minha cabeça.

— Você teve algo a ver com isso? Você armou para que eu fosse enviada para cá? — eu perguntei, horrorizada.

Sobin bufou — Não se vanglorie, querida. Você era uma boa enfermeira, mas certamente não valeria esse tipo de intriga e conspiração. A providência a colocou de volta no meu caminho.

A repreensão doeu, mas eu realmente acreditei nela.

— Então, por que eu estou aqui? Você deseja que eu reconsidere? — eu perguntei.

Ela zombou — Oh não, querida. Esse trem já partiu. Talvez ele volte, algum dia. Eu não preciso de você como enfermeira neste momento. Eu tenho uma nova recruta chamada Lucie que é bastante capaz. Não, você, minha querida, irá me ajudar com minha pesquisa afinal. Veja, você tem algumas características genéticas que eu estava procurando.

Eu fiquei olhando, incrédula, enquanto ela explicava como eu seria a cobaia perfeita para sua pesquisa criogênica para um ramo secreto das forças armadas. Depois que ela concluisse seus experimentos, eu seria

capaz de baixar a temperatura do meu corpo para muito abaixo de zero, congelar objetos em segundos com um simples toque e até mesmo criar gelo e neve manipulando a umidade do ar.

Ela falou sem parar sobre os detalhes técnicos do procedimento. A cada palavra, sua voz se aprofundava e suas palavras ficavam arrastadas até se tornarem incompreensíveis. Estrangeiras. Alienígenas.

Meus olhos se abriram quando eu emergi brutalmente do meu sonho. Eu levantei a cabeça do travesseiro e encontrei Duke, sentado à mesa, limpando a pele do rikshu... e falando.

— Você está brincando comigo?! — eu exclamei.

Com a pedra-coração queimando, Duke se assustou e virou a cabeça em minha direção. Ele parou de falar no meio da frase e ficou boquiaberto para mim, com os olhos arregalados.

— O que diabos há de errado com você? — eu perguntei, sentando na minha cama improvisada — Você está louco? Estou tentando dormir e você entra aqui para falar de novo? SAIA!

Eu aponte para a porta, respirando pesadamente de raiva. Duke levantou-se, uma carranca marcando sua testa.

— Kira...

— NÃO ME VENHA COM KIRA! Eu não quero ouvir — eu gritei, tapando os ouvidos com as mãos — Saia, seu maluco! SAIA!

Eu me levantei e aponte para a porta novamente. Duke apertou a mandíbula, parecendo extremamente irritado.

Por que diabos ele é que está irritado!

Quando ele deixou de sair, eu fiz um gesto para que ele seguisse em frente e repeti — Fora, eu disse!

Duke respirou fundo com irritação, pegou sua parafernália de tintura de peles e saiu da sala.

— E fique fora!

Ele me lançou um olhar zangado por cima do ombro e foi trabalhar na mesa de gelo.

A porta da cozinha se fechou na minha frente e eu fiquei olhando para ela por um minuto, ainda me recuperando do que havia acabado de acontecer. Arrastando meus pés de volta para o banco, eu me deixei cair em cima dele, sentindo todos os tons possíveis de pânico. O que começou como um comportamento irritante mergulhou de cabeça em um território super assustador. O que foi isso, afinal? Se eu fosse supersticiosa, pensaria que ele estava tentando fazer uma lavagem cerebral em mim ou lançar algum feitiço estranho em mim.

Nem preciso dizer que demorei uma eternidade para adormecer novamente, e o menor som me fazia pular. Em algum momento, a exaustão tomou conta de mim e eu desmaiei novamente. De alguma forma, isso não se transformou no sono agitado e agitado que deveria ter resultado daquela experiência assustadora. Eu acordei do sono me

sentindo revigorada, embora ainda um pouco dolorida por causa do escorregão de barriga.

Quando abri os olhos, eu levei um momento para descobrir o que estava ao meu redor. A desconfortável e gigante mesa de jantar feita sob medida havia mudado de forma e foi reduzida ao tamanho humano. Duke ficou parado junto à porta como uma estátua, tão imóvel que me perguntei se ele teria se desligado de alguma forma. Ele olhou para frente, o brilho de seus olhos e da pedra-corção era bastante fraco. Assim que me sentei, sua cabeça se virou para mim e ele me deu um leve sorriso.

Eu sorri de volta, me sentindo estranha e tímida — Oi.

— Oi — ele disse de volta.

Eu me levantei e cruzei os poucos degraus até a mesa. Ele me observou em silêncio, parecendo um pouco tenso enquanto eu examinava seu trabalho. Ela tinha a altura perfeita e as pernas pareciam tão polidas que nem dava para perceber que ele havia modificado a versão original, mais alta. A cadeira deslizou quase silenciosamente no chão quando eu a puxei para me sentar de frente para ele.

Perfeição absoluta.

Olhando para cima, eu olhei para ele com admiração e gratidão.

— Obrigada — eu disse — Ficou maravilhoso e foi muito atencioso da sua parte.

Especialmente considerando como eu gritei com ele na noite passada. Mas, novamente, talvez essa tenha sido sua tentativa de se desculpar por seu comportamento bizarro. Como ele provavelmente não entendeu minhas palavras, eu pensei em como expressar meu agradecimento de uma forma que ele entendesse, mas ele não me deu oportunidade.

— Fico feliz que isso lhe agrade — Duke disse com um sorriso satisfeito — Você ficará mais à vontade para comer agora.

— Sim, com certeza...

Eu fiz uma pausa, meu queixo caiu.

Seu sorriso se alargou, assumindo um tom presunçoso.

— Eu entendi tudo o que você disse e você me entende! — eu exclamei, estupefata.

— Claro que sim — Duke disse dando de ombros — Eu ensinei meu idioma ao seu dispositivo de tradução, apesar de quão difícil você tornou isso. Agora você pode falar minha língua.

Eu pisquei em confusão — Você ensinou meu dispositivo...?

Minha voz sumiu enquanto eu pensava nos acontecimentos do dia anterior. Obviamente eu sabia que meu dispositivo de tradução poderia aprender idiomas, mas humanos. Nunca, em um milhão de anos, eu teria imaginado que ele também poderia aprender

alienígenas. Nossa gramática e sintaxe deveriam ser radicalmente diferentes para que o computador pudesse descobrir. Lucie e Amber aprenderam a língua dos Valos do Fogo. Como elas estavam romanticamente envolvidas com múltiplos parceiros Valos – os Valos do Fogo acasalando em tríades – fazia sentido que elas aprendessem a se comunicar.

Eu passei o dedo no implante atrás da orelha, percebendo que a tagarelice interminável de Duke tinha sido para treinar meu dispositivo.

Ele estava tentando nos ajudar, mas eu gritei com ele e o chamei de maluco.

Meu rosto queimou de vergonha. Com minha pele pálida, ela devia estar entre o tom de lagosta cozida e vermelho carmesim. Ele inclinou a cabeça para o lado, seus olhos brilhando mais e suas sobrancelhas cristalinas se contraindo.

— Certo... eu não sabia. Você deveria ter me contado o que estava fazendo. Você estava começando a me assustar.

— Quando tentei explicar, você me expulsou — ele brincou.

Eu me contorci desconfortavelmente na minha cadeira.

— Me desculpe — eu murmurei.

Ele sorriu — Não precisa se desculpar. Felizmente, isso está feito agora. Eu estava sem ideias sobre o que falar.

A tentativa óbvia de Duke de me deixar à vontade só me fez sentir mais culpada. Ele poderia ter esfregado isso na minha cara e me feito rastejar por perdão. Eu estava começando a suspeitar que por baixo de seu exterior grande e durão, Duke poderia na verdade ser um ursinho de pelúcia fofo.

— Então, hmm, quanto tempo demorou?

Ele encolheu os ombros — Cerca de sete ou oito horas. Com Lydia, demorou apenas quatro horas, mas ela foi aberta e disposta.

Meu queixo caiu e eu ignorei o pequeno comentário sobre Lydia, quem quer que ela fosse. Pelos meus cálculos, ele falou talvez um pouco mais de algumas horas enquanto eu estava acordada. Eu não dormia há cinco horas quando acordei do meu “pesadelo” no *Concord* e o encontrei conversando comigo. Meus olhos se estreitaram para ele.

— Você voltou para falar comigo depois que eu te expulsei ontem à noite?

Ele mordeu o lábio inferior carnudo e coçou a barriga, logo abaixo do umbigo, parecendo um pouco envergonhado.

— Sim — ele admitiu relutantemente.

Eu ri e balancei a cabeça em descrença. Ele respondeu com um sorriso tímido.

— Então, como você sabia quando parar? — eu perguntei.

— Quando você falou enquanto dormia e me disse para calar a

boca na minha língua.

Desta vez, eu comecei a rir e seu sorriso se alargou. Eu amei como isso o suavizou. Duke era definitivamente um ursinho de pelúcia.

Um ursinho de pelúcia com um rosto fofo e alienígena e um corpo digno de babar.

Eu forcei meus olhos a permanecerem em seu rosto, em vez de vagar por aquele corpo delicioso dele — Bem, obrigada por não desistir. Foi realmente uma pena não ser capaz de entendê-lo. E um milhão de vezes obrigada por ajustar a mesa e as cadeiras para mim. Isso foi muito atencioso da sua parte, especialmente vendo o quão malvada eu fui.

Os dedos de Duke voltaram para sua barriga e ele mais uma vez coçou abaixo do umbigo. Eu estava começando a suspeitar que isso era um sinal de nervosismo ou timidez.

— Fico feliz por tê-la agradado, Kira — ele se mexeu, se voltando para o chão e depois para a parede, antes de pigarrear — Você deve estar faminta. Quanta carne você gostaria? Duas peças como ontem?

Eu dei a ele um olhar simpático. A maioria das pessoas que eu conhecia não recebia elogios suficientes e ordenhava cada grama que você estivesse disposto a dar. E aqui estava um ursinho de pelúcia alienígena se contorcendo de desconforto. Ele abriu a unidade de resfriamento e meu olhar pousou na grande quantidade de carne que ele havia empilhado cuidadosamente. Apesar da minha fome matinal, eu não me sentia mais faminta como na noite anterior.

— Uma peça será suficiente, obrigada — eu disse com um sorriso agradecido.

Ele puxou um pedaço e me mostrou. Eu balancei a cabeça em aprovação e o observei ir direto para a placa de aquecimento. Meus lábios se separaram, prontos para discutir sobre ser capaz de preparar minha própria refeição, mas eu não tive coragem de enxotá-lo. Ele parecia ansioso demais para agradecer.

De repente, me sentindo constrangida, eu coloquei meu cabelo atrás da orelha e me levantei — Vou me refrescar.

Duke assentiu e eu senti seus olhos me seguindo. Eu corri para lavar o sono do meu rosto. Quando entrei no banheiro e encontrei um pente com cabo de madeira e dentes feitos de ossos pequenos e rombos, eu quase derreti e virei uma poça. Aquele valo estava se preparando para ser um marido. Eu desembaracei meu cabelo e terminei de me refrescar antes de voltar correndo para a cozinha.

Quando voltei, o som crepitante da carne assada e seu rico aroma me deram as boas-vindas. Me sentando perto da porta para poder observar Duke, eu lancei olhares furtivos para ele, mais uma vez impressionada com a perfeição de seu corpo musculoso que sua tanga não conseguia esconder completamente.

— Obrigada por aquele presente inesperado no banheiro. Ele é lindo e foi muito atencioso da sua parte. Meu cabelo está especialmente grato.

Os dedos de Duke se contraíram e eu suspeitei que, se ele não estivesse ocupado preparando minha comida, teria coçado o umbigo novamente. Ele murmurou algo incompreensível antes de voltar sua atenção para sua tarefa.

— O calor não o incomoda? — eu perguntei, intrigada.

Embora Pel e Mishal conseguissem regular a temperatura, eles reclamaram e gemeram sem parar por causa do frio. Fazia sentido para dois Valos do Fogo. Até para mim cozinhar era desconfortável, embora não tanto com este aparelho.

— Normalmente, sim. No entanto, esta placa de cozimento é bem projetada e retém a maior parte do calor sobre a área de cozimento.

Concluindo suas tarefas com movimentos eficientes, Duke caminhou em minha direção com meu prato. O aroma divino me deu água na boca. Eu lambi meus lábios em antecipação enquanto ele me servia e quase me senti mal por ser mimada assim.

Quase.

Eu me aconcheguei, me recusando a ser derrotada pelos utensílios enormes. A carne suculenta derreteu na minha língua. Eu fechei os olhos, quase gemendo com a perfeição do prato, feito exatamente do jeito que eu gostava; quase bem passado. Duke mordeu o lábio inferior novamente e cruzou as mãos na frente dele quando eu o elogiei por suas habilidades culinárias. Dando alguns passos para trás, ele ficou perto da mesa, me observando enquanto eu comia.

Estranho.

Com sua altura imponente, eu tive que esticar o pescoço para olhar para ele. Gesticulando com o queixo, eu aponte para a cadeira ao lado da mesa.

— Sente-se — eu ordenei — Você está me deixando tonta.

Ele ergueu uma sobrancelha que começou a se contorcer enquanto se sentava com um sorriso malicioso. Eu me perguntei se era um tique nervoso, mas decidi deixar para lá.

— Então, para onde foi seu amigo Zak? — eu perguntei.

— Para E'lek chamar os Anciãos e avisar a tribo sobre a possível chegada de seus companheiros. Se eles não chegarem logo após o fim da nevasca, nós enviaremos batedores para procurá-los.

— Obrigada — eu disse com gratidão genuína.

Amber e eu não éramos próximas e eu conhecia seus valos ainda menos, mas ela era uma boa mulher. Nós estávamos uma bagunça depois do acidente. Sem ela, provavelmente estaríamos todos mortos. Mas ela reuniu todos nós e nos manteve em movimento, apesar das muitas dificuldades que este planeta nos apresentou. Eu esperava que

ela e seus namorados conseguissem chegar em segurança a E'lek e depois voltar para Caldera.

— Seus Anciãos podem ajudar os valos congelados? Eu não ousei tocar em nada por medo de piorar a situação deles.

Duke olhou para mim com carinho — Nós faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudá-los. Obrigado por revelá-los para nós. Estávamos procurando por eles há cinco ciclos lunares.

— Fico feliz por ter ajudado, mesmo que os tenha encontrado por pura sorte — e eu fui sincera quanto a isso. Eu não conseguia imaginar essas pobres pessoas permanecendo assim para sempre — Então, como você conhece os humanos? — eu perguntei antes de colocar outro pedaço de carne na boca.

Ele franziu a testa levemente, seu olhar indo para o meu prato com menos da metade da carne, antes de retornar ao meu rosto. Se eu tivesse terminado minha refeição, acredito que ele teria ignorado minha pergunta e me dado um gelo. No lugar dele – não que eu tivesse o mesmo tamanho – eu também gostaria de me questionar. Grata pelo adiamento, eu diminuí o ritmo para adiar um pouco mais o inevitável.

— Cinco ciclos lunares atrás, nós éramos como eles, embora não presos no gelo — Duke apontou para a porta, mas eu sabia que ele se referia aos valos adormecidos do outro lado — Após a partida da Criadora, nós perdemos nosso propósito. Eu era um Construtor sem nada para construir. Zak era um Minerador sem mais minério ou gemas para extrair, os Caçadores e Artesãos não tinham mais ninguém para alimentar ou fabricar produtos. Todos nós entramos em hibernação, até que Lydia chegou.

A forma como seu rosto se suavizou e o carinho, quase reverência, em sua voz quando ele disse o nome dela provocou uma sensação desagradável na boca do meu estômago.

— O que ela fez? — eu perguntei.

— Estávamos morrendo e ela nos salvou — Duke disse, sua voz vibrando com o mesmo tom de admiração — Ela colocou sua vida em perigo repetidamente para evitar que meu povo morresse e trouxe nossa cidade de volta à beira da extinção. Ela é nossa iwaki: a doadora da vida. Em mais de um aspecto.

Seus olhos e a pedra-coração brilhavam com maior intensidade, assim como a emoção em sua voz. Lydia me intimidou instantaneamente. Eu nunca a conheci ou sequer conversei com ela, mas parecia que ela havia deixado o nível muito alto, e eu temia não conseguir igualar a ela.

— Em mais alguns ciclos lunares, ela nos dará um filhote. Embora sua barriga já esteja inchada, ela se recusa a me deixar construir qualquer coisa para a criança. Lydia afirma que é muito cedo e que, se

eu começar agora, não haverá espaço para nos movimentarmos quando o bebê nascer — ele balançou a cabeça em aborrecimento — Mulher boba — ele sussurrou afetuosamente para si mesmo.

Um nó se alojou em minha garganta e um ciúme irracional amarrou lentamente uma espiral metálica em minhas entranhas. Por alguma razão estúpida, eu estava pensando que toda a gentileza e consideração que ele me mostrou decorria de algum tipo de interesse pessoal — não que eu estivesse procurando algum tipo de relacionamento. Pel e Mishal nos contaram sobre a hospitalidade dos Valos do Norte. Eu fui uma idiota por ver segundas intenções em seu comportamento atencioso.

Meu apetite desapareceu de repente, eu empurrei meu prato, deixando a última mordida nele.

— Estou satisfeita, mas estava muito bom, obrigada — eu disse ao ver o olhar questionador de Duke — Então você vai ser pai? Parabéns! — minha tentativa de parecer jovial e alegre falhou miseravelmente.

Duke riu.

— Não, Kira. Eu não vou, nem estou acasalado. Lydia decretou que eu serei tio de seu filho, embora não tenha nenhum vínculo de sangue com seu companheiro, Qaezul. No entanto, ele e eu somos melhores amigos.

Eu não queria admitir o quanto isso me agradava. E me agradou muito que ele sentisse a necessidade de especificar que não estava acasalado. Eu coloquei meu cabelo atrás da orelha, o gesto um pouco mais coquete desta vez do que eu pretendia... pelo menos conscientemente.

— *Kyzul* — eu disse melancolicamente — Isso corresponde mais ao que eu esperaria de um nome alienígena. O seu e o de Zak parecem incrivelmente humanos.

Desta vez, Duke começou a rir — Isso porque nos apresentamos com a versão humana. Lydia ficou bastante perturbada quando nos apresentamos pela primeira vez de maneira formal.

Duke levantou-se e tocou dois dedos na sua pedra-coração enquanto baixava a cabeça.

— Meu nome é Duekeln'vir Uur A'zuk e meu amigo é Zaktaul'dak Uur E'lek. Prazer em conhecê-la.

Eu senti meus olhos quase saltarem das órbitas e meu queixo caiu. Duke jogou a cabeça para trás para rir alto. A luz das pedras brilhantes do teto brilhava nos fragmentos cristalinos em seus ombros enquanto eles tremiam de alegria.

— Certo. Eu prefiro Duke e Zak — eu disse, perplexa.

— Achei que você diria isso — ele disse, se sentando novamente. Seu sorriso provocador e divertido me deu um vislumbre de seus dentes de tubarão. Ao contrário da primeira vez, eles não me

assustaram, mas deram a ele uma atração perigosa que tinha algo de sexy e proibido.

Minha mão inconscientemente alcançou o pequeno pedaço de carne solitário que restava em meu prato e eu o joguei na boca, meu bom humor tendo retornado de repente.

— Eu gostaria de ouvir mais sobre você — Duke disse — Presumo que você também chegou no *Concord*. O que a colocou lá e por que você está aqui?

Lá se vai o bom humor.

Meu estômago deu um nó. Não houve agressão em seu tom, apenas curiosidade genuína. Eu pensei em mentir, sem saber como se sentiriam ao conceder refúgio a uma ex-presidiária. No entanto, ele conhecia os humanos e o *Concord*. Isso significava que ele provavelmente perceberia se eu mentisse. Além disso, E'lek já concedeu refúgio a humanos que poderiam me denunciar se eu o fizesse.

Respirando fundo, eu fui em frente.

— Como a maioria dos humanos que sobreviveram ao acidente, eu era uma prisioneira no *Concord*. Eu fiz algo meio estúpido e fui punida severamente por isso.

Eu contei a ele sobre os acontecimentos sórdidos com James. Ele franziu a testa diante do meu mau julgamento ao lidar com aquela situação, mas continuou a ouvir em silêncio. A ausência de condenação em seus olhos me deu forças para continuar. Quando cheguei à parte sobre a Dra. Sobin, ele ficou rígido. Sua pedra-coração brilhou com uma cor mais escura do que quando desencadeada por emoções felizes.

— Então, você se ofereceu? — ele perguntou, com sua voz cheia de tensão.

Eu balancei minha cabeça vigorosamente — De jeito nenhum! No final, ela me prometeu uma pena reduzida se eu cooperasse com os experimentos E concordasse em trabalhar como enfermeira cirúrgica. Eu disse a ela para ir se foder.

As sobranceiras de Duke se ergueram. Por um breve instante, me perguntei se ele estava interpretando minhas palavras literalmente.

Ele provavelmente sabe.

Em circunstâncias diferentes, eu provavelmente riria e iria exagerar para ver o quão longe eu poderia forçar as coisas antes que ele percebesse que eu estava brincando com ele. Mas rir não poderia estar mais longe da minha mente. Pensando naqueles dias, eu quase pude sentir a queimadura do soro de Sobin correndo em minhas veias, me transformando em algo que a natureza não pretendia.

— Como você pode imaginar, ela não gostou da minha resposta. Sobin não precisava do meu consentimento para fazer experiências

comigo. Todos os presos da penitenciária espacial haviam perdido qualquer tipo de direito humano. Eles poderiam abusar de nós e nos matar, e ninguém levantaria um dedo. A população da Terra não tinha ideia do que realmente estava acontecendo lá em cima.

Eu exalei um suspiro trêmulo e passei os dedos pelo meu cabelo.

— Meu experimento acabou sendo um fracasso... na maior parte.

— Como assim? — Duke perguntou com uma voz suave.

— Eu fui feito para suportar temperaturas extremamente frias. Essa parte foi um sucesso. Tanto que se tornou um fracasso porque agora não aguento mais as temperaturas normais. É por isso que, quando os Valos do Fogo disseram que estavam vindo para E'lek, eu aproveitei a oportunidade. O calor de Caldera estava me matando lentamente. Até a temperatura normal do planalto é sufocante para mim. A única temperatura em que fico feliz é no frio. Caramba, eu nem teria me importado com a nevasca se não fosse pela falta de visibilidade e pelo granizo que estava me deixando em carne viva.

— Então, você agora é um ser de gelo e neve, como nós — Duke tentou reprimir um sorriso, mas sua expressão traiu o quanto isso o agradava.

O calor me inundou. Duke estava crescendo em mim um pouco rápido demais.

— Sim, eu acho — eu disse, me sentindo tímida — Mas como eu disse, o experimento não atendeu às expectativas. Além do meu problema de temperatura, eu deveria ser capaz de manipular a umidade do ar para transformar coisas em gelo ou até mesmo disparar fragmentos como naqueles filmes de super-heróis, mas eu só posso transformar coisas que seguro em gelo.

— A Dra. Sobin estava tentando fazer você ser como nós, Valos do Norte. Você está perfeitamente adaptada às terras congeladas de Sonhadra. É mais complicado para Lydia com seu cabelo e pele escuros. A camuflagem pode ser uma questão de vida ou morte. Com sua afinidade com o frio, seus cabelos e pele brancos, você vai se misturar facilmente com o ambiente, mas não com essa roupa.

O desdém mal velado em sua voz quase me fez rir. Até mesmo os Valos do Norte achavam que o gosto de Sheenika para tecidos era péssimo.

— É estranho que a Dra. Sobin tenha feito você ser como gelo e depois tentado fazer Lydia ser como o fogo — Duke refletiu em voz alta — De qualquer forma, ela não pode mais machucá-la. Ela foi punida pelo mal que causou.

Meu cérebro parou de ouvir quando ele mencionou fogo.

— Fogo? Lydia era o projeto de fogo da Dra. Sobin? Ela era a Prisioneira 2012?

— Sim — Duke disse, parecendo um pouco surpreso — Foi assim

que eles a rotularam. Vocês se conheceram?

Eu balancei a cabeça, espantada — Não. Eu acabei de ouvir falar dela. Quando Sobin não conseguiu regular minha temperatura, ela desistiu de mim e me deixou de lado em favor da 2012... quero dizer, da Lydia. Da última vez que ouvi, esperava-se que o procedimento final fosse um sucesso total.

— Provavelmente teria sido, mas a nave caiu antes que pudessem concluir o procedimento — Duke explicou — Mas funcionou o suficiente para permitir que ela ficasse sintonizada tanto com o fogo quanto com o gelo e salvasse meu povo.

Meu peito se contraiu e minha baixa autoestima aumentou ainda mais. Lydia foi heroica e um experimento de sucesso. Aposto que ela também era linda, inteligente e carismática. Eu me perguntei se Lydia sabia que Lucie acabou se injetando acidentalmente com o resto do soro destinado a ela durante o acidente, tornando-a sintonizada com o fogo.

— Isso é legal — eu disse, orgulhosa de que minha voz não soasse muito perturbada — De qualquer forma, a minha incapacidade de suportar temperaturas normais por longos períodos de tempo acabou por ser uma bênção disfarçada. Quando eu deixei de ser útil para ela como cobaia, Sobin tentou fazer com que eu voltasse a trabalhar como enfermeira cirúrgica. Mas eu não iria trabalhar direito a menos que eles colocassem a sala perto do nível de congelamento, fria demais para ela atuar.

— Bem, você está nas planícies de E'lek agora — Duke disse com um sorriso gentil — Você nunca mais sofrerá com calor.

Eu sorri de volta e, pela primeira vez nos dois anos desde que aquele pesadelo começou, eu acreditei que as coisas poderiam dar certo para mim, afinal.

Ela me fascinou de uma forma que eu nunca teria sonhado ser possível para alguém que se parecia tanto com a Criadora. Quando Lydia nos despertou, eu tive dificuldade em compreender a capacidade protetora de Qaezul em relação à criatura estrangeira. Gratidão e hospitalidade faziam sentido, mas sua possessividade era muito contrária à sua disposição normalmente gentil. Mas agora, Kira provocou a mesma reação em mim.

Isso me preocupou porque eu não sabia até que ponto poderíamos confiar nela. No entanto, cada vez que eu colocava os olhos nela ou pensava nela, meu coração esquentava. Meus dedos ansiavam por pentear os fios marfim de seu cabelo e sentir a textura de sua pele, quase da mesma cor da neve recém-caída. A menos que meus próprios desejos me enganassem, eu acreditava que ela sentia uma atração semelhante – ou pelo menos curiosidade – por mim. Eu a peguei lançando olhares apreciativos para meu corpo algumas vezes, mas isso não significava que ela sentisse algo específico por mim.

De acordo com Lydia, e para grande consternação de Qae, os Valos do Norte aparentemente tinham corpos “sexys de outro mundo” que fariam as mulheres humanas babarem em baldes. A ideia de Kira “babando baldes” por Zak, ou qualquer um dos meus irmãos valos, me deixou nervoso. Minha atração física por ela não me incomodava tanto quanto meu desejo de reivindicá-la.

Eu questioneei sua bússola moral. A razão que a levou para aquela prisão sugeria um grave lapso de julgamento ou pelo menos uma propensão para um comportamento irresponsável. É verdade que foi uma ocorrência única e, infelizmente para ela, ela foi pega. Mas, caso uma situação semelhante surgisse novamente, ela agiria com mais sabedoria? A punição tinha sido muito severa, especialmente se ela estivesse sendo sincera sobre o paciente estar condenado desde o início. Ainda assim, entre isso e sua estranha semelhança com os Estranhos e nossa Criadora, a tribo poderia ficar relutante em recebê-la.

Meu coração queimou com o pensamento.

A tradição exigia que mostrássemos hospitalidade àqueles que procuravam abrigo ou asilo dentro dos nossos muros. No entanto, a invasão dos Criadores nos tornou mais cautelosos com os estrangeiros. Com Lydia foi mais fácil porque ela salvou nossas vidas sem questionar. Ela sabia que era a coisa certa, então simplesmente fez. A sua natureza altruísta e brincalhona, para não mencionar o seu afeto óbvio por Qaezul, a tornaram fácil de amar e aceitar.

Em contraste, Kira me pareceu uma solitária que se mantinha zelosamente reservada. Desde que nos revelou a existência deste laboratório, Kira mostrou muita relutância em interagir com os valos congelados. Eu compreendi o desejo dela de ser cautelosa, mas também temi que isso pudesse implicar indiferença.

Durante o resto do dia, nós conversamos muito sobre E'lek e sobre a Terra. Ela descreveu sua cidade com centenas de milhares de habitantes com veículos mecânicos de todos os tamanhos e formatos. Lydia já havia falado sobre carros antes, mas, vindo de uma cidade pequena com “apenas” alguns milhares de habitantes e sem carros subterrâneos, sua vida lá era mais comparável à vida aqui. Eu me perguntei se Kira acharia E'lek muito pequena e chata.

Eu queria que Kira ficasse conosco, como era seu objetivo, mesmo sabendo que alguns de meus irmãos mostrariam reservas em relação a ela. Enquanto esperávamos a chegada deles, eu procurei saber tudo o que pudesse sobre ela para, se necessário, ter argumentos a seu favor. Mas, assim como para ensinar nosso idioma a ela, Kira não tornou a tarefa fácil.

— Eu entendi corretamente que você trabalhou como curandeira para seu povo? — eu perguntei.

— Hmm, não exatamente — ela respondeu, com as sobrancelhas levemente franzidas enquanto ponderava a questão — Um médico seria o equivalente a um curandeiro para vocês. Como enfermeira, minha função era mais administrar o medicamento, cuidar dos pacientes durante o período de tratamento e recuperação, e auxiliar os médicos e especialistas em qualquer tarefa médica que não exigisse um determinado nível de especialização. Mas e você? — ela perguntou rapidamente quando eu abri minha boca para questioná-la ainda mais — Você disse que era um construtor, certo?

Eu silencieiei meu gemido de frustração por mais essa tentativa de desviar o foco de si mesma. Por enquanto, eu a deixaria escapar impune. Na posição dela, eu provavelmente também mostraria cautela ao revelar muito sobre mim mesmo a um estranho.

Eu deixei passar alguns segundos, meus olhos fixos nos dela, para que ela soubesse que eu estava ciente de seus truques. Sua garganta se moveu e ela desviou o olhar.

— Você está certa. Eu sou um Construtor. Os Criadores nos

dividiram em quatro classes: Mineradores, Construtores, Artesãos e Caçadores/Coletores. Zak era um Minerador. Depois que os Criadores deixaram Sonhadra, todos nós continuamos com nossas tarefas habituais até não podermos mais ou quando isso deixou de fazer sentido. Como não comíamos mais, caçar e cultivar alimentos tornou-se inútil. Agora que as minas foram esgotadas, os Mineradores estão aprendendo novos ofícios.

— E você? — Kira perguntou.

— Por enquanto, eu ainda tenho um propósito no que diz respeito à construção. E'lek está dividida em cidades baixas e altas. Enquanto a Criadora e os Estranhos estiveram aqui, eles viveram na cidade alta enquanto nós permanecíamos no subsolo. Desde que Lydia nos acordou, nós voltamos para a cidade alta, mas estamos readaptando-a às nossas necessidades e preferências. E agora que encontramos as tribos perdidas, as necessidades de habitação provavelmente aumentarão.

Kira franziu a testa e seu olhar caiu sobre a minha pedra-coração.

— As tribos perdidas? Você quer dizer os valos congelados na sala principal? — ela perguntou.

— Sim. Eu deveria estar entre eles também.

Ela recuou — Por quê?

— Eu não sou originalmente de E'lek — eu expliquei — Os Valos do Norte estão divididos em cinco tribos. A tribo E'lek vive na cidade que leva seu nome. Ela é a nossa casa, o núcleo que mantém unidas as cinco tribos. As outras quatro tribos são nômades. Cada um de nós viajou em uma direção diferente para negociar com outras cidades valos, para caçar ou coletar recursos e mercadorias que não poderiam ser encontrados perto de E'lek. Nós ficávamos fora por até três meses seguidos.

Minha mão encontrou o caminho até a minha pedra-coração e a acariciou distraidamente. Eu quase conseguia me lembrar da época em que apenas a carne cobria o centro do meu peito.

— Eu pertencia à tribo A'zuk, como indica a última parte do meu nome, Duekeln'vir Uur A'zuk. Nós nos especializamos em pesca e navegávamos até o rio Meirik em busca de peixes raros com escamas brilhantes para os artesãos, alguns que produziam tinta ou mariscos coloridos.

Eu suspirei pesadamente, meu coração latejando enquanto eu relembrava aquele tempo passado que nunca mais voltaria.

— Os Estranhos chegaram algumas semanas antes, fingindo estar aqui como exploradores. Eles alegaram que só queriam reunir informações sobre Sonhadra e o nosso povo para mais tarde relatar as maravilhas do nosso mundo ao seu próprio povo — eu bufei com escárnio, pensando em como éramos ingênuos — Nós abrimos nossas

casas para eles enquanto nos estudavam, sem nunca imaginar os planos horríveis que tinham em mente. Nós tínhamos partido em uma expedição de pesca no dia em que nossas vidas viraram de cabeça para baixo.

Kira se inclinou para frente e apoiou o antebraço na mesa, seu olhar fixo em mim. Por alguma razão, tê-la como meu público cativo tornou mais suportável recontar essa história dolorosa.

— Nós tínhamos parado nossos barcos na margem para passar a noite quando dois dos Estranhos entraram em nosso acampamento. Eu não conseguia me lembrar de tê-los conhecido antes. Tarakheen, nossa Criadora, foi quem mais interagi conosco. Eles perguntaram se poderiam jantar conosco, dizendo que haviam trazido uma iguaria de seu mundo natal como contribuição. Não tendo motivos para suspeitar de crime, nós concordamos. Meu povo era muito cuidadoso com bebidas e ervas que alteravam a mente, mas como exigia a cortesia, nós aceitamos a oferta e cada um tomou uma xícara.

— Ugh, deixe-me adivinhar — Kira disse — A bebida estava batizada?

— Não conheço a palavra *batzahda*, mas acredito que ela tenha o significado correto — eu disse — Poucos minutos depois de beber, todos nós sentimos uma necessidade de dormir muito forte para resistir. Nós acordamos nesta caverna, presos dentro destas alcovas. Naquela época, não estávamos congelados como eles estão agora. Uma parede de energia nos impedia de escapar. Eu ainda posso ouvir os gritos do meu povo enquanto eles faziam experiências conosco e ver a vida se esvaindo dos olhos do meu pai quando ele morreu em uma daquelas mesas.

Os olhos de Kira ficaram marejados e ela pressionou a mão no peito. A compaixão em seu rosto fez meu peito apertar.

— Muitos do nosso povo morreram — minha voz ficou mais profunda devido à dor reprimida — Eles nos usaram para refinar seus experimentos. Só me lembro da dor quando chegou a minha vez, e então eu acordei em E'lek, como estou hoje. Até você revelar aquela entrada secreta ontem, eu me perguntava se havia imaginado meu tempo neste lugar.

— Eles são como eu — Kira sussurrou.

Meus olhos se encontraram com ela — O que você quer dizer?

— Eles são os experimentos fracassados — ela disse — Eu não consigo ficar muito tempo em ambientes quentes sem sofrer. Eles não conseguem funcionar com seu coração por muito tempo sem serem envenenados.

— Pedra-coração — eu corriji instintivamente — O que você quer dizer com envenenados?

Kira se mexeu na cadeira e lambeu os lábios no que eu só pude

interpretar como nervosismo.

— Bem, não posso jurar, porque não estou familiarizada com a biologia dos valos, mas o inchaço ao redor do invólucro do coração... err, quero dizer o invólucro da pedra-corção, a descoloração e as bolhas nos valos nas salas dos fundos, esses são todos os sintomas que os humanos apresentam quando seu corpo rejeita um implante. Eu posso estar errada, mas acho que as tribos estão tendo uma reação alérgica ao invólucro de metal e isso está envenenando seus corpos.

Eu tive que concordar; parecia uma infecção que se espalhava.

— Como os humanos fazem para curar isso? — eu perguntei.

— Bem, primeiro você precisa remover a causa da reação alérgica. Neste caso, teríamos que remover seus invólucros. Segundo, precisaríamos limpar completamente a infecção e deixar a ferida cicatrizar. E por último, precisaríamos substituir o implante por um que não contenha nenhum material ao qual o paciente seja alérgico.

Ela franziu a testa e esfregou a nuca, perdida em pensamentos profundos.

— A questão é que eu não tenho certeza se o seu invólucro é igual ao deles. Você e Zak parecem saudáveis e eu não vi sinais de infecção em torno das suas pedras-corção. A questão é se é ou não um problema do invólucro ou se eles lhe deram um tipo diferente de medicamento quando o alteraram, o que lhe permitiu tolerar o invólucro.

Ambas as suposições eram válidas. Kira claramente passou bastante tempo refletindo sobre a condição de nossas tribos perdidas. Isso me comoveu profundamente. No entanto, eu não conhecia os metais o suficiente para confirmar se os invólucros eram ou não feitos do mesmo material, mas eu suspeitava que não. Assim que os outros chegassem amanhã – ou depois de amanhã – eles poderiam confirmar isso.

— Hum.... Qualquer um dos casos será difícil de resolver, mas se forem as coisas que eles nos injetaram, temo que nunca saberemos quais substâncias eles usaram — eu disse, refletindo em voz alta — E se forem os invólucros, fazer novos pode ser complicado. A moldagem de metal requer fogo intenso que, como você pode imaginar, não combina bem conosco.

— Eu pensei que Lydia podia lidar com o fogo?

— Lydia está grávida de quatro ciclos lunares. Ela será a primeira criança humana-valo da nossa tribo. Nós não colocaremos nenhum deles em nenhum tipo de risco. Se ela ficar indisposta com o calor, não poderemos resgatá-la. Nós também não sabemos como o calor pode afetar sua prole. Se chegar a esse ponto, esperamos que ela dê à luz seu filho e se recupere totalmente antes de pedirmos isso a ela.

Mesmo se qualquer um de nós quisesse pedir, seu companheiro

teria ficado selvagem conosco – com uma boa razão. Mas eu estava ansioso para que minha tribo fosse revivida e reunida com o restante da minha família, especialmente com minha mãe. Ela estava entre as que apresentavam bolhas. Eu só podia esperar que, uma vez removido o invólucro, ela fosse capaz de se curar rapidamente, como todos nós, Valos, conseguimos desde a mudança.

Nós descobriríamos em breve.

Enquanto Kira dormia naquela noite, eu continuei tratando a pele do rikshu. Ela daria um belo cobertor para sua cama ou sofá. Ela precisaria de um quarto próprio. Eu já havia selecionado alguns quartos na cidade baixa que poderiam servir para ela. Até que ela ganhasse a confiança da tribo, eles não a deixariam ficar na cidade alta, especialmente com o bebê de Riaxan e Toerkel, Teo, correndo por aí. Sem mencionar os outros quatro casais – além de Lydia e Qaezul – que estavam esperando. Os Artesãos ficariam felizes em fazer suas roupas, calçados e acessórios, e os Coletores ficariam satisfeitos em ter mais do que apenas Lydia e o pequeno Teo para alimentar.

Foi emocionante ter um propósito. Após nosso despertar inicial, a recuperação de nossa cidade nos manteve ocupados por algumas semanas. Tudo o que restou foi a caça às tribos perdidas e o atendimento às necessidades muito limitadas de Lydia e Teo. Uma vez curados, nossos irmãos precisariam de novas acomodações e substituições para todas as suas ferramentas e outras necessidades. Isso prometia tempos maravilhosos pela frente.

O dia seguinte ofereceu um pouco mais do mesmo. A nevasca não havia diminuído, ou melhor, não de uma forma suficientemente perceptível. Eu podia sentir a inquietação de Kira. A caverna não oferecia muito espaço para morar. Estar cercada por meu povo congelado a entristeceu, pois ela não podia ajudá-los. Portanto, ela evitou a sala principal. A sala de higiene, o depósito e aquela que ela chamava de laboratório estéril também não se qualificavam como espaço de recreação adequado. Isso só deixou a cozinha. Ela só conseguia permanecer algumas horas dentro dela antes de se sentir sufocada.

Nós saímos para a caverna natural, pois os túneis subterrâneos poderiam ser muito perigosos dependendo do que se escondesse abaixo. Kira parecia deslumbrante parada perto da entrada da caverna, seus longos cabelos brancos chicoteando ao redor dela pelos ventos fortes. Ela tirou as botas curtas e mexeu os dedos dos pés na pequena pilha de neve que se estreitava a uma curta distância da caverna. Deixando cair as botas ao lado dela, ela abriu os braços enquanto os flocos de neve giravam ao seu redor. Ela precisava de uma das túnicas brancas brilhantes de Tarakheen para substituir aquela roupa horrível que os Valos do Fogo lhe deram. Então, ela

realmente encarnaria o espírito do norte.

Bem-vinda ao lar, Kira.

Ela se virou para olhar para mim, com o rosto vermelho de prazer. Eu sorri enquanto tentava ignorar o calor que florescia lá no fundo. Sem que eu percebesse, meus pés me afastaram da porta e me colocaram ao alcance da visão de beleza que me encantava. Seus olhos se arregalaram quando parei a um fio de cabelo dela. Eles não continham medo, mas algo semelhante a uma antecipação ansiosa. Nós ficamos em silêncio, com os olhos fixos, cercados pelos ventos uivantes. Eles sopraram o cabelo dela sobre meu peito e ombros, sua carícia suave abanando as brasas acesas na boca do meu estômago.

Minha mão tirou o cabelo do rosto dela. Ele acariciou minha pele, mais macio que o pelo de um bebê sekubu. Ela não se afastou do meu toque, mas sua respiração acelerou e suas pupilas dilataram. Eu queria me inclinar e beijá-la, enterrar meus dedos em seus cabelos e segurar seu corpo firmemente contra o meu. Mas parecia muito ousado, muito cedo. A primeira vez que nos beijarmos – e eu tinha certeza que o faríamos – não seria ditado por instintos durante um momento hipnotizante, mas por uma decisão consciente que ambos tomamos porque ambos queríamos isso, e parecia certo.

Eu só me permiti o prazer de acariciar sua bochecha com o polegar antes de soltá-la e dar um passo para trás. Eu não perdi a leve decepção em seu rosto e reprimi um sorriso triunfante.

Ah, sim, nós nos beijaríamos em breve.

Eu peguei suas botas que o vento ameaçava levar. Ela pode não precisar delas para se aquecer, mas os humanos não tinham solas acolchoadas como nós. Andar descalço no terreno irregular com gelo, pedras e neve compactada machucaria seus pés sensíveis.

Animado e em pleno modo de cortejo, eu tentei ganhar ainda mais seu favor, propondo passar o tempo fazendo algo que eu já tinha visto Lydia fazer antes. Pensando em agradá-la com meu conhecimento dos costumes humanos, eu sugeri que construíssemos um boneco de neve.

A reação dela não poderia ter sido mais longe das minhas expectativas.

Ela piscou e olhou para mim como se eu tivesse crescido um braço extra no topo da minha cabeça.

— Você está me *zuhandu*? — ela perguntou.

— *Zuhandu*? — eu perguntei, confuso com o termo estrangeiro.

— Me passando a perna?

Ela bufou de aborrecimento assim que pronunciou essas palavras, sem dúvida percebendo que elas me confundiriam ainda mais. O que passar a perna nela poderia ter a ver com a construção de um boneco de neve, afinal?

— Você está zombando de mim? — ela esclareceu — Isso é uma

piada?

Eu fiquei sem palavras por um momento, sem saber como responder.

— Eu nunca zombaria de você, Kira — eu disse cautelosamente — Esta não é uma atividade comum ao ar livre para os humanos durante o inverno?

— Bem... — sua boca se moveu por um momento, as palavras falhando.

Sua aparente confusão só aumentou ainda mais a minha.

— Tecnicamente falando, sim, é uma atividade comum ao ar livre para os humanos — ela admitiu — mas é algo que as crianças normalmente fazem.

— Crianças? Os adultos nunca fazem isso para se divertir? — eu perguntei.

Ela franziu a testa para mim como se eu tivesse feito uma pergunta capciosa. Os dentes brancos, retos e rombos de Kira morderam seu lábio inferior, e seu olhar caiu para minha virilha. Eu percebi então que estava coçando a barriga de novo, logo abaixo do umbigo. Eu não conseguia acreditar que tinha voltado àquele hábito miserável que costumava ter sempre que meus pais me repreendiam por fazer algo que eu não deveria fazer — o que acontecia com frequência. Eu fechei minha mão ao meu lado para impedi-la de vagar novamente.

— Tudo bem, sim, acho que os adultos também fazem isso, mas, honestamente, é raro, a menos que façam isso com os filhos — ela disse, cruzando os braços sobre o peito — Pela minha experiência, as únicas outras ocasiões em que os adultos fazem isso é quando estão brincando ou são um casal nos estágios iniciais de seu romance florescente, para fazer algo doce e seguro juntos.

Eu pisquei para ela. A palavra brincadeira não significava muito para mim, mas o resto da explicação parecia exatamente correta. Ela piscou de volta e seu rosto assumiu um lindo tom rosa. Kira mordeu o lábio inferior novamente, seus olhos me examinando não tão discretamente da cabeça aos pés. A vontade de coçar a barriga voltou com força total, mas eu a segurei.

— Oh, que diabos — ela murmurou. Me olhando diretamente nos olhos, ela me deu um sorriso que não consegui interpretar — Vamos construir um maldito boneco de neve.

O que começou como uma atividade estranha acabou se tornando muito divertido. Enquanto eu rolava as grandes bolas de neve para construir o boneco, Kira fazia as peças que serviriam como elementos decorativos. A neve, sendo muito pulverulenta, se recusava a grudar. Eu tive que infundir algumas das minhas habilidades de gelo para ajudar. Teria sido mais fácil para mim simplesmente criar a bola no local, manipulando a umidade do ar. Mas esse não era o jeito humano.

Quando eu levei a base e a posicionei onde Kira queria, eu dei uma olhada em como ela usou sua própria habilidade.

Sentada no chão com as pernas cruzadas, ela parecia estar fazendo um bastão longo e gelado que provavelmente serviria como um braço. Ela colocou um pouco de neve na palma da mão em linha reta e fechou a mão em torno dela para congelá-la até virar gelo. Ela então a fundiu com os outros pedaços de gelo que ela havia feito anteriormente. Os esforços de Kira eram desajeitados, me lembrando do bebê Teo. Ela ou não tinha muita prática no uso de seu poder ou ninguém nunca a ensinou como fazê-lo corretamente. Considerando a forma como ela os conseguiu, suspeitei que fosse um pouco dos dois.

Quando me agachei ao lado dela, ela olhou para mim com um olhar questionador.

— Eu posso lhe mostrar um método mais eficiente — eu disse. Seus olhos brilharam com interesse, me fazendo sorrir. Eu me sentei ao lado dela, cruzando as pernas da mesma forma que ela — Você vê ou sente a umidade no ar?

Kira balançou a cabeça.

— Você já procurou por ela? — eu perguntei.

Ela fez uma pausa, ponderou, mas depois encolheu os ombros, me lançando um olhar incerto — Para ser honesta, eu nem saberia por onde começar — ela disse.

— Tudo bem — eu disse — podemos trabalhar nisso mais tarde e ver até onde vai sua habilidade — minha voz traiu o quanto eu ansiava por treiná-la — Por enquanto, uma maneira mais simples de conseguir o que você deseja é colocar o braço do jeito que você deseja no chão.

Colocando o bastão de gelo no chão, ela juntou um pouco de neve à sua frente e a moldou no que presumi ser um galho fino de árvore.

— Tudo bem — ela disse, parecendo satisfeita com seu trabalho.

— Você precisa tocar para congelar itens? — eu perguntei.

Ela deu de ombros novamente — Eu acredito que sim.

— Vamos tentar primeiro sem tocar — eu disse.

Ela colocou a mão logo acima da pilha de neve e se concentrou. Eu podia ver a umidade do ar sendo atraída para seus dedos e lentamente se transformando em um estado congelado. Me agradou que ela pudesse manipulá-la. No entanto, ela claramente não conseguia ver isso. Em vez de empurrar a geada para a neve em forma de galho, ela estava congelando a umidade do ar ao redor dos dedos. Como esperado, blocos de gelo se formaram de repente ao redor das pontas dos seus dedos.

Kira gritou, quase se machucando ao tentar se livrar deles. Eu peguei a mão dela.

— Calma, Kira. Vamos tirá-los com cuidado — eu disse com uma

voz suave. Ela estendeu a outra mão para tentar arrancá-los, mas eu a impedi — Não quebre assim, você pode se machucar, sem falar que deixará detritos para trás. Retire o frio para desfazê-los.

— Como? — ela perguntou, me dando novamente aquele olhar de “você está louco”.

— Atraia-o para você — eu disse — Sinta o frio no gelo na ponta dos dedos. Quão mais frio ele é do que a sua própria carne. Será que esse frio irá infundi-la ao invés disso?

A princípio, Kira baixou a temperatura dos próprios dedos, mas acabou percebendo o que estava fazendo e parou. Eu sorri e sussurrei palavras de encorajamento enquanto ela continuava a se concentrar. E então ela entendeu.

Bem... parcialmente.

O problema é que ela deveria ter desfeito de fora para dentro. Ela começou com o gelo em contato direto com os dedos. Como resultado, ela desvendou com sucesso a primeira metade dos blocos de gelo e as metades de trás caíram.

Ela gritou de alegria — Eu fiz isso! Você viu isso? Eu consegui! — ela sorriu para mim, com suas bochechas coradas.

Meu coração esquentou e mais uma vez eu lutei contra a vontade de me inclinar para frente e beijá-la.

— Você se saiu muito bem, Kira — eu disse, orgulhoso de minha voz controlada — Agora toque na neve e tente transformar apenas uma pequena parte em gelo. Preste atenção em como é a sensação, empurrando a geada para a neve, em vez de para o ar, como você fez anteriormente. É por isso que você colocou gelo nos dedos.

Ela olhou para mim, extasiada com atenção enquanto eu lhe dava aquelas instruções básicas. Lambendo os lábios em um gesto nervoso, ela mudou para uma posição mais confortável e depois prosseguiu. Em segundos, ela transformou uma seção do comprimento de seu dedo indicador em gelo. Kira ergueu a mão e olhou para mim, buscando minha aprovação.

— Sim, isso é o suficiente. Você teve uma boa noção de como você empurra o gelo para fora? — eu perguntei.

— Hmm... — ela me lançou um olhar incerto — Acho que sim, mas não posso jurar.

— Experimente outra seção com aproximadamente o mesmo comprimento.

— Tudo bem — Kira disse. Ela congelou outra parte e levantou levemente as mãos, quebrando o contato com a neve. Endireitando os ombros, ela respirou fundo — Vamos lá.

Foram necessárias algumas tentativas, com a formação de gelo nas pontas dos dedos, antes que ela finalmente conseguisse atingir a neve. Ela fez todos os tipos de sons felizes que me fizeram rir enquanto ela

completava sua tarefa. Na ânsia de admirar seu trabalho, ela o levantou antes que eu pudesse avisá-la sobre o problema do peso. Como esperado, assim que ela o pegou, a seção frontal quebrou.

— Droga! — ela murmurou — Muito pesado.

Como não acreditei que ela realmente quisesse usar alguma substância, presumi que fosse uma forma humana de expressar frustração. Pelo menos, ela havia entendido a origem do problema.

— Muito obrigada por isso — ela disse, olhando nos meus olhos — Vou tentar mais algumas vezes até acertar.

— É um prazer poder ajudar. Com sua permissão, seria uma honra ensiná-la como aprimorar suas habilidades nos próximos dias.

— Eu adoraria isso! Você é muito doce.

Doce...

Os humanos tinham as expressões mais estranhas. Eu ouvi Lydia se dirigir a Qaezul de forma semelhante. Quando a questionei sobre isso, Lydia disse que era um termo carinhoso comum. Antes da mudança, quando eu ainda precisava de comida para viver, eu nunca gostei muito de doces. Mas quem era eu para discutir com os estranhos modos e ditados dos humanos?

— Obrigado, Kira — eu disse, me levantando — Você também.

Parecia ser a coisa certa a dizer quando seu sorriso se alargou e ela me lançou um olhar tímido antes de voltar seu foco para seu galho de gelo. No entanto, enquanto eu voltava para a entrada para fazer a segunda bola de neve que constituiria o torso do boneco, eu pude sentir os olhos dela em mim. Então, eu demorei para chegar ao meu destino para que durasse mais.



Na noite do terceiro dia, a nevasca diminuiu quase tão abruptamente quanto havia começado. Como os Valos do Norte não precisavam mais dormir – e de acordo com Kira, nem os Valos do Fogo – meu povo já estaria a caminho daqui. Apesar de ser noite, nossa visão noturna perfeita permitiria que viajassem sem problemas. A menos que encontrassem uma criatura que os obrigasse a entrar em batalha, eles deslizariam até aqui a toda velocidade e chegariam em menos de duas horas. A viagem em si levaria pouco mais de uma hora, mais o tempo de preparação necessário antes de partir.

Kira ainda estaria dormindo. Eu debati se deveria ou não acordá-la, então decidi não fazê-lo. Com sorte, ela não ficaria com raiva, pois sabia que eles viriam hoje. Eu queria ter algum tempo para falar com eles antes de apresentá-la. Zak certamente os avisou para que não

ficassem muito chocados com a aparência dela, mas ele não conhecia a história dela. Eu precisava colocar todas as suas preocupações de lado antes de apresentá-la. A imagem de Seibkal entrando em frenesi suicida ao ver Lydia ainda me assombrava.

Eu olhei pela janela para a caverna. Nosso boneco de neve ficou orgulhosamente encostado na pedra branca da caverna. Kira ficou um pouco empolgada criando algum tipo de cerca decorativa em volta dele. Como uma pilha de neve poderia ser considerada um homem me deixou perplexo. Isso levantaria algumas sobranceiras, e isso era uma coisa boa. Apesar das inevitáveis dúvidas que eles teriam sobre Kira, eles reconheceriam este símbolo humano.

E então, pouco mais de uma hora se passou antes que a tribo entrasse na caverna. A expressão duvidosa em seus rostos, ao olharem para o lugar que Zak afirmava ser a entrada secreta do laboratório, teria sido engraçada se não fosse pela gravidade da situação. Minha irmã Jaankeln e os dois Caçadores, Toerkel e Traxian, acompanharam Zak. Como esperado, a visão do boneco de neve os surpreendeu, e eles olharam para a parede da caverna com novos olhos, tendo perdido algumas dúvidas.

Demorou alguns segundos para Zak encontrar o interruptor. As expressões nos rostos de seus companheiros quando a porta se abriu eram incomparáveis. Desta vez, eu não consegui reprimir um bufo divertido. Zak e eu provavelmente tínhamos expressões semelhantes quando Kira nos revelou isso pela primeira vez.

— Duek — minha irmã cumprimentou quando entrou e me encontrou perto da janela.

Ela me deu um abraço gentil que eu retribuí afetosamente. Jaan foi um dos poucos valos que continuou a pronunciar meu nome da maneira correta, a maioria dos outros adotou a versão humana que Lydia usava. Meu nome deveria ser pronunciado algo mais próximo de Duewek.

Depois de trocar saudações com os outros, eu rapidamente os atualizei sobre a situação com Kira e suas suposições, enquanto eles olhavam para nosso povo congelado. Foi um momento particularmente emocionante quando chegamos até nossa mãe. A propagação de sua infecção era grave.

— Precisamos falar com eles para entender o que aconteceu e ver se eles têm alguma ideia de como consertar isso — Jaan disse — Coelvek está entre os menos afetados de sua tribo. Esperamos que ele tenha respostas para nós.

Nós expressamos nosso acordo e a seguimos para fora da sala dos fundos até a área central. Os Valos do Norte não tinham um governante, mas a maioria de nós seguia a minha irmã. Ela era inteligente, sensata e totalmente dedicada ao nosso povo, embora

tivesse uma personalidade forte e às vezes pudesse ser teimosa. Toerkel era a voz da razão e também o pai do pequeno Teo. Eu esperava que Qaezul estivesse presente, mas Traxian fazia mais sentido. Antes da mudança, ele estava aprendendo com sua mãe para se tornar um curandeiro. Ela não sobreviveu à mudança, deixando-o como a coisa mais próxima de um curandeiro que nos restava.

Jaan pegou uma das cápsulas vazias da mesa na área central. Ela observou de todos os ângulos antes de suspirar. Como Mineradora, ela teria um conhecimento melhor do tipo de metal que era.

— O minério usado não me é familiar. Mas definitivamente não é o mesmo usado para os invólucros das nossas pedras-coração — Jaan disse — Os nossos são feitos de xorkeb. Isso explica por que eles queriam de nós quantidades tão grandes, supostamente para enviar para seu mundo natal.

— Mas eles enviaram grandes quantidades — Toerkel argumentou.

— Sim, eles fizeram isso, mas isso foi mais tarde, depois que todos nós fomos escravizados — ela franziu a testa novamente, olhando para o invólucro — Não tenho certeza de como conseguiremos fazer isso sem derreter o minério. Vamos ver o que Coelvek pode nos dizer.

— Espere! — eu intervim enquanto minha irmã se dirigia para sua alcova — Devo acordar Kira e avisá-la.

— Por quê? — Jaan perguntou.

— Se o despertar dele for parecido com o nosso, ele gritará em agonia. Isso vai assustar Kira. Ela pode pensar que estou sendo atacado ou me machucando e sair correndo — eu disse, olhando para minha irmã antes de me virar para Zak — Você se lembra do que aconteceu com Seibkal quando ele viu Lydia. Imagine como Coelvek reagirá se vir Kira antes de o avisarmos.

Zak estremeceu — Sim, seria mais sensato que Duekeln a avisasse. Aqui — Zak disse, remexendo em uma bolsa de couro que ele havia trazido — Isto é para ela.

Ele tirou uma longa túnica branca e um par de sandálias brancas.

Perfeito!

Eu toquei dois dedos na minha pedra-coração em gratidão e rapidamente fui para a cozinha. Kira estava deitada de lado. Ela quase parecia frágil, envolta em sua cortina de cabelos brancos como a neve. Eu me agachei ao lado dela e afastei a mecha que havia caído sobre seu rosto.

Tão bonita.

Se não fosse pelos outros que esperavam, eu poderia ter ficado ali sentado por horas, apenas admirando seus traços delicados e sua pele luminescente. Com relutância, eu balancei suavemente seu ombro. Ela franziu a testa e murmurou um protesto ininteligível antes de se aconchegar mais fundo no travesseiro. Eu sorri e a balancei

novamente. Ela relutantemente emergiu de seu sono e piscou para mim, confusa. Quando ela finalmente recuperou o rumo, ela se sentou abruptamente, parecendo um pouco em pânico.

— Calma, Kira. Está tudo bem — eu disse com uma voz suave — Lamento acordá-la, mas os outros chegaram.

Seus olhos se arregalaram e ela lançou um olhar preocupado para a porta.

— Não tenha medo. Eles estão bem com a sua presença. Mas vamos despertar o líder da tribo U'gar. O processo costuma ser doloroso. Eu não queria que você ficasse com medo se ouvisse gritos.

— Ah... ok. Obrigada — ela disse, com os ombros tensos — Posso... posso ir com você?

Eu levei um momento para perceber que havia balançado a cabeça.

— Não, Kira. Você deve ficar aqui. Não saia em nenhuma circunstância até que eu venha buscá-la. Você precisa jurar.

Seu rosto assumiu uma expressão ainda mais assustada, e eu me culpei por assustá-la ainda mais, em vez de acalmar seus medos. Seu alarme fez meus instintos protetores rugirem com a necessidade de tranquilizá-la.

— Por quê? O que está acontecendo lá fora? — ela perguntou, o tom de sua voz aumentando.

— Calma, Kira. Não há razão para ter medo. Lembra como Zak e eu reagimos quando a vimos pela primeira vez?

Ela assentiu e, para meu alívio, a compreensão iluminou seus olhos.

— Será muito pior para Coelvek porque ele nem sabe sobre os humanos. Ele pensará que você é filha de Tarakheen e poderá ter uma reação muito violenta.

— Eu entendo — ela sussurrou.

— Nós faremos isso o mais rápido possível e o prepararemos para vê-la. Não se preocupe. Tudo ficará bem. Aqui — eu disse, estendendo a túnica e as sandálias para ela — Zak trouxe isso da cidade para você.

— Oh. Isso foi muito gentil da parte dele. Obrigada.

Eu sorri, apesar de sentir uma ponta de ciúme porque o primeiro presente que E'lek lhe deu veio de alguém que não fosse eu. Pensando na reação de Qaezul quando fiz o mesmo por Lydia, eu certamente coloquei as coisas em perspectiva.

— Eu voltarei para buscá-la em breve — eu disse, me levantando.

Ela assentiu, mas eu odiei que o medo permanecesse em seus olhos. Infelizmente, eu tive que voltar para os outros. Dando-lhe um sorriso tranquilizador, eu fui até a porta.

— Duke? — ela gritou, agarrando minha mão, me parando.

— Sim, Kira?

— Você não vai sair com os outros e me abandonar aqui, sozinha,

certo? Quando você sair, você vai me levar com você, certo?

— Claro, Kira! Eu vou te levar comigo. Eu não vou deixá-la para trás.

— Você promete? — ela perguntou, seus olhos passando entre os meus.

Eu segurei seu rosto com minha mão livre e me inclinei para frente — Pela minha honra, Kira, eu não vou te abandonar aqui sozinha.

— OK. Obrigada — ela disse com uma voz ofegante, suas mãos apertando a minha que ela ainda segurava.

Eu sorri e beijei suavemente sua testa — Eu preciso ir agora, mas estarei do lado de fora da porta. Não tenha medo.

Ela assentiu. Com um último aperto de mão, ela me soltou e eu saí da sala com o coração pesado.

Jaen me observou aproximar com uma sobranalha levantada. Eu demorei um pouco mais do que o esperado e ela me conhecia bem o suficiente para ver que eu estava chateado. Sua outra sobranalha se ergueu quando ela olhou para meus dedos coçando meu umbigo. Eu gemi por dentro e impedi que meus dedos traiçoeiros me denunciassem ainda mais. Ela me encheria de perguntas assim que terminássemos com as tribos.

Como Construtor, eu sabia bem em que tipo de padrões os Estranhos escondiam seus interruptores e controles. Eu não tive dificuldade em localizar aquele escondido nas decorações que emolduravam a alcova de Coelvek. Assim que o pressionei, os relevos ondulados ao redor do arco da alcova se iluminaram com um brilho vermelho e pulsante. Buracos de drenagem se abriram no chão abaixo de Coelvek enquanto o gelo ao seu redor derretia em um fluxo cada vez mais pesado.

Zak e eu estávamos prontos para apoiar o líder da tribo U'gar caso ele desmaiasse, mas ele permaneceu parado, inabalável. De olhos fechados, Coelvek permaneceu em hibernação. Sem dizer uma palavra, eu caminhei até o altar das pedras-corção. Todas elas brilharam. Se não fosse pelas marcas ao lado de cada pedra-corção, teria sido difícil identificar qual delas pertencia a ele. Mas o pequeno símbolo correspondia ao que estava no topo da câmara de Coelvek. Eu peguei a pedra-corção e levei para ele. Seu brilho aumentou constantemente a cada passo, confirmando que eu havia dado o passo certo.

Assim que inseri a pedra-corção no invólucro vazio no peito de Coelvek, ela brilhou, cegando-nos por um segundo. Os olhos de Coelvek se abriram. Quando a consciência voltou aos seus olhos, suas feições se contorceram de agonia. Desta vez, suas pernas não conseguiram apoiá-lo, então Zak e eu o fizemos. Já se passaram mais de cinco meses desde o meu despertar, mas eu me lembrava bem da

terrível dor das emoções e das lembranças, de antes e depois da mudança, me inundando de volta. O corpo de Coelvek inchou e se expandiu com o revestimento de gelo de sua forma de batalha. Zak e eu sussurramos palavras suaves em seus ouvidos enquanto ele se recuperava da experiência traumática.

Seus gritos desapareceram e ele estremeceu ao retornar à sua forma básica. Olhando para nós, seus olhos se arregalaram de choque.

— Jaan? Duek? — ele disse, confuso.

— Está tudo bem, Coelvek — Jaan disse — Você está seguro. A Criadora e os Estranhos se foram. Nós somos livres.

— Eles foram? — ele perguntou, esperança e descrença guerreando em suas feições.

Nós o ajudamos a se levantar e o deixamos sair da alcova.

— Sim meu amigo. Eles já se foram há mais de mil anos — Jaan confirmou — Nós recuperamos E'lek há mais de cinco ciclos lunares. As outras cidades valos também estão despertando. Há muito tempo procuramos por vocês.

Coelvek tocou cada um de nós, como que para se assegurar de que éramos reais, depois olhou para o nosso povo ainda preso no gelo. A tristeza desceu sobre seu rosto e sua mão alcançou sua pedra-corção. No entanto, foi a pele inflamada nas bordas que ele tocou com uma careta.

Nós rapidamente o atualizamos sobre os acontecimentos recentes, incluindo Lydia e Kira. Não é de surpreender que ele tenha lutado com a ideia de que mais estranhos vindos das estrelas poderiam ter nos ajudado, em vez de tentar nos escravizar ainda mais. No entanto, ele não podia negar a nossa presença aqui, com o nosso livre arbítrio restaurado. Sem as nossas pedras-corção, nós éramos marionetes estúpidas à mercê da Criadora.

— Eles nos usaram enquanto puderam — Coelvek disse em um tom sombrio — mas o invólucro da nossa pedra-corção está nos prejudicando. Os Estranhos não perceberam isso a princípio. Eles estavam muito concentrados em fazer com que fôssemos tão obedientes quanto Tarakheen exigia. Quando os primeiros sinais de infecção apareceram, eles usaram um creme refrescante que pareceu funcionar por um tempo, mas a doença se espalhou mais rápido do que o creme conseguia curar.

— Tem mais desse creme? — Traxian perguntou — E você sabe como fazê-lo?

— Deveria ter mais naquela sala — Coelvek disse, apontando para o laboratório estéril — Não sei como fazer isso, mas alguns dos outros provavelmente sabem — ele estendeu a mão para a pedra-corção de Traxian e passou dois dedos ao redor da pele saudável que a rodeava. Olhando para o resto de nós, ele encontrou mais do mesmo —

Nenhum de vocês está infectado, embora vocês dois estivessem conosco — ele disse, olhando para Jaan e para mim — Como?

— Nossos invólucros são feitos de um metal diferente — Toerkel disse — A humana, Kira, afirma que ela era uma curandeira em seu mundo e que viu tais infecções.

Eu me encolhi com sua declaração, que não era muito precisa. Ela não afirmou ser uma curandeira, apenas trabalhar nessa área.

— Ela diz que devemos remover seu invólucro, limpar a infecção e lhe dar um novo invólucro feito de um metal diferente — eu disse, querendo ter certeza de que nenhuma informação enganosa seria repassada.

— A avaliação dela é precisa — Coelvek disse — Os Estranhos tentaram substituir alguns de nossos invólucros. Eles demoraram mais para infectar, mas mesmo assim foram infectados. Nos últimos dias, Tarakheen informou aos Estranhos que o experimento em E'lek foi um sucesso e ordenou que encerrassem as operações aqui — ele olhou para nosso povo congelado ao redor da sala — Foi quando eles removeram nossas pedras-corção e nos prenderam no gelo.

— Algum de vocês sabe como remover o invólucro com segurança? — Traxian perguntou.

— Sim. Removê-lo é simples. Vocês têm mais invólucros como os seus? — Coelvek perguntou, seus olhos brilhando de esperança.

— Receio que não — Traxian respondeu com um olhar simpático.

Os ombros de Coelvek caíram. Jaan colocou a mão em sua mão direita e a apertou encorajadoramente.

— Não se preocupe, meu amigo — Jaan disse com uma voz suave, mas determinada — Nós temos bastante minério xorkeb na cidade. Só precisamos descobrir como transformá-lo em novos invólucros para você.

— Não duvido das suas palavras, Jaankeln — ele disse com um sorriso agradecido — Até então, é melhor permanecermos adormecidos. A infecção está muito avançada em alguns de nós. Eles suportaram uma dor constante e insuportável.

Todos concordamos com sua avaliação, apesar do desejo ardente de Jaan e meu de falar novamente com nossa mãe.

— Venham comigo — Coelvek disse.

Nós o seguimos até o laboratório estéril e ele rapidamente nos mostrou onde o creme havia sido preservado em uma câmara criogênica. Quando ele começou a remover o próprio invólucro, todos nós entramos em pânico, mas ele nos garantiu que estava tudo bem. Como eles frequentemente precisavam reaplicar o creme, fazer com que os Estranhos o executassem teria sido um fardo muito pesado, considerando o grande número de valos. Assim que ele o removeu, ficamos horrorizados ao ver a extensão da infecção na carne em

contato direto com o invólucro. Ele suspirou de alívio no instante em que aplicou uma camada de creme no inchaço.

— Você deveria colocá-lo de volta? — eu perguntei quando ele fez menção de colocar o invólucro de volta.

— Sim. Enquanto estiver em estase, a infecção não progride, mas sem o invólucro, a abertura pode colapsar ou ficar deformada.

Isso fazia sentido. Feito isso, nós voltamos para a sala central.

— Antes de ativar a câmara — Coelvek disse — eu adoraria ver esse ser que você chama de humana.

Minha pedra-coração queimou com uma pontada de preocupação.

— Assim como nós — Toerkel disse.

Eu engoli um suspiro — Eu vou buscá-la.

A contração da sobrelha de Jaankeln me irritou. Ela percebeu meu nervosismo com o pedido de Coelvek e zombou de mim abertamente.

Quando eu entrei na cozinha, encontrei Kira sentada no banco, abraçando os joelhos contra o peito. Com os lábios entreabertos, ela olhou para mim, os olhos arregalados de preocupação. Ela vestiu as roupas que Zak havia fornecido. Se levantando, Kira apertou as mãos enquanto me observava me aproximar. Ela lançou um olhar nervoso por cima do meu ombro, através da porta que eu havia deixado aberta.

Demorou um minuto para meu cérebro se atualizar enquanto eu fiquei paralisado por sua beleza.

Espírito da Neve.

Ela realmente incorporou um agora com sua roupa branca brilhante.

— Venha, Kira — eu disse, estendendo a mão para ela — Meu povo gostaria de conhecê-la.

Ela respirou fundo e obedeceu com passos hesitantes. A mão que ela colocou na minha tremeu levemente.

— Está tudo bem, Kira. Não tenha medo.

Eu a levei pela mão para fora da cozinha. Quando nos aproximamos dos três degraus que levavam à área central, ela se pressionou contra meu lado, a mão livre segurando meu braço.

Todos, exceto Zak, ficaram boquiabertos com a aparência dela. Choque e um leve medo podiam ser vistos em seus rostos. Nós paramos onde achei que Kira consideraria uma distância segura dos outros.

— O... olá — ela disse, ainda agarrada a mim.

Todos tocaram dois dedos nas pedras-coração em saudação.

Rapidamente eu fiz as apresentações e Kira pareceu surpresa por eu ter uma irmã. Coelvek a examinou com uma intensidade que até me deixou desconfortável a ponto de franzir a testa para ele.

— Perdoe minha grosseria — ele disse para Kira e para mim — Sua semelhança com os Estranhos é perturbadora, embora a suavidade de suas feições mostre claramente que você é de uma espécie diferente. Por favor, não nos tema. Por mais impressionado que eu possa parecer agora, gostaria de agradecer a vocês em nome das tribos e em meu nome. Eu entendo que meus irmãos nunca nos teriam encontrado sem você.

As bochechas de Kira coraram e ela lhe deu um sorriso tímido.

— Eu não tenho tanto mérito assim — ela disse, soltando meu braço o tempo suficiente para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha, e então me segurou novamente — Eu encontrei por acaso. Mas estou feliz que isso tenha levado ao seu reencontro.

— Humilde — Coelvek disse com um sorriso de aprovação — Definitivamente não é uma característica de Criadora.

Todos nós rimos.

— Obrigado novamente, todos vocês. Eu aguardarei ansiosamente para ser despertado.

Coelvek removeu sua pedra-coração e a estendeu para minha irmã. Eu quase pude sentir sua alma o deixando enquanto ele mais uma vez se tornava uma casca sem emoção. Sem dizer uma palavra, ele se posicionou de volta no centro da alcova e fechou os olhos.

Kira soltou meu braço com relutância para que eu pudesse me aproximar da alcova.

— Te vejo em breve — eu disse antes de ativar o interruptor.

Uma parede transparente se fechou diante dele e um líquido parecido com água, mas espesso como uma espécie de gel, foi derramado na alcova. Ele submergiu Coelvek em segundos e depois endureceu com a mesma rapidez. A porta transparente deslizou de volta para o chão. Incapaz de resistir, eu coloquei minha mão no gelo sólido que o envolvia.

— Durma bem, meu irmão — eu sussurrei.

Capítulo 6

Kira

Eu odiava o quanto me sentia nervosa perto dos valos. Eles não foram nada além de amigáveis comigo, apesar da minha aparência. Com um metro e setenta e sete, eu nunca me considerei baixinha, mas rodeada por esses caras, me sentia minúscula. Minha delicada estrutura óssea não ajudou na minha causa. No entanto, eu nunca fui do tipo manso. Portanto, pensar na maneira como me agarrei ao braço de Duke fez com que minhas bochechas queimassem de vergonha.

Por mais que eu quisesse evitar ofender meus futuros anfitriões, eu não conseguia deixar de voltar meu olhar para Jaan. Enquanto visitava o laboratório, eu notei as mulheres valos envoltas em gelo. Eu levei um momento para reconhecê-las como tais, já que tinham peito achatado e cabeças carecas como os homens. No entanto, a curva dos quadris e os ombros menos largos me convenceram de que eram mulheres. Até mesmo seus traços faciais tinham algo feminino e mais refinado.

Os valos queriam voltar imediatamente para E'lek. Como ainda era noite lá fora, Duke os convenceu a esperar até o nascer do sol, pois eu não conseguia enxergar no escuro. A maneira atenciosa com que ele sempre tentava antecipar minhas necessidades me deixava aquecida e confusa por dentro. Nos dois anos desde a minha condenação e encarceramento, eu aprendi da maneira mais difícil que todos devem se defender sozinhos. Eu era uma filhinha da mamãe; mimada, mas não uma pirralha metida. Foi bom ter alguém preocupado com meu bem-estar novamente, e não em benefício pessoal.

Enquanto nos preparávamos para a partida, o olhar de Jaan seguiu a mim e minhas interações com seu irmão, com muito interesse. Embora ninguém tivesse dito isso abertamente, parecia óbvio que ela era a líder deles. Eu precisaria agir com cuidado com ela, tanto como líder quanto como irmã de Duke. Ficar do lado ruim dela poderia significar problemas para mim.

Quando saímos da caverna, o céu azul claro e o sol brilhante da manhã refletindo nas planícies nevadas e imaculadas me forçaram a apertar os olhos. Foi incrível não estar mais enfiada naquela cozinha e

na entrada da caverna; eu adorava atividades ao ar livre e caminhadas.

Eu não conseguia ver o menor sinal da cidade ao longe. Levaria dias para chegar a pé, mas os valos conseguiram chegar em menos de duas horas depois que a nevasca passou. Como?

Zak, Jaan e os dois Caçadores carregaram suas bolsas de couro com o máximo de creme e invólucros que puderam, assim como várias amostras da parafernália encontrada dentro do laboratório e da área de armazenamento. Embora as malas fossem pesadas demais para eu carregar por mais de alguns metros, os valos as carregavam como se não pesassem nada. Eu esperava a força superior dos homens, mas descobrir que as mulheres eram tão fortes quanto os homens foi uma surpresa agradável.

Eu observei enquanto todos se posicionavam a poucos metros de distância um do outro, com os pés afastados como se estivessem se posicionando em uma prancha de surf. Eles acenaram com as mãos em direção aos pés e o que parecia ser uma prancha de snowboard feita de gelo se formou abaixo deles. Eu pisquei em confusão. Além de uma brisa suave que trazia o cheiro fresco da neve recém-caída, não havia nada que os levasse adiante naquelas pranchas. Sem vento, sem colina, nada.

Duke, livre de qualquer carga, caminhou até mim.

— Você viajará comigo — sua voz estrondosa me deu alguns arrepios agradáveis — Espero que você goste de velocidade. Não apostaremos corrida entre nós hoje, mas queremos chegar a E'lek dentro de uma hora ou mais.

Ah merda!

Eu balancei a cabeça, formando nós apertados na boca do estômago — Eu não gosto nada de velocidade. Isso me assusta. Não tenho problemas com altura, mas com velocidade sim.

Duke me deu a mesma expressão desanimada de dois dias atrás, quando perguntei se ele estava brincando comigo sobre a construção de um boneco de neve. Me ocorreu então que Duke havia construído um certo número de expectativas sobre o que os humanos gostavam com base em suas interações com Lydia, e eu continuava o desapontando a cada vez por ter gostos radicalmente diferentes. Mais uma vez, aquela mulher me confundiu profundamente. Por um lado, ele a descrevia como uma supermulher altruísta e, por outro, ela parecia muito brincalhona ou totalmente imatura. Talvez ela simplesmente tivesse um ótimo senso de humor.

Nesse caso, eu precisava esclarecer as coisas.

— Sabe, os humanos não são todos iguais, assim como tenho certeza que vocês, valos, não gostam das mesmas coisas. *Precisamos ir rápido?*

Eu sofri um acidente de carro na minha adolescência imprudente. Para a sorte dos quatro idiotas que éramos, exceto por muitos hematomas e algumas fraturas, nenhum de nós ficou gravemente ferido. Corridas de rua nas primeiras horas da manhã, depois de muita festa a noite toda, poderiam ser fatais. Mas o susto de Tobias perder o controle e o carro tombar antes de bater em um poste elétrico deixou uma cicatriz profunda em minha psique. Pouco tempo depois, nem minha mãe – nem meus amigos ou parentes – me permitiu mais dirigir. Eu me tornei aquela garota que irritava todo mundo por dirigir abaixo do limite de velocidade. Muitos motoristas irritados usavam a buzina tentando me convencer a seguir em frente.

Não, eu não.

— Nós precisamos, Kira. Caso contrário, não chegaremos à cidade antes do anoitecer. Estes são locais de caça. Não é seguro viajar devagar ou sozinho aqui. Você pode manter os olhos fechados. Eu não permitirei que nada de ruim aconteça com você.

Seu tom razoável não ajudou nada a me apaziguar. Mas então, toda vez que eu viajava de carro com alguém nos anos que se seguiram ao acidente, nada do que eles diziam também me acalmava. Andar de olhos fechados tornou-se praticamente a norma quando eu viajava com outra pessoa ao volante. Para aumentar o constrangimento, Duke me puxou para perto dele e sugeriu que eu o encarasse se não quisesse olhar para fora. Isso também protegeria meu rosto e olhos do vento.

Eu ainda não entendia como isso funcionaria, mas não correria o risco de ficar para trás. Engolindo a bile que subia em minha garganta, eu fiquei de frente para ele. Ele passou o braço direito em volta da minha cintura e me segurou firmemente contra seu corpo musculoso. Meu estômago revirou, mas desta vez uma emoção muito diferente o agitou. Antes que eu pudesse pensar na sensação dele me cercando, o chão moveu abaixo de mim. Olhando para baixo, eu vi o snowboard gelado tomar forma.

— Segure-se em mim — Duke disse.

Sem pensar, eu passei meus braços em volta de sua cintura e me pressionei contra ele. A sua pedra-coração acendeu e seu peito começou a vibrar contra o meu.

Ele está ronronando?

Olhando para ele, eu o encontrei olhando de volta para mim. Sua expressão dizia tudo.

Sim. Totalmente ronronando.

Uma rápida olhada em sua irmã confirmou que ela ainda estava nos observando. Exceto que desta vez, sua sobrançelha estava fazendo aquela coisa inquietante que Duke tinha feito anteriormente. O ronronar parou quando ele franziu a testa para Jaan. Um sorriso

provocador esticou seus lábios. Eu não sabia se ria, ficava irritada ou envergonhada. Eu me conformei com uma mistura de todos os itens acima.

A frieza rastejando sobre meus pés fez minha cabeça cair. Uma fina camada de gelo se formou sobre eles, me ancorando à placa de gelo.

— Isso evitará que seus pés escorreguem — Duke disse — Estamos partindo agora.

Instintivamente, meus braços se apertaram ao redor dele. Olhando de lado para Jaan e Zak, eu vi os dois estenderem a mão para trás e fazerem um gesto como se alguém estivesse jogando lixo. Uma nuvem de gelo apareceu naquela área geral e a placa de gelo avançou.

Meu queixo caiu.

No mesmo momento, nossa prancha balançou e eu gritei, segurando Duke com ainda mais força. Os valos repetiram o movimento de arremesso e sua velocidade aumentou. Em segundos, estávamos deslizando pelas planícies nevadas a mais de sessenta quilômetros por hora.

Eu apertei os olhos e enterrei o rosto no peito de Duke. Seu braço apertou em volta de mim. Segurando pela minha vida, eu tentei me convencer de que fomos apenas apanhados por ventos fortes. Mas o terreno acidentado e bastante irregular fazia a prancha balançar, me dando a maior sensação de enjoo. Em um esforço para acalmar meu estômago revirado, eu respirei fundo e fui recompensada pelo aroma fresco do orvalho da manhã. O cheiro de Duke.

Pela primeira vez, eu percebi o quão intimamente nossos corpos estavam entrelaçados. Ele não fez mais o movimento de arremesso, mas manteve a mão atrás dele. Seu corpo se movia sem esforço com a prancha para manter o equilíbrio no terreno irregular. Eu podia sentir a dança de seus músculos contra mim, a maneira como eles rolavam, inchavam e se moviam sob minhas palmas. A textura de sua pele nua era fria e dura, mas incrivelmente flexível ao toque.

O enjoo deu lugar a uma sensação agradável e vibrante. Eu abri os olhos e pisquei, cega pelo brilho do sol refletido na neve. Virando meu rosto para Duke, meus lábios roçaram sua clavícula. Seus ombros ficaram tensos e seu braço apertou em volta de mim. Minhas mãos deslizaram de sua cintura até o meio de suas costas, mais como uma carícia do que um ajuste real do meu aperto. O ronronar vibrante em seu peito começou novamente.

O que diabos estou fazendo? Molestando meu motorista?

Eu não estava, já que não se pode molestar um adulto consentido.

Mas ele está consentindo? E eu realmente quero chegar nesse ponto?

Minha mente definitivamente não queria chegar nesse ponto e lidar com a dor de cabeça de um relacionamento – muito menos de um relacionamento humana-alienígena. Meu corpo, porém, tinha

ideias bem diferentes. Eu queria deslizar minha mão sob o cóis elástico de sua tanga para descobrir em primeira mão (trocadilho intencional) o quão firmes eram realmente aquelas nádegas redondas. No entanto, isso seria cruzar uma linha que eu já estava no limite. Em vez disso, eu levantei minha cabeça levemente, acariciando seu pescoço como resultado. Seu ronronar se intensificou e seus lábios roçaram minha testa.

Não ousando levar as coisas além desse flerte não tão inocente, eu permaneci imóvel em seu abraço frio, sua pedra-corção difundindo um calor agradável contra meu peito. O tempo perdeu todo o significado quando me rendi ao seu aperto firme, mas gentil. O vento forte soprava em meus cabelos e em minhas pernas e braços expostos, seu assobio suave elevando-se acima do som rangente da placa de gelo deslizando sobre as planícies nevadas. Por trás de tudo isso, o zumbido da pedra-corção de Duke me embalou com uma sensação feliz de bem-estar e segurança. Eu poderia ter ficado enrolada nele assim para sempre.

Um estrondo distante, como um trovão, me tirou da minha névoa sensual. O som gradualmente ficou mais alto. Uma série de guinchos que soavam como gaivotas se seguiram momentos depois, me trazendo de volta à plena consciência. Deixando de lado todo o medo da velocidade, minha cabeça girou em busca da causa de tanta confusão. Meus olhos se arregalaram ao ver um rebanho – ou seria um bando? – do que pareciam avestruzes brancos com escamas, asas de couro e pernas de dinossauro.

Eles corriam na direção oposta à nossa, seus corpos rechonchudos balançando de um lado para o outro a cada passo, como se estivessem executando algum tipo de dança linear, ou como os patinadores de velocidade costumam fazer. Embora as coisas-pássaro-dinossauro chamassem umas às outras com seus gritos, seus movimentos não continham urgência ou pânico. Lançando um olhar temeroso para os outros valos, eu vi que eles observavam o rebanho com interesse casual, aparentemente não se incomodando com a presença das criaturas.

Eu olhei para Duke e o encontrei olhando para mim com um sorriso terno. Meu estômago deu algumas cambalhotas. Seus olhos brilhavam enquanto estudavam minhas feições. Ele se inclinou para frente e, por um breve instante, pensei que ele fosse me beijar. Meus lábios se separaram em antecipação.

— Não se preocupe com os Gauhens — Duke disse — Eles não são agressivos e se alimentam apenas de raízes, nozes e sementes.

— Oh — eu disse, não conseguindo esconder minha decepção. Seu sorriso conhecedor me fez querer chutá-lo, mas como ele estava me carregando na velocidade da luz no meio da merda do nada, eu não

iria arriscar uma queda — Eles são lindos... de uma forma meio estranha.

O sorriso de Duke se alargou — Assim como você.

Eu franzi a testa, fingindo estar ofendida, embora soubesse – ou pelo menos esperava saber – o que ele queria dizer.

— Assim como eu... o quê? Tenho uma aparência estranha? Isso não é uma coisa muito legal de se dizer!

Os olhos de Duke se arregalaram, uma expressão horrorizada descendo sobre suas feições marcantes.

— Não! De jeito nenhum! Eu quis dizer que você também é linda. Muito bonita.

Sim, ok. Eu estava procurando um elogio. Mas ouvi-lo dizer isso tão diretamente fez comigo todos os tipos de coisas deliciosas.

— Obrigada — eu disse em um tom conciliatório — Você também é muito bonito.

Ele sorriu para mim, me dando uma visão completa de seus dentes afiados.

Ok, bonito com um toque de perigo.

Isso levaria algum tempo para se acostumar. Mas ei, eu passei de uma mulher humana normal com uma vida comum para uma mulher elemental da neve, naufraga em um planeta desconhecido, com uma grande paixão por um homem de gelo alienígena muito sexy. Uma dentição afiada não era nada no esquema geral das coisas.

Embora ainda me sentisse nervosa com a velocidade com que viajávamos, minha curiosidade sobre o meio ambiente foi despertada pelos Gauhens. Com os pés travados na prancha, eu não conseguia me virar e olhar por cima do ombro rapidamente se tornou cansativo. Depois de xingar minha covardia, que me colocou nesta posição, em primeiro lugar, eu me aconcheguei contra Duke, que ronronou de contentamento. Haveria bastante tempo para passear, e eu ainda estava cansada por ter dormido pouco na noite passada.

Aproximadamente vinte minutos depois, Duke anunciou nossa chegada à cidade.

Olhando por cima do ombro, eu vi uma estátua alta logo além de uma das raras colinas visíveis nesta região plana. Acima da colina, a ponta branca em forma de pirâmide do que presumi ser um edifício se projetava. Nossa velocidade diminuiu constantemente à medida que nos aproximávamos da cidade.

Nós paramos ao pé da estátua e Duke desfez a placa de gelo e a camada de gelo que prendia meus pés a ela, antes de me libertar de seu abraço. Eu senti falta do último e o deixei ir com um pouco de relutância. Pela expressão em seus olhos, ele parecia compartilhar o sentimento. Isso me deixou emocionada e preocupada. Eu só conheci esse cara há três dias, mas a força da minha atração por ele me deixou

cambaleando. Vir para E'lek não era para encontrar amor ou romance. Duke era um bônus incrível ou uma grande complicação que eu não sabia como lidar. No entanto, eu dei a ele muitos sinais de que ele me atraía, e ele também. Só não achei sensato explorar isso agora.

Finalmente livre para me mover, eu estiquei meus membros e observei o que estava ao meu redor. As palavras “de tirar o fôlego” vieram à mente ao contemplar o Vale E'lek. Ao longe, em frente à cidade, uma grande cachoeira rugia de dentro do alto penhasco que havíamos seguido no caminho até aqui. Ela desaguava em um rio largo que corria a poucos metros da cidade e muito além dela. Tanto o rio quanto a planície em frente à cidade brilhavam como diamantes sob o reflexo do sol da manhã.

A estátua gigante de uma mulher deslumbrante nos recebeu na entrada da cidade. Esculpida em pedras brancas, com o dobro da minha altura, ela estava com os braços estendidos, apresentando uma linda flor em um gesto de oferenda. Flores semelhantes cercavam seus pés. Era uma peça magnífica, claramente feita com amor. Mas as feições da mulher não pertenciam a uma alienígena. Ela parecia humana; uma bela mulher humana de ascendência africana.

Franzindo a testa, eu lancei um olhar desconfiado para Duke, que estava me observando em silêncio. Movimentos no limite da minha visão me distraíram enquanto nossos companheiros subiam as amplas escadas ao lado da estátua, que levavam à cidade. Voltando minha atenção para Duke, eu lhe dei um olhar questionador.

— Esta é Lydia?

— Sim — ele disse com um sorriso melancólico que fez meu coração doer com uma pontada de ciúme — Ela é nossa iwaki; a doadora da vida.

— Ela é sua líder? — eu perguntei, estupefata.

Eu entendi a gratidão por ela tê-los resgatado, mas isso pareceu um pouco excessivo.

Duke começou a rir — Não, Kira. Lydia não é nossa líder. Ela ficou preocupada que nós também pensássemos assim quando lhe mostramos a estátua pela primeira vez. Costumava ser a estátua de Tarakheen, em uma pose diferente, mas ela não merecia a honra de enfeitar a entrada da nossa cidade – ou de qualquer outra parte da nossa cidade, para ser honesto — Ele se virou para olhar a estátua e depois apontou para as mãos segurando a flor — Esta é uma iwaki. O símbolo da vida e do renascimento. Lydia trouxe esta cidade de volta à vida. É justo que ela cumprimente os recém-chegados e lhes diga que, dentro destas paredes, a vida floresce e prospera.

Lydia, Lydia, Lydia... Quão perfeita és tu?

Eu imediatamente me culpei pelo pensamento mesquinho, mas a visível afeição e admiração de Duke por Lydia me irritou. Se Zak ou

qualquer um dos outros tivesse mostrado a mesma reação, eu provavelmente teria simplesmente dado de ombros ou sorrido com indulgência. Embora bastante confiante e segura de si, eu não pude deixar de temer que ele me comparasse a ela e me considerasse deficiente. Ela colocou o nível tão alto que ninguém mais poderia sonhar em igualar, muito menos superar. Não era meu objetivo, mas isso prejudicaria minhas chances de ser aceita pelos Valos porque eu não era tão boa quanto ela?

Nós subimos o lance de escadas e eu engasguei de admiração com a visão hipnotizante que se estendia diante de mim. Um verdadeiro país das maravilhas do inverno, a cidade ostentava edifícios vagamente semelhantes à arquitetura asteca, com uma grande praça diante da qual se erguia uma gigantesca pirâmide de degraus. Várias casas e pilares, todos construídos com as mesmas pedras brancas, cercavam a praça e continuavam por ruas largas que partiam dela. Impressionantes estátuas de pedra e gelo embelezavam a cidade, mas foram os intrincados padrões esculpidos na parte superior dos edifícios e em torno dos batentes das portas que me deixaram sem fôlego. A parte interna da treliça brilhava com suaves cores pastéis, como se fosse iluminada por dentro.

Duke estufou o peito, uma expressão satisfeita suavizando suas feições afiadas em resposta à minha reação. Então eu me dei conta de que, como Construtor, ele provavelmente havia erguido aqueles edifícios.

— Você fez isso? — eu perguntei, acenando com a mão para a cidade.

— Se você quer dizer os prédios, então, sim — Duke disse, sorrindo para mim — Eu participei de praticamente todos eles. A escultura decorativa, porém, veio de Qaezul, companheiro de Lydia.

Eu balancei a cabeça em compreensão — Suponho que ele também fez aquela estátua dela?

— Sim. Foi um de seus presentes de acasalamento para ela. Qaezul é muito talentoso — Duke colocou a mão nas minhas costas para me persuadir a avançar, em direção à praça — Venha. Devemos nos reunir com os outros para sua apresentação e discutir sobre as tribos.

O tipo desagradável de vibração tomou conta do meu estômago, me deixando enjoada. Como se convocado por suas palavras, um tilintar ressoou por toda a cidade. Momentos depois, um enxame de valos, vindo de todas as direções, reuniu-se na praça.

— Vai ficar tudo bem — Duke disse, sentindo minha angústia.

Sua mão agarrou a minha e eu me agarrei a ela com a energia do desespero. Meio persuadindo, meio arrastando, Duke me conduziu até o grande espaço aberto onde alguns dos valos construíram bancos de gelo em um semicírculo aberto, outros se sentaram diretamente no

chão e o resto ficou vagamente espalhado atrás dos sentados. Devia haver perto, senão mais de, cento e cinquenta valos, dez vezes o número de Valos do Fogo.

Não se preocupe, certo? Nada para se estressar...

Duke me contou o que Lydia teve que fazer para salvá-lo e a seu povo. Foi assustador. Eu nunca imaginei que ela tivesse salvado tantas pessoas. Meu respeito e sentimento de inferioridade cresceram na mesma medida, mas minha ansiedade chutou os dois para o meio-fio quando Duke me levou para a frente da reunião onde Jaan e Traxian já estavam esperando. Toerkel estava atrás de uma mulher valo segurando um bebê azul-gelo muito inquieto, sem dúvida o pequeno Teo que Duke havia mencionado anteriormente.

Meu olhar percorreu a tribo reunida, tentando ignorar os incontáveis - mas felizmente não ameaçadores - olhares direcionados a mim. Eu levei segundos para encontrar aquela que eu procurava, sua pele escura fazendo-a se destacar entre a pele azul do resto da multidão, sem mencionar sua túnica colorida dourada polida. Os outros valos, inclusive as mulheres, usavam apenas uma tanga em várias cores claras e pastéis. No entanto, ao contrário das mulheres na caverna que não tinham nenhum ornamento, todas usavam fileiras de colares de contas que caíam logo abaixo do peito achatado.

Os hábitos humanos são difíceis de morrer.

Assim como Lydia, eu usaria túnicas para esconder minhas partes íntimas de menina. Eu não conseguia me imaginar andando de peito nu e apenas com uma tanga, embora isso fosse costume aqui. Pelo menos as túnicas que Lydia e eu usávamos não pareciam incomodar os valos.

Me ocorreu então que o que eu estava vestindo provavelmente pertencia a ela. De onde eu estava, ela parecia ter aproximadamente a minha altura, mas com ossos maiores do que os meus pequeninos, do tamanho de um pássaro. Ela estava sentada no colo de um valo que presumi ser Qaezul, ele próprio sentado em um banco de gelo. Eu não conseguia ler sua expressão àquela distância, mas Lydia pareceu me lançar um olhar avaliador. Embora eu gostaria de estudá-la mais a fundo, isso exigiria que eu torcesse o pescoço por cima do ombro enquanto passávamos por eles.

Nós paramos ao lado de Jaan e ficamos à sua esquerda enquanto Traxian ficou à sua direita. Eu nunca fui uma boa oradora. Ter tantos olhos em mim – olhos alienígenas – me fez desejar que aquela nevasca voltasse e me obrigasse a me esconder em algum lugar, sozinha com Duke. Exceto que, desta vez, não pensei que faríamos algo tão inocente como construir um boneco de neve.

Tentando não me encolher, eu rapidamente afastei esse pensamento da minha mente antes que meu rosto estúpido decidisse

assumir um tom de vermelho.

A pressão tranquilizadora em torno da minha mão me lembrou que Duke ainda a segurava... na frente de todos. Isso explicava por que tantos valos olharam para baixo quando passamos por eles, não me dando uma olhada como eu havia suposto, mas se perguntando o possível significado de estarmos de mãos dadas.

— Obrigada por se reunirem tão rapidamente, meus irmãos e irmãs.

A voz de Jaan projetando-se alta e clara me tirou de minhas reflexões aleatórias. A vibração aumentou e eu lutei contra a vontade de me pressionar contra Duke e segurar seu braço livre como havia feito no laboratório. Ele me fazia sentir segura, o que era bobagem, considerando que eu mal o conhecia.

— Nós acabamos de voltar da Caverna Luxlan, onde tivemos a oportunidade de falar com um de nossos irmãos há muito perdidos, Coelvek'dak Uur U'gar.

Caralho! Isso é um nome e tanto!

Enquanto a multidão explodia em aplausos, eu lancei um olhar furtivo para Duke, que me lançou um olhar de lado, com um sorriso conhecedor nos lábios. Eu me peguei agradecendo silenciosamente a Lydia por eles terem se apresentado com a versão abreviada de seus nomes.

— Nós devemos este momento de alegria a esta mulher humana chamada Kira — Jaan continuou quando o barulho diminuiu.

Todos os valos voltaram seus olhos para mim e, como um só, tocaram dois dedos nas suas pedras-coração, Lydia tocando seu coração em vez disso. Até os três ao meu lado, Duke, Jaan e Traxian, viraram-se para mim e repetiram o gesto de gratidão. Minhas bochechas queimaram de vergonha e eu murmurei um agradecimento idiota que ninguém — nem mesmo eu — conseguiu entender. Para meu extremo alívio, Jaan não permitiu que o momento constrangedor se arrastasse e retomou a conversa.

— Como suspeitávamos, ela é outra sobrevivente do *Concord*. O que não sabíamos é que, assim como nossa querida irmã Lydia, Kira também foi vítima da Criadora humana chamada Dra. Sobin.

Com os olhos arregalados, Lydia engasgou e pressionou a mão no peito. Os outros valos franziram a testa, alguns deles rosnando em descontentamento. Embora a raiva deles não fosse dirigida a mim, eu instintivamente dei um passo mais perto de Duke.

— Ao contrário da nossa Lydia, que está sintonizada com o gelo e o fogo, Kira está sintonizada com o gelo como todos nós. O calor a prejudica, até o clima normal do planalto a indis põe — Jaan continuou — Portanto, ela viajou da Cidade de Caldera, onde se refugiou após o acidente, até nossa querida E'lek para pedir asilo, pois

o nosso clima é mais adequado às suas necessidades. Foi durante a viagem que ela topou com nossos irmãos. O que vocês dizem?

Meu estômago afundou. Eu não esperava que isso fosse uma votação. Duke passou o polegar nas costas da minha mão. Isso fez pouco para amenizar meus medos, mas mesmo assim eu recebi de bom grado. Com o coração batendo forte, eu lancei um olhar para Lydia, que estava olhando interrogativamente para seu companheiro.

Ela não passou por um processo semelhante?

Um valo sentado no chão se levantou. Eu preendi a respiração enquanto aguardava sua sentença.

— Bem-vinda a E'lek. Que você encontre alegria e realização em seu novo lar.

Meus olhos arderam e minha garganta apertou quando, um por um, os outros valos sentados se levantaram.

— Bem-vinda a E'lek — todos disseram em uma só voz.

Eu pressionei minha mão livre contra meu peito, meu coração explodindo — Obrigada — eu disse com a voz embargada.

Eles sorriram compassivamente para mim enquanto eu fazia um espetáculo de mim mesma.

— Bem-vinda ao lar, Kira — Duke sussurrou em meu ouvido.

Eu olhei para ele e a expressão em seus olhos me disse que suas palavras vieram de um lugar muito mais profundo do que as outras. Naquele instante eu soube que, fosse o que fosse que estivesse acontecendo entre nós, eu não queria mais brigar ou questionar.

Duke olhou por cima do ombro para sua irmã, que piscou em concordância com qualquer comunicação silenciosa que tivesse ocorrido entre eles.

— Venha — ele disse, se virando para mim.

Enquanto os outros voltavam aos seus lugares, Duke me conduziu pela mão perto de Lydia e seu companheiro. Ela era ainda mais bonita pessoalmente. Esbelta, com pernas longas e de formato perfeito, sua túnica dourada polida realçava a rica cor marrom de sua pele – mogno escuro veio à mente. Seu impressionante rosto élfico era emoldurado por longos cabelos negros e encaracolados, presos em uma única trança grossa. Ela tinha o tipo de lábios carnudos pelos quais qualquer mulher morreria. E seus olhos, amendoados, da mesma cor azul-escura da pele de seu companheiro, pareciam penetrar profundamente em sua alma.

Embora eu tivesse reservado um tempo para ficar o mais apresentável possível antes de nossa partida do laboratório secreto, com a viagem de mais de uma hora até aqui em alta velocidade, quem sabe que tipo de bagunça eu estava atualmente. De repente, eu me senti ainda mais constrangida e carente.

Seu companheiro definitivamente estava no topo da escala de

colírio para os olhos. Embora ele compartilhasse todos os traços de valo com a pele e os olhos azul-gelo, e a cabeça careca com uma única trança nas costas, seus traços eram harmoniosos com uma mandíbula mais estreita do que a mandíbula forte e quadrada de Duke. Havia uma certa suavidade nele... Não. Não era suavidade. Uma sensação de paz irradiava dele, o que imediatamente te deixava à vontade, apesar de seu corpo musculoso.

Os olhos de Lydia brilharam de curiosidade quando paramos ao lado deles. Ela sorriu com um calor tão genuíno que me descobri gostando dela instantaneamente.

Droga. Não admira que os Valos estejam sob seu feitiço.

— Bem-vinda a E'lek — ela disse, enquanto Duke criava um banco de gelo para nós.

Meus olhos se arregalaram com as palavras ditas em inglês. Eu percebi então que, pela primeira vez desde aquela manhã em que Duke estava ensinando seu idioma ao meu tradutor, eu estava falando sua língua estranha. Pelo alargamento de seu sorriso e pelo brilho travesso em seus olhos, ela adivinhou que epifania eu tinha acabado de receber. Isso também me deu a primeira resposta às minhas muitas especulações sobre ela; Lydia era realmente brincalhona.

Incapaz de resistir, eu sorri de volta e me sentei no banco recém-fabricado; Duke se acomodou ao meu lado. Quando ele pegou minha mão novamente, eu não o desafiei.

Um grande par de olhos escuros em um rosto minúsculo com aparência de dragão me espiou por trás do pé de Lydia. Eu engasguei de surpresa e os valos ao meu redor riram.

Lydia sorriu — Não tenha medo. Essa é Fofinha, uma sekubu. Tecnicamente, ela é minha mascote, mas segundo ela, sou sua doce mamãe. Eu contarei tudo a você mais tarde.

A conversa de Jaan e Traxian chamou nossa atenção. Eles passaram a explicar a situação de saúde das tribos congeladas e o desafio de recriar os invólucros. Os valos discutiram múltiplas opções, mas nenhuma parecia remotamente viável.

Lydia levantou-se para solicitar o direito de falar. Seu companheiro imediatamente franziu a testa, seu corpo ficando tenso.

— Eu entendo e concordo com suas preocupações sobre eu voltar para a sala de lava na minha condição atual — Lydia disse, colocando a mão na discreta protuberância de sua barriga — Mas e se construirmos uma forja aqui na praça ou fora da cidade? Eu seria capaz de derreter o minério xorkeb e despejá-lo no molde de revestimento.

Um homem valo levantou-se de seu assento.

— Supondo que deixemos você correr esse risco que, pela expressão no rosto de seu companheiro, duvido que aconteça, em que

você despejaria o metal líquido? A madeira vai queimar. O gelo vai derreter. Mesmo antes da mudança, não trabalhávamos com metal. Nós negociávamos com outras cidades.

Uma mulher valo se levantou e o homem retomou seu assento.

— Você é nossa irmã, Lydia — a mulher disse — e nós a amamos por mais uma vez ajudar nossos parentes. Mas você já completou quatro ciclos lunares em sua gravidez. Até sabermos que você passou sua afinidade com o fogo para sua prole, não podemos correr nenhum risco. Nós já nos preocupamos o suficiente com aqueles banhos termais que você tanto gosta. Um Valo do Norte de sangue puro não sobreviveria.

Murmúrios de concordância surgiram da multidão.

— Não se esqueça que cada criança concebida é responsabilidade de todos da tribo — a mulher continuou — Embora você tenha a última palavra como mãe, é nosso dever coletivo zelar pelo bem-estar da criança, e isso também significa o seu. Se não conseguirmos encontrar outras alternativas para o invólucro, esperaremos até que você tenha dado à luz sua prole e esteja totalmente recuperada para tentar. Nós não colocaremos nenhum de vocês em risco.

O som estrondoso dos valos batendo o pé direito no chão me assustou. Eu levei um segundo para perceber que essa era a maneira deles de aplaudir.

— Suas palavras são sábias, Lorvek. Vou me submeter a elas — Lydia disse antes de se sentar novamente no colo de seu companheiro.

Eu senti uma pontada de inveja pelos olhares afetuosos e protetores que os valos lançavam para Lydia. Ela realmente conquistou seu lugar entre eles. Eles a consideravam uma delas, uma valo, e eu queria o mesmo. Lorvek falava com Lydia como uma mãe fala com uma filha, ou como uma irmã mais velha e sábia. Meu peito apertou, pensando no vínculo estreito que minha mãe e eu compartilhamos uma vez, e o que eu não daria para ter algo mesmo que metade tão forte hoje.

Espantando esses pensamentos sombrios, eu me virei para Duke, me sentindo confusa. Havia uma solução óbvia para o problema deles.

Talvez se eu apontar isso para eles, eu possa ganhar alguns pontos.

— Por que vocês simplesmente não pedem aos Valos do Fogo? — eu sussurrei — Eles poderiam fazer os invólucros com os olhos fechados.

Cada valo se virou para mim. Aparentemente, os sussurros não passavam despercebidos. Ainda bem que eu não tinha dito algo obsceno ou rude. Me sentindo constrangida, eu engoli e coloquei meu cabelo atrás da orelha.

— Uma pergunta válida — Jaan disse, felizmente desviando a atenção de mim — Nós não tivemos nenhum contato com os Valos do

Fogo desde a saída dos Criadores. E mesmo naquela época, nossas interações com eles eram limitadas. Até a sua chegada, não tínhamos nenhuma confirmação do estado deles.

— Acredito que eles ajudariam com prazer, considerando que estão vindo aqui para pedir sua ajuda com suas próprias pedras-coração — eu expliquei.

— Mas podemos confiar a eles a vida de nossas tribos? — Toerkel perguntou — Tanto antes como depois da mudança, algumas das outras cidades eram fomentadoras da guerra. Eles lutavam entre si pelo domínio e conquista. Eles nos deixaram em paz porque nosso norte congelado não tinha nada que eles quisessem. No entanto, esta é uma nova era. Nós podemos ser controlados pelas nossas pedras-coração. Quem construir o invólucro terá muito poder nas mãos.

— Os Valos do Fogo não fariam isso — eu argumentei — Eles nos deram abrigo nos últimos cinco meses – sete humanos indefesos, e nunca pediram nada em troca. Amber, a mulher que estava viajando comigo no caminho para cá, está romanticamente envolvida com dois Valos do Fogo. Lucie está acasalada com três deles e esperando um filho, por isso ela mesma não veio. Ela sabe que estou vindo aqui em busca de refúgio. Ela não deixaria seus companheiros prejudicarem aqueles que poderiam me conceder asilo.

Minha voz morreu quando percebi que o clima havia mudado para pior. Até Duke ficou rígido ao meu lado. Um arrepio percorreu minha espinha quando cerca de cento e cinquenta valos me encararam com olhares duros e brilhantes.

— Lucie? — Lydia sibilou — A Lucie da Dra. Sobin? Ou devo dizer Lucky?

Ah merda!

O brilho caloroso e brincalhão em seus olhos se foi. Eu não pretendia mencionar Lucie, sabendo que certamente haveria rixa ali. Depois de lançar um olhar nervoso ao redor, eu me virei para Lydia e balancei a cabeça.

— Eu a vi queimando! — Lydia disse entre os dentes — Ela estava morta!

Eu engoli apesar da garganta apertada e balancei a cabeça — Ela podia estar inconsciente, mas não morreu. Lucie acredita que ela se injetou com o soro destinado a você quando o inferno começou. Ela é imune ao fogo agora.

— Os Valos do Fogo se aliaram com uma Criadora humana? E são estes quem você gostaria que construíssem nossos invólucros de pedra-coração? — perguntou um homem valo que eu não conhecia.

A agressividade em sua voz ecoou aquela gravada em cada rosto.

— Ela não é...

Duke apertando minha mão que ele ainda segurava me impediu de

enfiar o pé ainda mais fundo na lama. Eu não amava Lucie, mas certamente não a odiava. Acima de tudo, eu devia a ela por salvar nossas vidas. Mas, apesar de tudo isso, sua rixa com Lydia e, por extensão, com os Valos do Norte, não era minha para resolver. Muito menos ao custo de ser expulsa da cidade deles minutos depois de terem me recebido.

— Olha, me desculpe. Eu não sabia que havia tanto rancor entre vocês. Eu só queria ajudar a salvar as tribos.

— Nós agradecemos o sentimento — Jaan disse com uma voz fria o suficiente para congelar o rio próximo — mas não confiaremos a vida de nossos parentes a alguém que se comportou como uma Criadora.

Qaezul cuidadosamente levantou Lydia de seu colo e gentilmente a colocou no banco antes de se levantar. Ele acariciou sua bochecha antes de se dirigir ao público. Eu não poderia estar mais grata por ter a atenção se afastando de mim. O dano estava feito. Eu precisaria encontrar uma maneira de consertar isso.

— Por falta de uma solução melhor, eu gostaria que os nossos Construtores fizessem uma fornalha, como Lydia sugeriu, mas eu vou operá-la — Qaezul disse.

Um suspiro geral ecoou dos valos.

— Como todos sabem, desde meu acasalamento com Lydia e nossa troca de sangue, eu desenvolvi uma grande tolerância ao calor. Eu não prometo sucesso, mas vale a pena tentar.

Murmúrios entusiasmados e de aprovação acolheram sua declaração.

— Nós começaremos a reunir as pedras imediatamente para a fornalha — disse uma mulher valo.

Ela tocou dois dedos em sua pedra-corção e partiu, seguida por uma dúzia de outros valos. Eu presumi que todos fossem Construtores. Por um momento de pânico, pensei que Duke iria se juntar a eles, mas ele olhou para mim e permaneceu sentado.

— Nós precisaremos criar moldes com os materiais mais resistentes que pudermos encontrar — Qaezul disse — Qualquer coisa que vocês possam imaginar, tragam.

Depois de mais algumas discussões, os valos se dispersaram. Aqueles que fizeram bancos de gelo os desfizeram antes de partir, me deixando sozinha com Duke no meio da praça.

Capítulo 7

Duke

A confusão girou em minha mente enquanto eu acompanhava Kira de volta para minha casa. Ela nunca havia mencionado Lucie para mim antes. Apenas outra mulher chamada Amber. Considerando o mal que ela havia feito a Lydia – e provavelmente à própria Kira – como ela poderia ter mantido esse segredo? O que mais ela estava escondendo de mim?

Eu reconheci bem os olhares desconfiados dos meus irmãos e irmãs. Nós a aceitamos como uma amiga por encontrar nossos parentes perdidos, mas agora temíamos uma traição iminente. Por mais que eu odiasse admitir, a semente da dúvida também se enraizou dentro de mim. Eu não queria duvidar dela. Acima de tudo, eu não queria ouvir aquela voz sábia que insistia em que eu guardasse bem a minha pedra-coração e não me rendesse tão facilmente ao seu fascínio.

Desde o momento em que chegamos à entrada da caverna, com a nevasca rugindo ao nosso redor, eu tive vontade de trazê-la para minha casa e perguntar se ela gostaria de ficar lá... comigo. Eu não esperava fazer isso com pensamentos tão sombrios nublando meu espírito.

— Esta é a minha casa — eu disse a Kira enquanto nos aproximávamos da minha residência.

Ela se animou e admirou cada detalhe de sua construção. Como não morávamos mais na cidade baixa, cada um de nós escolheu uma das casas construídas anteriormente para os Estranhos e a Criadora, e construímos outras extras para atender a todos. Eu não tinha muita utilidade para a minha, no entanto. Solteiro e sem necessidade de comer ou dormir, nada me atraía para casa. Portanto, eu não fiz nada para melhorá-la ou embelezá-la. A casa de Qaezul, no entanto, eu havia remodelado extensivamente de acordo com as especificações de Lydia e para a alegria de Qae. Como artista, ele não conseguia parar de esculpir e modelar padrões ornamentados em qualquer superfície que permitisse isso.

Os Artesãos estavam ansiosos pela chegada de Kira, ansiosos para

fazer coisas para ela também. Agora, eu não sabia como as coisas iriam.

Eu olhei em volta para o design simples da minha casa, me sentindo um pouco constrangido quando a deixei entrar, imaginando como ela iria julgá-la e, através dela, me julgar.

— Eu não mudei nada do layout e decoração originais do Estranhos — eu disse rapidamente como isenção de responsabilidade — Esta é a área de estar — eu disse, acenando para a sala grande e retangular, com móveis minimalistas compostos por três longos bancos semelhantes àquele onde ela havia dormido na caverna, colocados em torno de uma grande alcova em chamas que Lydia chamava de lareira. De cada lado, grandes janelas davam vista para o caminho principal que conduzia à praça — Há detectores de movimento que iluminarão automaticamente esses dois pedestais de pedra luminosa. Se precisar de mais luz, tocá-los uma vez aumentará sua intensidade.

Kira assentiu e me seguiu enquanto passávamos pela prateleira alta repleta de vários objetos decorativos que não tinham nenhum significado para mim, e subimos os três degraus até o estrado localizado no outro extremo da sala de estar. Pressionar o interruptor escondido na parede a abriu, revelando a cozinha e a área de jantar. Aqui eu também não fiz nenhuma alteração, pois nunca coloquei os pés nela. Semelhante ao laboratório, a mesa tinha uma altura desconfortável para Kira.

— Eu vou ajustá-la para você — eu disse, colocando a mão em cima da mesa.

— Obrigada — Kira disse.

Embora a gratidão em sua voz parecesse genuína, seu rosto exibia a mesma tensão que eu sentia. Eu odiava a interação afetada entre nós. Há menos de uma hora, eu a segurei em meus braços, sua respiração espalhando-se pela minha clavícula, seus lábios roçando meu pescoço. Um vínculo se formou entre nós. Não, não se formou... se aprofundou. Neste momento, porém, ele parecia ter evaporado.

Havia dois corredores de cada lado do estrado que levavam à cozinha. O corredor direito dava acesso a um quarto de hóspedes, um espaço de trabalho e um depósito. Conduzindo-a pelo corredor esquerdo, eu apontei para o primeiro quarto. Como todos os outros cômodos, a porta estava escondida atrás de padrões ondulados.

— Este é o quarto principal — eu disse sem abrir a porta e continuei pelo corredor — Esta é a sala de higiene. Você abre pressionando este padrão, aqui — eu mostrei a ela o interruptor para entrar e o outro interruptor para ativar as instalações. Continuando pelo corredor, eu parei em frente a outra porta — Você pode usar este quarto ou o quarto de hóspedes do outro lado como seu.

Ela mordeu o lábio inferior e entrou no cômodo.

— Então, eu vou morar com você? — ela perguntou, observando a grande cama que ocupava o centro do quarto, o longo banco a seus pés, a pequena escrivaninha no canto e o enorme guarda-roupa ocupando toda a parede direita.

— Por enquanto.

— Por enquanto? — ela perguntou, franzindo a testa com meu tom hesitante.

— Não há outras casas disponíveis — eu gemi por dentro, percebendo que estava coçando abaixo do umbigo novamente — Achei que você se sentiria mais confortável ficando comigo do que com qualquer outro valos. Se preferir, há alguns quartos disponíveis na cidade baixa. São apenas quartos, não moradias reais, mas...

— Não! Isso está bom. Fico feliz por ficar aqui, com você — ela interrompeu, com um brilho de pânico em seus olhos.

Isso aqueceu meu coração e fez doer.

— Ótimo — eu disse, com um entusiasmo um tanto forçado — Deixe-me saber qual você irá escolher e se há alguma modificação necessária.

Kira suspirou profundamente e seus ombros caíram. Olhando para mim, ela me lançou um olhar triste que deu um nó no meu estômago.

— Eu não sou sua inimiga, Duke — ela disse com uma voz magoada que me fez sentir ainda pior — Eu vim até os Valos do Norte em busca de um lugar para chamar de lar. Prejudicar você e seu povo anularia esse propósito. Eu vejo a maneira como todos vocês olham para Lydia. Você a ama e a aceita como se fosse um dos seus, e eu também quero isso. Eu só quero um lugar ao qual pertencer, onde não sofra como tenho sofrido desde que caí neste planeta, e antes disso, enquanto estava presa naquela penitenciária espacial. Eu só queria ajudar.

Seu tom suplicante me atraiu. Eu peguei a mão dela e a convenci a se sentar no banco antes de me sentar ao lado dela.

— É perturbador que você defenda Lucie depois do que ela fez — eu disse, sem esconder minha confusão — Ela não a machucou também?

Kira assentiu da mesma forma que Lydia sempre fazia. Essa parecia ser uma interação humana consistente entre seu povo.

— Sim ela machucou. Mas as coisas nem sempre são preto e branco, Duke. Naquela nave, todos nós fizemos o que tínhamos que fazer para sobreviver. Não estou desculpando suas ações, mas eu a entendo — Kira segurou minha mão com suas duas, seus olhos e voz me implorando para acreditar nela — Eu te contei sobre meu primeiro encontro com a Dra. Sobin. O que eu não contei é que depois que ela desistiu de fazer experiências comigo, ela quis que eu fosse sua

assistente também. A única razão pela qual ela não me forçou a fazer isso foi minha incapacidade de suportar temperaturas normais. Caso contrário, ela teria feito comigo o que fez com Lucie — ela passou os dedos trêmulos pelos cabelos antes de continuar — Lucie não teve escolha. Ela teria sido torturada e eles teriam machucado sua família na Terra se ela não tivesse concordado. No lugar dela, eu provavelmente teria feito o mesmo para sobreviver e, acima de tudo, para proteger aqueles que amo.

Eu refleti sobre suas palavras por um momento. Elas tinham mérito, mas não amenizaram totalmente minhas preocupações.

— Como você sabe que ela não desenvolveu o gosto por esse controle sobre os outros? — eu perguntei — Como você sabe que as intenções dela são puras?

Kira encolheu os ombros — Eu não pretendo saber o que está em seu coração. Só sei o que ela mostrou desde a nossa chegada aqui. Nós devemos a ela nossas vidas. Havia cinco outros humanos comigo. Nós havíamos encontrado refúgio em uma pequena vila e estávamos famintos, feridos e tentando sobreviver às criaturas malucas que existem neste planeta. Ela veio até nós, trazendo remédios e nos ofereceu asilo em Caldera. Lucie não nos devia nada. Ela já tinha encantado os Valos do Fogo. Nós não tínhamos nada a oferecer além de bocas extras para alimentar. Bem... exceto Amber. Mas Amber é incrível.

Eu fiz uma careta, sem saber como lidar com isso. Kira percebeu minha hesitação e suspirou.

— Olha, eu não estou pedindo que você goste dela — ela disse — Mas dê a ela uma chance de explicar. Dê uma chance aos Valos do Fogo. Eles são boas pessoas. Você não quer confiar a eles os invólucros das pedras-corção? Isso é bom. Só não presuma o pior sobre eles, porque acolheram alguém que fez algo errado no passado. Lembre-se, eu também errei, mas não me considero uma pessoa má.

— Eu ouço suas palavras, Kira, e reconheço a sabedoria que elas contêm. Eu não faço promessas, mas mantereí a mente aberta e encorajarei os outros a fazerem o mesmo.

Ela sorriu para mim, e aquele calor agradável floresceu novamente na boca do meu estômago.

— Obrigada. Isso é tudo que posso pedir — seu polegar acariciou as costas da minha mão — Eu quero construir uma nova vida aqui. Quero que esta seja minha casa. Aqui e agora, eu juro que nunca farei nada para prejudicar você ou os Valos do Norte.

Embora suas palavras tenham me tocado, foi seu desejo de construir um lar aqui que fez meu coração brilhar. Ela quis dizer aqui em E'lek ou nesta morada comigo?

Eu abri a boca para responder, mas a campainha da porta ressoou,

me interrompendo. Eu franzi a testa, irritado, mas não muito surpreso com a perturbação.

— Com licença, preciso ver quem está chamando — eu disse, libertando minha mão da dela e me levantando.

— Claro — ela sussurrou, se levantando também.

Rapidamente eu fiz meu caminho até a entrada, Kira me seguindo à distância. Como eu suspeitava, a porta da frente se abriu para Fonzik, um dos meus colegas Construtores.

— Desculpe pela interrupção, irmão, mas precisamos da sua ajuda para construir a fornalha — Fonzik disse.

— Sem problemas. Só preciso de um momento para terminar de acomodar Kira, depois irei me juntar a vocês — eu disse.

Fonzik tocou dois dedos em sua pedra-coração em agradecimento e lançou um olhar furtivo, mas desconfiado, para Kira por cima do meu ombro antes de sair. Eu fiz uma careta. As palavras de Kira ecoaram em minha mente. Ela estava certa; precisávamos ter cuidado para não nos precipitarmos em julgar e condenar porque tínhamos sido abusados pelos Criadores.

Eu me virei para Kira — Eu devo ir ajudar os outros. Mas primeiro, deixe-me mostrar-lhe a banheira, se quiser usá-la.

Eu a conduzi pelo corredor esquerdo e passei pelo quarto que ela havia escolhido para si, silenciando o pensamento fugaz de que Lydia adorava os gostos de banho dos Estranhos. Eu esperava que Kira também fizesse o mesmo. No entanto, elas pareciam tão frequentemente opostas no que gostavam que eu realmente não sabia o que esperar.

— Toda casa tem uma assim. Lydia chama isso de banheira *rolmahn*.

Kira franziu a testa — *Rolmahn*...? — seus olhos se arregalaram com compreensão repentina — Você quer dizer uma banheira romana? Você tem uma banheira romana em sua casa? Todos vocês têm isso?

A admiração em sua voz me fez vibrar de prazer. Eu gostei de provocar esse tipo de reação nela.

Ao contrário de outros cômodos da casa, a banheira *Rolmahn* não exigia a ativação de um interruptor. A parede dos fundos, no final do corredor, parecia um beco sem saída ornamentado. Mas quando nos aproximamos, o detector de movimento oculto abriu a porta.

— Minha nossa! — Kira sussurrou, entrando na sala.

Colunas altas e esculpidas cercavam a grande piscina. Aqui, novamente, os talentos artísticos de Qaezul brilharam com os padrões iluminados em espiral ao longo das paredes e no teto. Pedras luminosas estrategicamente posicionadas criaram uma representação abstrata das luzes cintilantes que frequentemente dançavam em nossos

céus noturnos.

— Isso é de tirar o fôlego! — Kira disse, andando pela ampla área de estar ao redor do banheiro com vários bancos ornamentados.

Alguns pedestais, com mais pedras luminosas, banhavam a sala com uma luz verde-azulada com alguns detalhes em rosa e roxo; como as luzes cintilantes que iluminavam o céu.

— A água provavelmente é quente demais para você — eu disse — O lago de lava abaixo da cidade a aquece. Por enquanto, posso esfriar a água para você se quiser tomar banho. Nos próximos dias, eu vou construir um filtro e conectá-lo à água fria do rio.

— Oh, você não precisa passar por tantos problemas — ela disse. Apesar da sinceridade em sua voz, o desejo em seus olhos enquanto contemplava a banheira não podia ser negado — Eu posso ir ao rio tomar banho. Não são nem cinco minutos de caminhada.

Eu dei de ombros, um movimento humano do qual passei a gostar bastante — Não é nenhum problema, Kira. Eu sou um Construtor, lembra? Esses projetos me agradam.

Convocando minha geada, eu andei ao redor da banheira, empurrando onda após onda de frio. A água quente resistiu no início, mas finalmente começou a esfriar. Eu formei placas grossas de gelo nas laterais e tentei dar-lhes formas ornamentadas para embelezar um pouco a coisa toda. Eu finalizei com uma grande pedra de gelo, no canto frontal esquerdo, que esculpi no formato geral de um boneco de neve. Kira começou a rir quando finalmente reconheceu o que era. Ela balançou a cabeça para mim, mas a emoção terna por trás de seu sorriso aqueceu meu coração. Um calor agradável se espalhou pela minha barriga, fazendo meus músculos abdominais se contraírem.

Desejando não ter que ir, eu caminhei até a primeira coluna mais próxima da entrada e apertei um botão oculto para revelar um compartimento contendo óleos de banho e toalhas.

— Você encontrará aqui tudo o que precisa para o seu banho — eu disse, lutando contra a vontade de coçar o umbigo ao pensar em Kira nua no meu banho — Se a água começar a esquentar antes de você terminar, aproveite a oportunidade para praticar seu gelo fortalecendo o gelo que coloquei ao redor.

— Prometo não deixar o boneco de neve derreter antes de terminar — ela disse em um tom provocativo.

Eu sorri. Dessa vez, a visão dos meus dentes afiados não pareceu incomodá-la nem um pouco. Isso me agradou.

— Preciso ir embora agora — eu disse, limpando a garganta.

— Você estará na praça? — ela perguntou — Posso ir te ver trabalhar? A cidade é tão linda que adoraria dar uma volta por ela.

Meu estômago embrulhou, odiando ter que decepcioná-la. Eu hesitei, procurando as palavras certas.

— É melhor que você não saia de casa sem mim ou qualquer outra escolta — eu disse, meu coração latejando com sua expressão desanimada — É apenas temporário — eu acrescentei rapidamente — Apenas me dê uma chance de lhe mostrar a cidade, para que você não se perca e para que os outros possam conhecê-la.

E principalmente confiar em você.

Pela maneira como ela apertou os lábios, ela entendeu a verdadeira causa da minha relutância. No entanto, com uma graça inesperada, ela afastou o ressentimento e sorriu para mim.

— Obrigada, Duke. Por tudo. Você tem sido incrível comigo.

Muitas palavras desajeitadas pressionaram meus lábios. Em vez disso, tocando dois dedos na minha pedra-corção, eu saí rapidamente. Depois de dar apenas dois passos para fora, eu vi Lydia e Lorvek vindo em direção à minha casa, carregados com sacolas grandes e pesadas. Eu fiz uma pausa, esperando elas chegarem.

— Estamos trazendo algumas roupas, comida e acessórios para Kira — Lydia disse quando eles chegaram até mim.

— Obrigado, isso é muito gentil da sua parte.

Lydia deu de ombros — Naturalmente. Eu queria falar com ela de qualquer maneira. Isso nos dará a chance de nos conhecermos ao mesmo tempo.

A preocupação deve ter aparecido em meu rosto porque ela me lançou um olhar de repreensão.

— Eu não vou causar problemas — ela disse, parecendo um pouco ofendida — Você deveria me conhecer melhor.

Eu conhecia. Fiquei envergonhado que esse pensamento tenha sequer passado pela minha cabeça. Contudo, a presença de Lorvek me preocupou. Ela era nossa moderadora, acalmando a todos quando as coisas ficavam muito intensas. Por que Lydia exigiria sua presença?

Ela percebeu meu olhar furtivo para Lorvek e a compreensão iluminou seus olhos azul-gelo.

— Lorvek está apenas me ajudando a carregar todas essas coisas — Lydia disse — Kira deve estar se sentindo muito sobrecarregada e isolada. Esta será apenas uma conversa entre humanas, para que ela fique a par da vida em E'lek e, espero, para eu descobrir o que aconteceu com alguns dos meus amigos do *Concord*.

Isso me tranquilizou um pouco. Lydia tinha uma alma gentil, mas eu me sentia excessivamente protetor com Kira. Eu finalmente pude me identificar com o que considereei um comportamento estranho de Qaezul quando ele conheceu Lydia.

— Obrigado, Lydia. Kira está tomando banho, mas depois disso, será bom para ela ter companhia enquanto eu ajudo seu companheiro. Eu posso demorar um pouco.

— Não se preocupe, grandalhão. Eu serei gentil com sua garota.

Minha garota...

Isso parecia tão certo. Agora que o pensamento havia entrado em minha mente, eu não achei que algum dia iria embora. Tocando meus dedos na minha pedra-coração, eu me despedi e os deixei entrar em minha casa. Caminhando até a praça, repleta de atividades, me peguei olhando por cima do ombro algumas vezes. Na quinta ou sexta vez, eu vi Lorvek saindo sozinha e o nó que havia se formado em meu peito se dissipou.

Qaezul trabalhou arduamente, elaborando um molde do invólucro em pedra droxuan, um dos materiais mais duros que pudemos encontrar. Se ao menos tivéssemos pedras grandes o suficiente para fazer o molde. Elas podiam suportar temperaturas mais altas e nossos artesãos tinham muita experiência trabalhando com elas. Mas isso teria sido muito fácil.

O olhar de Qae pesou sobre mim quando peguei uma laje de pedra e comecei a cortá-la em blocos que serviriam para construir a fornalha. Eu poderia adivinhar as perguntas queimando seus lábios. Uma rápida olhada nos meus irmãos Construtores foi suficiente para fazê-los entender que eu desejava um pouco de privacidade. Eles se espalharam graciosamente, levando suas próprias lajes de pedra a uma distância razoável o suficiente para permitir que Qae e eu falássemos livremente, protegidos de ouvidos indiscretos.

Seus olhos brilhavam de curiosidade e um sorriso provocador esticava seus lábios. Eu lhe causei muitos problemas por causa de sua paixão por Lydia. Eu deveria ter esperado que ele se vingasse de mim agora que eu me comportava da mesma maneira com outra mulher humana.

— Vocês dois parecem próximos — Qae disse sem escrúpulos.

Meus ouvidos esquentaram e minha pedra-coração queimou — Nós fomos criando um vínculo na caverna e no caminho para cá.

— Ela despertou seus instintos protetores — ele disse com naturalidade.

— Sim — eu disse — Quase imediatamente, assim que percebi que ela não era uma Criadora.

Um olhar preocupado cruzou as feições de Qae.

— A semelhança é bastante perturbadora — Qae disse, balançando a cabeça como um humano. Ele adotou muitos gestos de sua companheira — Minha Lydia me disse que os humanos têm tonalidades diferentes, mas devo admitir que nunca esperava um contraste tão extremo.

— É realmente estranho — eu admiti — Isso me deixa ainda mais confuso por estar tão atraído por ela. Suas semelhanças com Tarakheen deveriam me afastar. No entanto, a minha pedra-coração canta quando estou perto dela e queima quando nos separamos. Por

que eu sinto isso tão fortemente sendo que acabei de conhecê-la?

Qae deu de ombros — Lydia me afetou da mesma maneira. No momento em que a vi entrando na cidade, ela me fascinou. Somente a ausência da minha pedra-coração me permitiu analisar seu apelo de forma racional. Mas no momento em que eu recuperei a capacidade de sentir e meus olhos encontraram os dela, não havia como voltar atrás; ela era minha dona.

— Você parece bastante casual com tudo isso — eu disse, perplexo — Você não vai me avisar para ser cauteloso, como eu te avisei? Você não desconfia dela como os outros?

Qae deu de ombros novamente — Lydia não desconfia dela, então por que eu desconfiaria?

Minhas sobrancelhas se ergueram — Mas ela estava com raiva!

— Sim — Qae disse antes de soprar um pouco de pó de rocha do molde que estava esculpindo — Pensar em Lucie ou na Dra. Sobin sempre a deixa chateada. Isso não significa que ela culpe Kira por suas ações.

Um peso que eu não tinha percebido que carregava foi retirado dos meus ombros. Kira estava certa em sua avaliação do afeto que os Valos do Norte sentiam por Lydia. Se ela rejeitasse Kira, toda a tribo também o faria, até que ela ganhasse a confiança deles.

— Isso também me chateia, mas Kira colocou as coisas em perspectiva — eu disse antes de contar a ele minha conversa com ela.

— Um argumento justo — Qae admitiu com um leve aceno de cabeça. Seus olhos brilharam e ele sorriu — Vocês estão emparelhados então?

A minha pedra-coração queimou e eu parei de cortar a pedra para arranhar abaixo do umbigo — Não. Nós nem nos beijamos.

As sobrancelhas de Qae se contraíram de tanto rir — Sério? Vocês dois pareciam bastante envolvidos um no outro no caminho para cá. Acredito que Zak disse “bem costurados um ao outro” ou algo nesse sentido.

— Eu estava apenas evitando que ela caísse. Ela tem medo da velocidade.

Minhas próprias desculpas soaram vazias aos meus ouvidos e, para meu desgosto, a contração das sobrancelhas de Qae aumentou.

— Larga do meu pé — eu murmurei, usando uma das expressões de Lydia.

Desta vez, Qaezul começou a rir — Não tenho vontade de pegar seu pé, meu irmão. Por que minha companheira me desafia a fazer isso ainda me deixa perplexo. Ela sempre teme que todas as criaturas de Sonhadra queiram comê-la, e então ela lança esse desafio. Mulher estranha — ele concluiu, carinhosamente.

— Os humanos são estranhos e confusos — eu disse, concordando

plenamente — Como... Como você sabia o que agradava Lydia? Coisas que pensei que agradariam Kira parecem irritá-la.

— Coisas como o quê? — Qae perguntou, soprando mais poeira do molde.

Isso me lembrou que eu deveria me esforçar um pouco mais em minha própria tarefa. Mirando a umidade do ar perto do vinco da pedra, eu empurrei minha geada para dentro dela, transformando a umidade em gelo, engrossando apenas o suficiente para lascar a pedra. Eu repeti o processo até cortar um bloco de pedra da laje.

— Ela estava entediada durante a nevasca. Então, me ofereci para construirmos um boneco de neve para entretê-la...

A risada de Qaezul me interrompeu. Eu gritei de aborrecimento, mas não falei de outra forma.

— Sinto muito, irmão. Eu deveria ter avisado que tudo o que Lydia fez naquele dia foi para mexer com a minha cabeça, principalmente, mas com o resto de nós também — Qae disse, com os ombros ainda balançando por causa das risadas — Minha companheira gosta de provocar e pregar peças. Espero que você não tenha pedido a ela para fazer um anjo de neve também?

Minha pedra-corção queimou.

— Não — eu murmurei, franzindo o rosto.

— Mas você pensou nisso? — ele perguntou.

— Talvez.

Ele riu mais um pouco, largou o molde e depois me olhou diretamente nos olhos, com uma expressão séria.

— É natural que você tome minha experiência com Lydia como referência, mas minha companheira não é Kira. Você e eu somos amigos, quase irmãos, mas não somos gêmeos e não compartilhamos os mesmos gostos em muitas coisas. O mesmo se aplica às nossas mulheres. Eu seduzi Lydia com o que conhecia e amava; arte. Ela me seduziu com sua coragem e sua personalidade peculiar. Mostre à sua mulher quem você é e peça a ela que mostre o que ela gosta.

Minha mulher...

Ele me deu conselhos lógicos e sólidos, mas minha mente permaneceu presa nele chamando Kira de minha.

— Mas como eu faria isso?

Qae piscou — Você nunca cortejou uma mulher antes?

Eu bufei de aborrecimento — Claro que sim, mas nossas mulheres são simples de entender. Humanas, no entanto...

Qae riu novamente — Você ficou sozinho por três dias com ela. Você não aprendeu nada que ela goste?

Eu cocei meu umbigo novamente — Bem, depois do seu aborrecimento inicial com a minha sugestão de construir um boneco de neve, acabamos fazendo um e ela gostou, especialmente quando eu

a ensinei como usar melhor o gelo.

— Aí está! — Qae disse — Ensiná-la a dominar e se beneficiar do que foi feito com ela é uma maneira maravilhosa de criar laços. Não se esqueça, ela é nova em Sonhadra. O calor da Cidade na Caldera a manteve presa lá dentro. Ela está livre agora. Mostre a ela a beleza do nosso mundo. Veja o que lhe traz alegria.

— Suas palavras são sábias. Obrigado, meu irmão — eu disse, tocando dois dedos na minha pedra-corção.

— É um prazer — Qae disse com um aceno de cabeça. Seus olhos brilharam e seus lábios se esticaram em um sorriso provocador — Considere levá-la a lugares que exijam um pouco de deslizamento. A proximidade física, enquanto eu cuidava da minha Lydia, fez maravilhas por nós.

Minha pedra-corção queimou e um calor agradável se espalhou pela minha barriga. Memórias do corpo delicado e frio de Kira enrolado em mim, sua respiração em meu pescoço e nossa pele se tocando em tantos lugares fizeram meus músculos abdominais se contraírem.

Eu me apressei em terminar meu trabalho enquanto listava mentalmente os muitos lugares que levaria Kira para visitar.

Capítulo 8

Kira

Osom da porta do banheiro se abrindo me assustou. Eu me virei, um tanto chocada por Duke estar se intrometendo enquanto sabia que eu estava nua. Apesar do meu conhecimento limitado da cultura deles – e do seu óbvio conforto em andar por aí mal cobertos – eu acreditava que ele conhecia as disposições mais pudicas dos humanos. Na verdade, isso não era um problema para mim, já que estive em campos de nudismo na minha vida “anterior”. No entanto, expor minha nudez a outras pessoas continuava sendo uma escolha minha, e não uma decisão de outra pessoa tomada sem meu consentimento.

As palavras severas em meus lábios morreram antes que eu pudesse pronunciá-las enquanto a figura escultural de Lydia entrava na sala. Ela manteve os olhos respeitosa e desviados, mas isso não aliviou o nó que apertava minha barriga. Ela estava vindo aqui como amiga ou inimiga?

— Perdoe-me por invadir seu tempo privado — Lydia disse, olhando para todos os lugares, menos para mim — Eu só queria que você soubesse que eu trouxe comida e roupas extras. Eu meio que embosquei Duke e não dei a ele muita escolha em me deixar entrar. Quando você terminar, talvez possamos ter uma conversa amigável? Vou esperar lá na frente.

Eu pisquei, impressionada com sua aparente timidez e óbvio desconforto. O alívio me inundou enquanto eu nadava em direção a ela. Parando na beirada, eu me apoiei na borda gelada da piscina.

— Está tudo bem — eu disse — Você me assustou, mas eu não me importaria de ter companhia. Não há necessidade de desviar os olhos. Não sou tímida e não tenho nada que você não veja diariamente no espelho.

Lydia riu e caminhou para o lado esquerdo da sala, onde se sentou graciosamente em um dos bancos ao redor da piscina. Seus olhos se moveram de um lado para outro, observando a decoração da sala. Pela sua expressão hipnotizada, percebi que ela nunca tinha estado dentro desta sala antes. Isso me agradou bastante.

— Isso é lindo — ela sussurrou — Terei que mostrar a você o que

Kai fez com o nosso.

— Eu adoraria ver isso — eu disse, mais uma vez me descobrindo gostando dela.

Ela tinha um jeito de fazer as pessoas se sentirem instantaneamente confortáveis. Havia um certo ar de inocência e bondade saudável que emanava dela e te atraía.

Carisma.

E aqueles olhos deslumbrantes dela brilhavam com malícia ou diversão com alguma piada secreta. Eu fiquei com vergonha de me sentir tão intimidada por Lydia. Eu podia sentir que ela ficaria triste se descobrisse.

— Você chamou seu companheiro de Kai? Achei que o nome dele fosse Ky?

— Err, você pronunciou da mesma forma duas vezes? E sim, é Kai.

— Eu não pronunciei. Você diz Kai, eu digo Ky?

Ela piscou e então me deu um olhar vazio. Ela não estava ouvindo a diferença entre as maneiras como cada uma de nós pronunciava isso?

— Você diz como “cai” — eu expliquei — enquanto eu digo mais como “kahi”.

Lydia riu e balançou a cabeça — Honestamente, não estou ouvindo diferença. Mas a maneira correta de dizer o nome dele é, na verdade, mais próxima de Kwy, embora eu nunca tenha acertado.

Foi a minha vez de piscar.

— Quanto ao seu homem — Lydyia continuou — a maneira correta de dizer o nome dele é Duewek. Mas ele também diz que não pronuncio direito. Então, eu disse a ambos para largarem do meu pé, e agora uso Kai e Duke.

Eu não pude deixar de rir. Ela sorriu para mim, seus olhos brilhando.

Sim, eu poderia me ver tornando amiga dela.

Uma perspectiva muito boa, sendo nós as únicas humanas aqui em E'lek.

— Isso foi inteligente, colocar gelo na água. Não pensamos nisso antes que Kai pudesse suportar o calor.

— Tudo ideia de Duke — eu disse, sem esconder meu orgulho pelo meu homem – palavras dela, não minhas! — Eu teria ficado contente em ir até o rio, mas ele nem quis saber disso.

— Claro que não — Lydia disse — Ele gosta de você.

— Eu gosto dele também.

Eu mergulhei na água, tanto para esconder meu constrangimento por ter confessado meus sentimentos, quanto para fazer um enxágue final. Eu nadei até uma das quatro escadas que saíam da piscina, uma no centro de cada lado da grande banheira romana do tamanho de

uma quadra de basquete. Subindo os degraus, eu torci a água do cabelo. Lydia se levantou e me encontrou no meio do caminho, estendendo uma toalha grande para mim.

— Obrigada — eu disse com um sorriso.

Eu a esfreguei primeiro no cabelo e depois a enrolei em volta de mim para cobrir minha nudez.

— Já faz muito tempo que não uso uma toalha para me secar — Lydia disse, refletindo em voz alta.

— Como assim? — eu perguntei, surpresa.

— Eu simplesmente me esquento e o calor da minha pele evapora a umidade — de repente ela franziu o rosto — Kai está me incomodando com isso agora, no entanto. Eles estão todos com medo de que qualquer coisa, mesmo remotamente relacionada ao calor, possa prejudicar o bebê. No entanto, eles parecem esquecer que ele é meio humano e que Sobin me sintonizou com o fogo.

— Ele? — eu perguntei — Você acha que é um menino?

Ela fez uma careta — Eu não sei, para ser honesta. Às vezes tenho certeza de que será uma menina e outras vezes sei que será um menino. Eu ficarei feliz de qualquer maneira, embora suspeite que os valos prefiram uma garota. Mesmo com as tribos perdidas que você encontrou, eles têm poucas mulheres.

Eu balancei a cabeça e gesticulei para que ela se sentasse novamente. Me virando para a piscina, eu pratiquei o que Duke havia me mostrado e comecei a desfazer o gelo nas bordas. O suspiro de Lydia me fez olhar para ela por cima do ombro. Ela se inclinou para frente, os olhos arregalados de admiração enquanto me observava. Estufando o peito de orgulho, eu continuei meus esforços, mas dessa vez me exibindo um pouco. Havia uma necessidade de provar meu valor para ela. Eu nunca tinha sido muito fanfarrona antes, tendo tido muitos sucessos pessoais e recebido muitos reconhecimentos e elogios de meus pais e colegas. No entanto, aqui estava eu, mostrando o que eu poderia fazer.

— Duke tem me ensinado — eu disse, avançando para outra seção gelada — Ele diz que meu poder é quase idêntico ao dos Valos do Norte e vai me mostrar como dominá-lo.

— Isso faz de você uma combinação perfeita então — Lydia disse com entusiasmo.

Embora nervosa em entrar nesse assunto, eu aproveitei a oportunidade para fazer as perguntas que queimavam minha língua.

— Eu sou? Os valos permitirão que eu seja?

Lydia ficou séria — Os valos já permitiram sua entrada. Encontrar a tribo perdida sozinha garantiu suas boas-vindas. O relacionamento óbvio que floresce entre você e Duke apenas reforça sua posição aqui.

— Mas? — eu perguntei, descendo mais, mas sem tocar no boneco

de neve ainda.

Lydia soltou um suspiro e pareceu pensar em como responder. Isso deixou meus nervos à flor da pele em pouco tempo.

— Apesar da sua aparência, você foi recebida como uma heroína. Mas você se prejudicou com aquele comentário sobre a Lucie — ela disse.

— Apesar da minha aparência? — eu parei meu trabalho para olhar para ela, me sentindo um pouco ofendida — O que isso tem a ver com alguma coisa? Então, Takheen, Tara... seja qual for o nome dela, e seus asseclas podem ter pele branca, mas de acordo com Duke, é aí que a semelhança termina. Nossas características não são nada parecidas. Eu não sou uma Criadora. Sou apenas uma garota branca qualquer procurando um descanso. Eles não podem simplesmente presumir o pior de mim ou que posso me tornar má a qualquer momento apenas com base na cor da minha pele!

Lydia piscou, fingiu olhar para sua pele morena e depois levantou uma sobrancelha como quem diz “Você está falando sério?”.

Certo...

— O que diabos eu devo fazer? — eu perguntei, extremamente irritada, mesmo que ela não fosse responsável por essa bagunça.

— O que *todos nós* aprendemos a fazer — ela disse — Você terá que ter mais cuidado com o que diz e faz, porque vindo de você, tudo será enfrentado com mais escrutínio para avaliar se você tem algum significado subjacente, ou agenda de natureza nefasta. É uma droga, mas, no caso deles, não é a paranoia aleatória ou a ignorância que motiva sua cautela equivocada. Eles só despertaram há alguns meses de um trauma que mudou suas vidas. Dê-lhes tempo e eles deixarão de ver a pele e começarão a ver a pessoa.

Eu bufei e retomei meu trabalho. Eu nunca imaginei me encontrar em tal situação. A sensação de desamparo me dominou.

— Também seria melhor que você não elogiasse Lucie. Isso não joga a seu favor — o ressentimento voltou à sua voz.

Embora não fosse dirigido a mim, meu tênue controle sobre meu temperamento quebrou — Todos vocês precisam dar uma folga para Lucie — eu sibilei. Lydia se assustou e ficou boquiaberta para mim, com os olhos arregalados — Sim, o que ela fez foi uma bagunça, mas *todos nós* fizemos o que tínhamos que fazer para sobreviver naquele buraco infernal.

Eu continuei contando a ela como Sobin chantageou Lucie e depois a mim. Ela tinha uma ideia geral da história de Lucie, mas eu preenchi as lacunas.

— A verdade é, Lydia, se não fosse pela minha intolerância ao calor, eu teria sido forçada a fazer a mesma coisa que Lucie. E sabe de uma coisa? — eu perguntei — Se eu tivesse que escolher entre espetar

uma agulha em você ou enfrentar estupro e tortura nas mãos de Jonah ou de algum outro guarda por recusar, pode acreditar que eu teria aproveitado essa chance. Isso teria acontecido de qualquer maneira.

Lydia apertou os lábios e me deu um aceno rígido. Eu corri os dedos frustrados pelo meu cabelo ainda úmido e suspirei.

— Olha, eu também odiei Lucie enquanto estava no *Concord*, mas a vida em Sonhadra me ensinou a abrir mão de coisas que não importam e que não podem ser mudadas — eu fui até o banco de Lydia e sentei ao lado dela — Você é uma das poucas pessoas inocentes que não pertenciam àquele lugar. O resto de nós estragou tudo de uma forma ou de outra para nos levar à prisão. Mas nós pagamos essa dívida cem vezes mais com o que nos fizeram passar. O destino, Deus, a sorte ou o que quer que você acredite, deu uma segunda chance para aqueles de nós que sobreviveram. Não nos leve a julgamento novamente. Vamos começar do zero.

Ela recuou com essas palavras, um olhar preocupado descendo em seu lindo rosto.

Com uma ousadia inesperada, eu estendi a mão e peguei a dela — Nós somos as últimas humanas que qualquer um de nós verá novamente. Deveríamos estar ajudando umas às outras. Deixe o passado aonde ele pertence.

Lydia não se afastou como eu temia, em vez disso seus dedos apertaram minha mão. Isso me deu esperança.

Meu olhar caiu para sua barriga praticamente plana — Seu bebê e o dela provavelmente serão os dois primeiros híbridos humano-valo neste planeta. Agora, mais do que nunca, vocês deveriam estar juntas. Ela está tentando salvar os Valos do Fogo como você está — e principalmente fez — com os Valos do Norte. Se seu companheiro falhar com esses invólucros, eles serão nossa melhor aposta para salvar as tribos adormecidas. Não vamos queimar pontes.

Eu não entendia muito bem por que era tão importante para mim convencê-la. Esta era a batalha que Lucie deveria travar e, no entanto, no fundo, eu sabia que precisávamos acabar com isso. Os Valos do Fogo me ofereceram minha primeira casa. Os Valos do Norte eram agora minha nova família. Mas no final, eu considerava ambos como meu povo.

— Eu entendo você, Kira — Lydia disse antes de bufar em auto-escárnio — Não sei quando me tornei tão vingativa. Isso nunca estive na minha natureza. A tortura faz coisas estranhas com você. Mas você está certa em mais aspectos do que imagina. Não estamos qualificados para cuidar das tribos perdidas.

— Você não acha que Ky terá sucesso? — eu perguntei, com meu coração afundando.

— Não, não acho — ela disse, seu rosto assumindo uma expressão

sombria — Ele é um artista talentoso, mas é um trabalho muito preciso. Ele não tem experiência com ferraria e, apesar de sua maior tolerância ao calor, Kai sofrerá durante todo o processo. Nós não temos os materiais, ferramentas adequadas ou até mesmo conhecimento sobre como fazer isso. Os valos estão agindo porque precisamos fazer alguma coisa. Mas, no fundo, acho que todos sabem que esta é uma causa perdida.

Infelizmente, suas palavras refletiram os pensamentos que passaram pela minha cabeça desde o início daquela discussão na praça. Isso apenas reforçou a minha convicção de que precisávamos estabelecer uma ponte entre o fogo e o gelo. Nós nunca resgatariamos as tribos perdidas sozinhos. A menos que tivéssemos alguma alta tecnologia como uma impressora 3D ou...

Eu enrijeci, com minha mente acelerada.

Sim, uma impressora 3D seria absolutamente perfeita para isso. Ela escanearia o invólucro e produziria uma réplica exata em quantas cópias precisássemos. O *Concord* tinha várias delas. As menores, na maioria dos laboratórios, serviam para criar órgãos e tecidos para os experimentos, mas eram grandes o suficiente para também replicar os invólucros. Nós havíamos tido similares na Terra, então eu conhecia bem essa tecnologia. O *Concord* possuía algumas impressoras 3D significativamente maiores, usadas para criar peças de reposição para a nave e qualquer outro item ou ferramenta que pudesse ser necessária ao longo do tempo. Fazia sentido, considerando que, conosco no espaço sideral, a tripulação simplesmente não poderia caminhar até as lojas locais de ferragens ou peças de reposição.

— O que foi? — Lydia perguntou, com uma leve carranca marcando sua testa.

Eu saí da minha reflexão e voltei a me concentrar nela. As rugas em sua carranca se aprofundaram quando demorei a responder.

— Não é nada — eu disse — Eu acabei de...

Um grunhido furioso surgiu do meu estômago, me salvando da desculpa esfarrapada que pretendia dar a ela.

— Ah, droga! — Lydia disse, parecendo mortificada — Você está morrendo de fome. Aqui estou eu, falando alto, te impedindo de se vestir ou comer. Duke vai chutar o meu traseiro. Venha, venha!

Ela se levantou e me arrastou pela mão para fora do banheiro. Como quando entramos, a porta se abriu sem qualquer intervenção de nenhum de nós. Me pareceu estranho que o único cômodo — além do banheiro — onde seria de esperar que as pessoas pelo menos precisassem bater antes de entrar, não exigisse um interruptor.

Três sacolas grandes estavam no corredor, encostadas na porta escondida do quarto que eu havia escolhido para mim.

— Eu não queria me intrometer muito entrando em seu quarto na

sua ausência — Lydia explicou.

Eu levei um segundo para encontrar o interruptor para abrir a porta do meu quarto, e então a ajudei a trazer as malas e esvaziá-las na cama enorme.

— Essas sacolas devem conter tudo que você precisa — Lydia disse — Há algumas mudas de roupa no meu guarda-roupa, mas amanhã os artesãos vão tirar suas medidas e fazer roupas suficientes para durar a vida toda. Há calcinhas – não se preocupe, elas nunca foram usadas – alguns pares de sandálias, pasta de dente e até antitranspirante — ela apontou com o pequeno tubo para mim com um sorriso presunçoso — Os valos não suam mais desde a mudança, mas um dos artesãos se lembrou da receita que usavam no “antes”, como chamam, e preparou para mim. Bem, para nós agora. Um salva-vidas! Quem quer cheirar a CC?

A maneira como ela torceu o nariz me fez rir. Eu não poderia concordar mais; cheiro de suor era o último tipo de perfume que eu queria associado a mim. Sem hesitar, eu passei uma quantidade generosa em ambas as axilas.

— Ah, raspadas! — Lydia disse, dando uma olhada enquanto eu aplicava o creme não oleoso — Quanto a isso, eu também não tolero nada nas minhas axilas. Sou uma daquelas mulheres negras sortudas que não tem pelos nas pernas. Então essa é uma tarefa com a qual não preciso me preocupar. Eu trouxe para você uma navalha e a versão deles de creme de barbear — ela disse, apontando para eles na cama — Em relação ao seu arbusto...

Meu queixo caiu e meus olhos quase saltaram das órbitas, o que só a fez rir.

—... conselho amigável aqui, espere até que seu homem veja antes de atacá-lo. Kai quase ameaçou me manter algemada pelo resto da vida se eu mencionasse a remoção dos meus cachos ao sul da fronteira novamente.

— Não acredito que você acabou de dizer isso — eu murmurei, dividida entre a vontade de rir e a necessidade de simplesmente ficar boquiaberta com ela.

— Por quê? Informações demais? Só estou tentando ajudar.

O brilho malicioso em seus olhos denunciava seu esforço deliberado para me chocar. Duas poderiam jogar esse jogo.

— Bem, se você estivesse prestando atenção quando saí da piscina, saberia que todo esse discurso era desnecessário.

Ela me lançou um olhar vazio e eu mordi o interior das bochechas para não rir. Puxando o nó que segurava minha toalha em volta de mim, eu a desamarrei e abri a toalha como um exibicionista faria com seu sobretudo.

— Eletrólise do pescoço para baixo. O único cabelo deste bebê está

na minha cabeça e nas sobrancelhas.

Foi a vez dela de ficar boquiaberta e a minha de rir.

— Certo — ela disse, limpando a garganta.

Eu vasculhei o inventário de roupas maravilhosas que ela havia trazido. A maioria eram túnicas compridas, algumas com mangas, mas a maioria sem. Eu escolhi a branca brilhante, sabendo que Duke iria gostar dela e coloquei uma calcinha branca.

— Essas roupas são tão lindas. Obrigada pela sua generosidade — eu disse, genuinamente grata.

O ajuste ficou um pouco folgado. Isso não me surpreendeu, sendo naturalmente bastante magra. Mas os últimos cinco meses no calor sufocante da Caldera tinham causado estragos no meu apetite e eu tinha derretido ainda mais. Eu pretendia engordar um pouco.

— O prazer é meu! Você não tem ideia de como estou feliz por ter outra humana aqui. Agora, vamos alimentá-la antes que seu homem me dê uma surra.

Meu estômago roncou de acordo, mas desta vez com mais discrição.

— Duke não é meu homem — eu murmurei, seguindo seu rastro.

Ela me lançou um olhar de “ah, por favor” por cima do ombro enquanto íamos para a cozinha.

— Continue dizendo isso a si mesma. Duke está claramente reivindicando a propriedade, e acredito que você também esteja — Lydia disse, com naturalidade.

Uma mesa repleta de legumes e fatias grossas de algum tipo de carne vermelha nos recebeu ao entrar na cozinha. Lydia fez um gesto para que eu me sentasse e imediatamente começou a trabalhar.

— Porém, aviso justo, os valos não são humanos — Lydia disse, desta vez em um tom mais sério — Eles são quase inocentes demais na maneira como veem o mundo e os relacionamentos. Eles não entendem os jogos que os humanos jogam quando se trata de namoro. Para eles, se você se sente atraído por alguém, basta contar. Se o sentimento for mútuo, você explora esse relacionamento. Se não for, você segue em frente.

Ela esfregou alguns temperos nos bifes antes de ligar o fogão e aquecer uma panela. Meu estômago roncou novamente, e um desejo cruel por Cheetos me assaltou do nada. Eles eram minha maior fraqueza. Você poderia me chantagear para praticamente qualquer coisa em troca de um saco deles. Eu precisava descobrir uma receita para recriar algo semelhante.

— Aqui, o sexo não é a grande coisa que nós, humanos, fazemos dele. Como mulher solteira, você pode dormir com qualquer outro homem solteiro sempre que quiser. Você pode trocar de parceiro, fazer um ménage à trois ou uma orgia, se divertir, e não será julgada por

isso. Mas isso é apenas para pessoas solteiras.

Ela colocou os bifés na frigideira e em segundos o aroma mais delicioso invadiu o ambiente. Outra pontada de fome me apunhalou.

— Se vocês estiverem emparelhados, isso equivale a namorar aqui, espera-se que você permaneça fiel ao seu parceiro enquanto durar. Você pode terminar quando quiser, mas não traia. Isso fará com que você seja tratada como uma pária.

Eu odiava traidores, então isso não era problema para mim, mas o aviso em seu tom severo ressoou alto e claro.

— E então há o acasalamento, como Kai e eu. Os Valos do Norte acasalam para o resto da vida. Não existe divórcio aqui. Portanto, tenha certeza antes de assumir tal compromisso com Duke ou qualquer outra pessoa.

— Uau, eu acabei de chegar. É um pouco cedo para pensar em casamento — eu disse, me sentindo bastante desconfortável com sua súbita intensidade.

Ela suspirou, parecendo quase se desculpendo.

— Você está certa, mas eu vejo a química entre você e Duke. Ele se tornou um irmão mais velho para mim, e não quero que ele se machuque, nem você, aliás. Do jeito que ele olha para você, Duke não quer um caso. Ele vai querer que vocês formem um par, e é por isso que quero ter certeza de que você entende como as coisas funcionam aqui, para que possa tomar decisões informadas.

Enquanto a carne chiava na frigideira, Lydia cortou habilmente os legumes.

— Também não há modos contraceptivos aqui, a menos que você tenha um implante. Os Valos do Norte não têm noção disso. Para eles, os bebês são sempre bem-vindos e uma bênção para a tribo.

Lydia revelou ser uma riqueza de informações. Enquanto eu a ouvia me contando sobre a vida em E'Lek e com os Valos do Norte, eu percebi como deve ter sido assustador para ela quando fez o primeiro contato. Em ambas as minhas interações com os Valos do Fogo e com os do Norte, outro humano já havia pavimentado o caminho, facilitando minha integração.

Nós passamos a tarde inteira e a maior parte da noite juntos, conversando sobre tudo, desde nossas vidas na Terra, a bordo do *Concord*, e aqui em Sonhadra. Mal tínhamos notado o pôr do sol até que luzes estranhas brilhando lá fora chamaram minha atenção. Quando eu fui até a janela, a porta da frente da casa se abriu.

A silhueta alta de Duke na porta me deixou com os joelhos fracos. Nossos olhos se conectaram e todos os pensamentos coerentes fugiram da minha mente. O calor familiar e agradável acendeu na boca do meu estômago e se espalhou para fora. Meu sangue esquentou quando ele se aproximou, seus passos estranhamente silenciosos para um

homem tão grande. Ele parou dois metros à minha frente, de alguma forma me fazendo sentir desolada. Eu ansiava por sentir sua pele fria contra a minha, me envolvendo.

A mão de Lydia em meu ombro me tirou do meu torpor.

— Carpe diem — ela sussurrou em meu ouvido.

Ela deu um aperto suave em meu ombro e acenou com a cabeça para Duke ao sair de casa.

Carpe diem... Aproveite o dia.

Ela me explicou como esse se tornou seu lema desde que foi encarcerada, e ainda mais depois de nosso pouso forçado aqui. A vida era muito curta para desperdiçar um minuto dela. Poderíamos morrer amanhã de uma criatura raivosa como eu quase morri durante aquela nevasca. Eu entendi e concordei com essa filosofia. Mas eu poderia me livrar das minhas inibições humanas tão facilmente?

Eu diminuí a distância entre nós, meu peito roçando o de Duke. Sua pedra-coração brilhou e seus olhos brilharam com maior intensidade. Meus lábios se separaram, implorando por um beijo. A suavidade fresca de sua palma segurou minha bochecha, a ponta de seu polegar acariciando meu lábio inferior. Minha respiração engatou e uma pulsação surda começou entre minhas pernas.

Em vez de aceitar o que eu ofereci de bom grado, a mão de Duke caiu do meu rosto antes de segurar a minha.

— Venha — ele sussurrou — Eu quero te mostrar algo.

Silenciando minha decepção, eu deixei que ele me atraísse para outra porta escondida que eu não tinha notado do outro lado do quarto de hóspedes. À primeira vista parecia um armário, mas acabou sendo um elevador, ou melhor, uma plataforma elevatória. O elevador decolou assim que a porta se fechou atrás de nós e o teto se abriu para nos deixar sair. Ele parou no telhado e a vista me deixou sem fôlego.

As Luzes do Norte – ou como quer que fossem chamadas aqui – iluminavam o céu em azuis, verdes e roxos. As luzes cintilantes refletiam-se sobre o gelo fino que cobria as fachadas dos edifícios, fazendo-os brilhar como se estivessem cobertos por um mar de joias coloridas. Até as esculturas de gelo que decoravam a praça pareciam se mover e balançar sob as luzes dançantes.

— Tão lindo — eu disse em uma respiração.

Eu estou em casa. Estou realmente em casa.

Eu me virei para Duke, que estava olhando para mim como se estivesse tentando memorizar minhas feições. Com vontade própria, meus braços envolveram seu pescoço e eu levantei meu rosto em direção ao dele. O calor irradiava de sua pedra-coração quando ele fechou os braços atrás de mim, me puxando para perto.

— Kira — ele sussurrou antes que seus lábios reivindicassem os meus.

Uma bola de fogo explodiu dentro de mim e meus mamilos endureceram quando uma fome feroz tomou conta do meu corpo. Eu respondi com a energia do desespero, pressionando meu corpo com força contra o dele, incapaz de chegar perto o suficiente. O aperto de Duke aumentou, um ronronar alto fez seu peito vibrar. Sua mão deslizou pelas minhas costas e segurou minha nuca. Seus dedos fortes, mas gentis, massagearam meu couro cabeludo antes de segurar meu cabelo com cuidado. Com um puxão suave, ele forçou minha cabeça para trás, interrompendo nosso beijo. Seus lábios traçaram meu queixo, separando-se para permitir que seus dentes afiados roçassem cuidadosamente minha pele. Meu estômago se apertou de excitação e medo, a pulsação em meu núcleo se intensificou.

O chão pareceu cair debaixo de mim. Agarrando-me a Duke em pânico momentâneo, eu percebi que seu braço sob minha bunda me levantou. Minhas pernas envolveram sua cintura. Arqueando-me para trás, sua boca explorou a carne macia do meu pescoço antes de mergulhar no vale dos meus seios. Modestos, mas empinados, eles ficaram nus para seu prazer, já que os sutiãs de Lydia eram grandes demais para mim. O decote da minha túnica não lhe dava acesso suficiente. Seu braço me segurando apertou ainda mais – seu eixo endurecido pressionando contra meu núcleo – enquanto ele puxava minha túnica com o outro. Sem hesitar, eu levantei meus braços para deixá-lo me livrar do obstáculo desagradável.

Um grunhido quase animalesco saiu de sua garganta quando seus lábios se agarraram a um dos meus mamilos. Balançando os quadris, ele esfregou seu comprimento contra mim, massageando minha pequena protuberância do jeito certo para enviar faíscas elétricas. Um gemido estrangulado me escapou quando empurrei minha pélvis contra a dele. A tira fina que eu ainda usava como única vestimenta não diminuía de forma alguma a sensação dele, mas sua maldita tanga de couro sim. A pulsação gradualmente se transformou em uma algo quase doloroso que só Duke poderia apaziguar.

Me endireitando, ele recuperou minha boca. A sensação de sua pele nua contra a minha quase me levou ao limite. Seus lábios se separaram, sua língua exigindo entrada. Eu cedi, o pensamento de seus dentes afiados foi passageiro. Nossas línguas se misturaram. Ele tinha um gosto fresco e frio, como uma brisa de inverno. Cada vez que seus caninos roçavam minha língua, uma onda de medo e luxúria me atravessava.

Segurando sua única trança, foi minha vez de puxar sua cabeça para trás. Com os olhos brilhando em um tom mais escuro de azul gelo, ele mostrou os dentes para mim com um rosnado faminto. Minhas paredes internas se contraíram em resposta, minha essência encharcou minha calcinha em antecipação.

— Leve-me para o seu quarto — eu sussurrei.

Um sorriso selvagem esticou seus lábios. Seus olhos brilhantes me hipnotizaram, como um predador capturando sua presa... uma presa muito disposta. Sua intensidade deveria ter me assustado, me feito correr para me proteger. No entanto, quando ele se virou e nos levou até o elevador, apenas uma palavra passou pela minha cabeça: pressa.

No meio segundo que o elevador levou para entrarmos em casa, Duke arrancou minha calcinha e descartou sua tanga. A pulsação dolorosa entre minhas coxas quase me fez chorar de necessidade. Ao passarmos pelo quarto de hóspedes ao lado do elevador, eu abri a boca para dizer para ir até lá, mas sua língua assumindo o comando da minha me silenciou.

A sensação de seu membro nu contra mim me fez querer me levantar e me empalar nele, mas Duke me segurou com muita firmeza contra ele. O vazio me mataria. Até minha pele estava quente e febril, apesar da minha condição. Eu apertei minha pélvis contra a dele, desesperada por alguma fricção, enquanto devorava sua boca. Com passos longos e apressados, Duke nos levou para seu quarto.

Em um momento, eu estava enrolada em torno dele, no próximo, uma sensação de queda encontrou um fim abrupto quando minhas costas pousaram na suavidade divina de seu colchão. Doendo de necessidade, eu abri minhas pernas e braços, acenando para ele. Eu mal tive a chance de vislumbrar seu eixo grosso e ereto antes que ele se lançasse sobre mim. Duke não deitou em cima de mim. Movendo-se na velocidade da luz, ele enterrou o rosto entre minhas pernas. Eu gritei, arqueando as costas para fora da cama com tanta violência que me deixou tonta e desorientada.

Segurando uma das minhas pernas por cima do ombro, os lábios frios de Duke chuparam minha protuberância com voracidade selvagem, seus dedos grossos sondando minha fenda. Um, depois dois dedos enfiados, explorando, provocando e esticando.

Mas eu precisava de mais. Eu precisava dele. Tudo dele.

E ainda assim, o fogo crescendo dentro de mim se expandiu, se alastrou e rugiu até me consumir. Gritando seu nome, eu desabei. Meu corpo tremeu, chamas geladas percorrendo meu corpo, apunhalando minhas terminações nervosas com ondas abrasadoras de prazer. A sala girou ao meu redor enquanto os dedos de Duke prolongavam incansavelmente minha euforia sensual.

Assim que a sala começou a se acalmar, a mão de Duke escorregou de mim enquanto seu peso deliciosamente frio se acomodava sobre meu corpo. Ele era enorme em cima do meu pequeno corpo. Eu me senti presa sob uma fera inflexível, com a intenção de me reivindicar. Meu núcleo latejava de ansiedade.

— Por favor — eu sussurrei.

— Minha Kira — ele sussurrou de volta, sua voz tão cheia de desejo que eu mal conseguia entender as palavras.

Colocando os braços atrás dos meus joelhos, ele me abriu bem antes de se empurrar para dentro. Meus olhos rolaram para a parte de trás da minha cabeça, minha boca congelada em um O silencioso enquanto, com estocadas lentas e cuidadosas, ele tomava posse de mim, me esticando até o limite. Ele se inseriu até ficar totalmente revestido. Eu nunca me senti tão preenchida, tão completamente possuída. Seus movimentos superficiais aumentaram constantemente em força e amplitude. À medida que eu me adaptava à sua circunferência, meus próprios quadris entraram na briga, juntando-se a ele em uma dança sem fim, ao ritmo do meu coração batendo forte, a canção de carne encontrando carne e de nossos gemidos misturados com minha respiração ofegante.

A violência do meu clímax fez meus dentes baterem enquanto minhas unhas cravavam nas costas poderosas de Duke. Ele gritou enquanto minhas paredes internas se fechavam ao seu redor, mas continuou enfiando, entrando e saindo de mim enquanto eu chegava ao ápice.

— De novo — ele rosnou em meu ouvido, prosseguindo com seu ataque implacável.

Eu não achava que conseguiria fazer de novo. Eu me senti crua, frágil, engolida por um turbilhão de sensações. E, no entanto, enquanto Duke mudava de ângulo, apertando sua pélvis contra minha protuberância inchada, relâmpagos distantes dispararam em minha virilha, espalhando gavinhas elétricas para fora enquanto outra maré se acumulava. Minha garganta, dolorida por ter gritado seu nome, só me permitiu sussurrar um gemido estrangulado quando ele mais uma vez fez meu corpo se contrair, e uma luz ofuscante brilhou diante dos meus olhos.

Segurando meus quadris com força, Duke gritou meu nome e jogou a cabeça para trás com um rugido de conquista. Sua semente fria explodiu dentro de mim, acalmando meu interior machucado, ainda pulsando com os últimos espasmos de êxtase. Depois de mais alguns movimentos, com a última semente gasta, Duke caiu para o lado, me puxando para cima dele.

Desossada, eu permaneci esparramada sobre seu peito, meu corpo vibrando.

— Minha linda Kira — Duke sussurrou, seus braços me apertando em um abraço possessivo que me fez ronronar de contentamento — Minha mulher.

Desgastada, eu quis responder, mas me senti leve, envolta em bolas de algodão. Minhas pálpebras de repente pesaram uma tonelada.

— Meu Duke — eu me ouvi balbuciar, e então não vi mais nada.

Capítulo 9

Duke

Eu olhei para nossa nova mesa de jantar com muito orgulho, ansioso pela reação da minha Kira quando ela a visse. Ontem, depois de terminar a construção da forja, eu procurei os materiais necessários para fazer para ela uma mesa mais adaptada às suas necessidades. Quando a noite caiu e as luzes dançantes apareceram, eu corri para casa para compartilhar a primeira vez que ela as veria.

O que se seguiu ainda me deixou cambaleando.

O gosto dela permanecia na minha língua. Ela era tão delicada e flexível em meus braços. O simples pensamento de Kira me deixava dolorosamente duro novamente. Uma vez durante a noite, eu a acordei para saciar meus desejos. Se ela não estivesse tão desgastada, eu a teria reivindicado repetidas vezes. Mas eu precisava mostrar mais moderação devido à sua frágil constituição. Não seria bom eu afastá-la com minha fome insaciável por ela.

Ontem à noite, eu tinha feito minha reivindicação de emparelhamento sobre ela. Antes que o sono a alcançasse, Kira também me reivindicou, mas eu não tinha certeza de que isso significava para os humanos a mesma coisa que significava para nós. O ciúme de Qaezul enquanto cortejava Lydia me deixou perplexo. Agora eu entendia muito bem, embora nenhum outro homem tenha demonstrado interesse ou chamado sua atenção. Até que a conhecessem, a palidez da sua pele continuaria a angustiá-los.

Apesar de Zaktaul avisá-los com antecedência, ver Kira em carne e osso trouxe de volta toda a extensão do trauma experimentado nas mãos da Criadora. Levaria algum tempo para que eles a vissem apenas como Kira e não tivessem flashbacks de Tarakheen e dos Estranhos.

Minha audição aguçada captou os sons de Kira se mexendo. Minha pedra-coração queimou de excitação e pânico. Eu verifiquei a mesa de madeira uma última vez para ter certeza de que as esculturas ornamentadas estavam devidamente polidas e iluminadas. Qae gentilmente criou um padrão simples que simbolizava a nevasca que permitiu que Kira e eu nos encontrássemos. Ele se ofereceu para embelezar a mesa para mim, mas eu recusei, querendo que este fosse

meu presente para ela. Felizmente, o padrão simples revelou-se bastante fácil de reproduzir. Trabalhar com madeira em vez de pedra também facilitou muito a tarefa. O trabalho de iluminação foi o que mais me causou dificuldades. Poucos valos dominavam o controle sobre os insetos paexi como Qae. Com base na cor das sementes ou plantas que os alimentávamos, eles secretavam um gel brilhante usado para decorar e realçar esculturas. O desafio era encontrar o alimento certo para o paexi criar um gel na mesma cor verde acinzentada dos olhos dela.

Os pés de Kira se arrastaram no corredor, em direção à sala de higiene. Eu liguei a placa de aquecimento e comecei a cozinhar tiras finas de carne de orzarix, que Lydia afirmou ter gosto de *baykon* defumado, seja lá o que isso significasse. Eu também grelhei alguns filés de peixe apimentados e cubos de raízes de tolan que aparentemente tinham gosto de algo chamado *bahtats*.

A porta da cozinha se abriu enquanto eu preparava a refeição quente.

— Algo cheira bem aq... — Kira parou de repente enquanto absorvia o que eu havia preparado para ela.

Com os olhos arregalados e os lábios entreabertos em choque, ela entrou lentamente na sala. As pontas dos seus dedos alcançaram a madeira escura polida da mesa, traçando o padrão esculpido ao longo das bordas.

— Uau... — ela sussurrou baixinho enquanto acariciava o padrão semelhante esculpido no topo do encosto das cadeiras.

Minha pedra-coração queimou em meu peito, a admiração no rosto de Kira enviando-a para uma sobrecarga emocional. Enquanto seu olhar vagava pela grande variedade de comidas espalhadas sobre a mesa, meus dedos tremeram com a necessidade de coçar o umbigo. Eu coloquei o prato sobre a mesa enquanto Kira a rodeava para se aproximar de mim. Seus olhos, brilhando mais que o normal, procuraram os meus. A intensidade das emoções internas me atingiu como um soco no estômago.

— Oh, Duke — ela disse, com lágrimas nos olhos.

Horrorizado, eu a agarrei quando ela se jogou em meus braços e enterrou o rosto em meu pescoço, fungando. Segurando-a perto, minha mente disparou, me perguntando onde eu tinha errado tão terrivelmente. Ela parecia feliz no início, até mesmo surpresa.

A comida. Tem que ser a comida.

Isso fez com que sua expressão mudasse de admiração para tristeza.

— Minha Kira, sinto muito por incomodá-la. Achei que isso te faria feliz. Diga-me o que te ofende e eu consertarei. Por favor, não fique triste.

Kira soltou uma risada curta em meio às lágrimas, me confundindo ainda mais. Afastando-se levemente de mim, ela levantou o rosto para olhar para mim. Perplexo, eu olhei para minha mulher, que sorriu para mim com uma expressão semelhante ao amor, através de olhos brilhantes e bochechas cobertas de lágrimas.

Ela segurou meu rosto em suas mãos — Meu lindo Duke, não estou triste. Estou chorando de alegria. Você é tão incrível. Já faz muito tempo que ninguém realmente se importa comigo ou cuida de mim como você. Não sei o que fiz para merecer você, mas estou muito feliz. Você me faz muito feliz.

Atordado por essa reação inesperada, eu descartei a estranheza de chorar quando se está feliz. Não fazia sentido, mas eu não me importei; eu tinha feito minha mulher feliz.

— Minha Kira — eu disse antes de nossos lábios se encontrarem.

Eu nunca me cansaria do gosto dela. Valos não beijavam, ou melhor, não beijavam antes da chegada de Lydia. O comportamento estranho rapidamente se tornou uma prática comum entre os casais valo. Agora, eu não poderia imaginar passar um único dia sem beijar minha Kira. Embora meu desejo por ela ainda ardesse intensamente, eu apenas derramei nela a terna emoção que ela despertou profundamente dentro de mim, e ela respondeu da mesma forma.

— Minha mulher — eu sussurrei quando me separei.

Seus olhos brilharam e ela sorriu — Se eu sou sua mulher, isso faz de você meu homem?

— Sim — eu disse com força — Eu sou seu, minha Kira.

Meu peito apertou com ansiedade. Ela entenderia o que eu quis dizer? Ela retribuiria ou rejeitaria um relacionamento exclusivo comigo?

— Ótimo — ela disse com um sorriso cheio de dentes — Porque eu me recuso a te compartilhar com alguém. Você é meu, Duke — suas mãos percorreram meu rosto até meu peito, seus polegares sacudindo meus mamilos — Toda essa perfeição é minha — ela acrescentou, como se fosse para si mesma.

O sangue correu para minha virilha e eu reprimi um gemido. Minha fome por ela retornou com força total, mas eu a forcei a diminuir.

— Não me tente, minha Kira. Devo alimentá-la antes que sua refeição esfrie demais — eu disse, as palavras queimando meus lábios enquanto minha vara latejava sob minha tanga.

Ela se virou para a mesa, lambendo os lábios em antecipação.

— Tem tanta comida! Não consigo comer tudo isso!

— Eu sei — eu disse — mas eu queria fazer um *brush* para você provar tudo.

Ela inclinou a cabeça, perplexa por um momento, depois seus

olhos brilharam de compreensão — Você quer dizer um brunch?

Eu estremei — Certo, *brontch*.

Ela sorriu e puxou uma cadeira com óbvio deleite — Essa mesa é incrivelmente linda! Não tem como você ter construído isso ontem à noite!

Eu me envaideci com o elogio — Eu fiz. Nós só temos mesas de pedra aqui. A madeira é mais leve, então pensei que seria mais fácil para você.

— É mesmo! Aquelas malditas cadeiras de pedra eram mais pesadas que eu. Obrigada!

Me sentando, eu lhe apresentei a comida cozida – que ela devorou em segundos – e depois comecei a contar-lhe sobre as diferentes frutas, vegetais e sucos que meu povo costumava consumir nas refeições matinais antes da mudança. No meio da refeição, eu a puxei para o colo, precisando senti-la mais perto. Ela não se importou e se inclinou para mim, me permitindo alimentá-la com alguns pedaços de vez em quando.

Quando ela finalmente desistiu, incapaz de engolir outro pedaço, eu guardei as sobras.

— Podemos praticar um pouco sua habilidade de gelo e depois posso lhe mostrar a cidade baixa — eu ofereci.

— Isso seria bom!

— Primeiro, eu devo verificar a fornalha para ver se algumas pedras precisam ser substituídas.

Seu rosto caiu ao ouvir minhas palavras. Ela franziu a testa, uma expressão culpada descendo sobre suas feições delicadas — Como isso está indo? Algum sucesso? — ela perguntou.

Foi a minha vez de franzir a testa — Não está indo nada bem, minha Kira. O pobre Qae fez pelo menos três dúzias de invólucros, nenhum deles está nem remotamente perto de ser utilizável. Tivemos que forçá-lo a parar porque a pele de seus braços e peito começou a formar bolhas por causa do calor.

Sua mão voou para o peito, choque e horror evidentes em seu rosto — Oh Deus, ele está bem?

— Não se preocupe. Valos se curam rapidamente. No caso de Qae, ele cura ainda mais rápido porque sua companheira passou para ele algumas de suas características de cura acelerada do experimento.

Kira exalou alto, com os ombros caídos de alívio.

— Não acredito que conseguiremos elaborar isso sozinhos, pelo menos não nos próximos meses, ou mesmo nos próximos anos — eu disse, com a dor crescendo em minha voz — Então, cultivar uma relação de confiança com os Valos do Fogo pode ser a única esperança para nossas tribos perdidas. Mas levará meses até que o nosso povo como um todo concorde em colocar as vidas dos nossos parentes nas

mãos de estranhos.

— Mas pelo menos há esperança — Kira disse com uma expressão preocupada, sua mão cobrindo a minha em um gesto reconfortante.

Kira parecia dividida, um brilho quase culpado passando por seus olhos. Por que ela se sentiria assim? Ela não era responsável pelo estado do nosso povo.

— Sim, mas sinto falta da minha mãe.

Os olhos de Kira encontraram os meus, chocados — Sua mãe? — sua voz transbordava de tensão.

— Minha mãe está entre os dormentes, em uma das salas dos fundos. Eu estava tão ansioso para ouvir a voz dela novamente, mesmo que ela me repreendesse. Eu não falo com ela desde o dia em que os Estranhos nos aprisionaram. Até você nos mostrar aquela caverna, eu acreditava que ela havia morrido junto com meu pai.

A minha pedra-corção latejava e queimava como acontecia toda vez que eu pensava nela. Pelo menos ela não estava com dor e ficaria em segurança até encontrarmos uma solução.

Parecendo desanimada, Kira se afastou de mim e saiu furiosa da cozinha. Atordoado, eu levei um segundo para sair da minha paralisia temporária e correr atrás dela. Ela ficou na sala de estar, olhando para a praça pela grande janela, e se abraçou como se estivesse sob os efeitos de um frio terrível.

O que acabou de acontecer?

Eu caminhei até ela, ficando a um fio de cabelo de suas costas. Sentindo minha presença, ela se inclinou contra mim. Eu passei meus braços em volta dela, esperando ouvir o que desencadeou sua estranha reação.

— Eu também sinto falta da minha mãe — Kira disse — Estávamos muito perto da Terra — ela estremeceu e eu apertei meu abraço — Eu nunca mais verei a minha nem poderei dizer a ela que estou bem, que encontrei um homem bom e pessoas gentis com quem conviver. Eu nunca terei a chance de dizer a ela que a amo e que me arrependo de toda a dor que a fiz passar.

O sofrimento em sua voz me rasgou. De repente, eu me senti mesquinho por me afundar na autopiedade quando ela havia perdido tanto mais que nunca mais poderia recuperar.

— Sinto muito, minha Kira. Eu não queria ser tão egoísta.

— Não! Você não entende... — ela se virou para mim, seus olhos passando entre os meus. Dor, culpa e tristeza profunda distorciam suas feições delicadas — No seu lugar, eu também faria qualquer coisa para salvar minha mãe; até mesmo mover montanhas se fosse necessário — olhando por cima do meu ombro, seus olhos perderam o foco — Eu sofri muito nestes últimos anos... Nos meus últimos dias em Caldera, estive pensando, diariamente, em me jogar na lava para acabar com

isso.

Meu estômago embrulhou, o medo endureceu minha coluna.

— Não, minha Kira! Você não deve ter pensamentos tão horríveis!

— Eu não tenho. Não mais. Não agora que encontrei você — ela disse, com os olhos distantes e o polegar acariciando distraidamente minha clavícula — Mas lá, era o puro inferno. Alguns humanos acreditam que, quando morrem, as pessoas más vão para o Inferno, um lugar horrível onde queimam em chamas por toda a eternidade. Eu estou no Inferno desde o dia em que pisei em Sonhadra. Pelo menos caímos no final do outono. Então, as temperaturas do planalto não eram tão ruins, mas quando saímos para vir para cá a primavera já havia chegado e, com ela, um calor ainda maior — seus olhos assumiram uma aparência assombrada antes de se conectarem com os meus — Eu não acreditei que sobreviveria à viagem até aqui. Quando não era caçada por tudo que queria nos matar, eu queimava viva. E agora que finalmente estou aqui, não quero mais sair. Eu não quero ir lá fora. Não consigo suportar a ideia... a dor...

Ela enterrou o rosto em meu pescoço e chorou. Eu a abracei com força, confuso com o que poderia ter desencadeado tal angústia, mas sem conseguir encontrar uma conexão.

— Você nunca precisa sair, minha Kira. Esta é a sua casa agora, comigo, com os Valos do Norte. O calor nunca mais irá atormentá-la.

Eu acariciei seu cabelo, mais macio que o pelo de um bebê sekubu. Ela tremeu contra mim e eu quebrei meu cérebro tentando entender o que estava acontecendo.

— Eu posso te ajudar a salvá-la — ela sussurrou contra meu pescoço — Posso ajudá-lo a salvar todos eles.

O QUÊ?!

Eu me afastei dela o suficiente para poder ver seu rosto. Culpa, medo e vergonha guerreavam em seu rosto.

— O quê? — eu perguntei, incrédulo.

— Se... se eu voltar lá, posso ajudá-los.

Em meio às lágrimas, Kira me contou sobre seu dispositivo *emprisonadora trede* que podia fazer réplicas perfeitas de qualquer objeto, em vários materiais de nossa escolha. Mas eles estavam dentro dos destroços do *Concord*. Meu espírito disparou e minha pedra-coração vibrou de excitação. Kira temia passar dias marchando no calor à mercê de incontáveis monstros cruéis, mas não demoraria tanto. Nós tínhamos rotas mais seguras.

— Minha Kira, não há necessidade de medo. Você levou cinco dias com os Valos do Fogo para chegar ao Vale E'lek, mas eles não estão sintonizados com gelo e água — eu disse, me sentindo presunçoso — Eu posso levá-la aos destroços em algumas horas, sem nunca colocar os pés dentro da floresta.

Ela olhou para mim, atordoadas, com medo e esperança brilhando em seus lindos olhos multicoloridos.

Meu sorriso se alargou.



Em duas horas, com o sol da manhã ainda baixo no horizonte, estávamos prontos para partir em nossa expedição com Zak e Millia nos acompanhando. A caçadora insistiu em acompanhar, pois seu irmão gêmeo estava entre os valos congelados.

Toda E'lek vibrava com esperança renovada, exceto minha Kira. Embora ela confiasse em mim para mantê-la segura e manter a viagem curta, a ideia de deixar nossas planícies geladas e o calor escaldante que ela teria que suportar ainda a aterrorizava. Mas nós pretendíamos protegê-la disso também. Lydia finalmente interveio, me dizendo para dar-lhe um momento com Kira para que ela pudesse *tirá-la dessa*. Diante da minha ignorância, Lydia explicou a origem da expressão.

Isso não fez nada para me apaziguar.

Enquanto convocamos nossas pranchas de gelo para deslizar até o penhasco, Kira pediu a minha irmã Jaankeln que procurasse Amber e os Valos do Fogo caso eles não chegassem à cidade ao anoitecer. Jaan prometeu.

Sob as despedidas e votos de felicidades da tribo, nós partimos para a falésia. Kira se fundiu comigo, com o rosto escondido em meu pescoço enquanto corríamos para frente. As curvas suaves de seu corpo se alinhavam perfeitamente com as minhas. O vento soprou seus longos cabelos em meu rosto e ombros. Sua fragrância floral estava me levando de volta à noite anterior enquanto ela dormia, enrolada em mim. Eu odiei deixá-la no meio da noite, mas a reação dela à mesa e à refeição matinal fez tudo valer a pena.

O barulho da cachoeira aumentou à medida que nos aproximávamos do nosso destino e, com ele, a tensão nos ombros frágeis de Kira. Seu medo me corroeu como ácido e me fez admirá-la ainda mais por ela fazer isso por nós... por mim. Após o choque inicial da sua confissão, eu percebi que Kira já estava ciente desta solução potencial há algum tempo, mas recusou-se a contemplá-la por medo do que isso significaria para ela. Se Qae tivesse conseguido, ela poderia ter mantido seu segredo. Na verdade, mesmo com o fracasso dele, ela poderia ter ficado em silêncio. O fato dela não ter feito isso e ter consentido em vir revelou a profundidade de seu amor pela mãe e, eu esperava, de seus sentimentos por mim.

Eu nos parei ao pé do penhasco e desfiz a placa de gelo. Kira

lançou um olhar confuso ao nosso redor. Sem nenhuma escada visível ou caminho para cima, ela naturalmente se perguntaria como pretendíamos chegar ao planalto.

— Venha, minha Kira — eu disse, pegando sua mão e conduzindo-a até a fachada rochosa do penhasco. Ela seguiu com a timidez de uma presa ao sentir um predador por perto — Espero que você não tenha medo de altura?

Ela balançou a cabeça — Eu não tenho problema com altura, dentro do razoável e dependendo das condições. É velocidade e rastejantes assustadores que não suporto.

— *Raste...* o quê? — eu perguntei, confuso.

— Insetos, bichos, vermes, qualquer coisa viscosa, não são para mim — ela disse, fazendo uma cara de nojo.

Eu apertei meus lábios para evitar que eles se esticassem em um sorriso. Exceto pelos raros insetos venenosos, tudo o mais que ela listou teria muito mais medo dela. Ela poderia esmagá-los com pouco esforço.

Deslizando um braço em volta de sua cintura, eu puxei Kira para mim. Ela me lançou um olhar curioso.

— Eu vou nos levar ao planalto — eu disse, sorrindo para sua expressão duvidosa.

Zak e Millia se juntaram a nós e ficaram um de cada lado de mim. Empurrando meu gelo na neve acumulada aos nossos pés, eu criei uma plataforma que lentamente começou a subir ao longo da face do penhasco, nos levando para cima. Kira gritou, agarrando-se a mim com as duas mãos.

— C... Como? — ela perguntou, perplexa.

— Da mesma forma que você congela ou desfaz as coisas — eu expliquei pacientemente — Quando você desfaz, você drena o frio de fora para dentro. Quando você move uma plataforma, você a desfaz na parte inferior, mas cria mais no topo. É uma das muitas coisas que vou te ensinar a fazer sozinha.

Seus olhos brilharam quando ela olhou para a pequena silhueta de E'lek desaparecendo à distância.

— Lydia pode fazer isso? — Kira perguntou.

— Não, as habilidades dela não são como as nossas.

— Isso é tão legal!

Por que “legal” era traduzido como incrível para os humanos ainda não fazia sentido para mim, mas todos nós aceitávamos que os humanos eram criaturas estranhas. Tudo o que importava para mim era que isso proporcionasse a Kira distração suficiente para manter sua mente longe de seus medos.

No instante em que pisamos no planalto, eles voltaram à tona. Felizmente, tão perto do Vale E'lek, as temperaturas permaneciam

frias, com pouca vegetação permitindo ventos fortes para nos manter frescos. Nós caminhamos uma curta distância ao longo do rio, até chegarmos a uma grande formação rochosa na água. Ficava perto o suficiente da margem para evitar que a embarcação que construiríamos fosse levada pela corrente.

Com os olhos redondos e os lábios entreabertos, Kira olhou maravilhada enquanto Zak, Millia e eu combinamos nossa geada para dar forma ao nosso barco de gelo que subiu em tempo recorde sobre a água. Por um momento, eu temi que a força da corrente o destruísse. Sem a ajuda dos meus companheiros, isso provavelmente teria acontecido. Quando terminaram de moldar a embarcação, eu ajustei sua distribuição de peso, formato e equilíbrio para garantir que ela flutuasse e oferecesse o mínimo de resistência enquanto tentávamos navegar rio acima.

Com a nossa tarefa concluída, eu construí uma rampa de gelo e a cobri com uma camada de neve para evitar um piso escorregadio, depois a desfiz quando estávamos todos a bordo. Com a corrente se opondo a nós, provou ser um pouco árduo ganhar impulso suficiente empurrando o nosso gelo para trás do barco como fazíamos com as nossas pranchas de gelo. Nossos esforços combinados finalmente prevaleceram e começamos a navegar em direção ao continente. Quanto mais nos afastávamos da cachoeira, menos sua força nos atrasava. Logo, quase voamos sobre a água.

Desta vez, a velocidade não pareceu incomodar Kira; pelo contrário. Criaturas aquáticas perigosas espreitavam abaixo de nós, mas estávamos nos movendo rápido demais para que elas se importassem conosco. Além disso, estar fora do alcance de qualquer ameaça vinda da costa ou das florestas vizinhas aliviou ainda mais suas preocupações. Eu aproveitei a oportunidade para mostrar a Kira as diversas plantas e criaturas que encontramos. Cheia de admiração, seus olhos se moveram de um lado para outro, observando a paisagem.

À medida que navegávamos mais profundamente no continente, o calor aumentava constantemente. Com apenas uma corrente fraca nos contrariando, eu deixei a tarefa de nos impulsionar para Zak e Millia enquanto concentrava meus esforços em manter a integridade do barco e manter o ar dentro da embarcação em níveis confortavelmente frios. Apesar do sol quente brilhar sobre nós, Kira não mostrou sinais de angústia ou desconforto. Eu teria que levá-la em mais viagens de barco. Poderíamos convidar Qae e Lydia, que também nunca navegaram por aí.

O tempo voou enquanto demos uma visão panorâmica de Sonhadra para Kira, pontuada por várias anedotas de caça antes e depois da mudança. Logo, a densa floresta diminuiu, as árvores deram

lugar a uma vasta clareira que se estendia até onde a vista alcançava. Zak e Millia diminuíram a velocidade quando os primeiros sinais de destroços apareceram.

O sol atingiu seu pico e nos atingiu com força. Não haveria abrigo contra isso. Nós paramos contra a grama alta perto da margem enquanto Millia a cobria com rajadas de frio para assustar qualquer predador ou criatura cruel que se escondesse entre as ervas daninhas. Alguns fugiram, rápidos demais para sabermos o que eram ou se representavam alguma ameaça real.

Mais uma vez, eu construí uma rampa e saímos do barco. O calor nos atingiu como um golpe físico. Kira choramingou, os joelhos quase cedendo. Nós a cercamos em uma formação triangular e mudamos para nossa forma de batalha. A aura fria da nossa armadura de gelo ajudou a resfriar o pequeno espaço ao seu redor. Eu lancei um olhar agradecido para meus companheiros valos. Nesta forma, o calor nos atingia ainda mais violentamente, mas, nesta missão, o bem-estar de Kira estava em primeiro lugar.

Nós caminhamos ao longo da distância curta, mas aparentemente interminável, até a carcaça queimada do que Lydia e Kira chamavam de cápsula. Ela foi totalmente destruída pelo acidente, a metade voltada para o rio foi praticamente arrancada. Zak e Millia entraram primeiro para procurar quaisquer animais selvagens que pudessem ter se instalado lá dentro. A natureza começou a reivindicar os destroços, mas a vegetação mal havia chegado aos corredores escurecidos pela fumaça.

— Eu conheço este lugar — Kira disse depois que eu a ajudei a entrar. Ela apontou para o lado esquerdo, no corredor mais escuro, onde uma porta danificada estava parcialmente aberta — Esta é a sala de operação de Sobin.

Ela parecia animada e perturbada. Eu agarrei o braço dela para segurá-la enquanto Zak ia em frente. Millia cobriu nossa retaguarda caso algo viesse do outro corredor e parecesse menos afetado pelo fogo. Zak ergueu o braço para sinalizar que tudo estava limpo e nos aproximamos para nos juntar a ele. Meu estômago afundou com a destruição total que o fogo causou. Nada poderia ser salvo aqui.

— Essa é Sobin — Kira disse com uma voz estranhamente distante enquanto apontava para um esqueleto humano esparramado no chão perto da mesa de operação — E esse é Jonah, o guarda maldito que tinha tanto prazer em abusar de nós. Lucie me disse que não havia enterrado nenhum desses filhos da puta quando eles vieram para cá.

— Era aqui que eles estavam torturando Lydia quando vocês caíram? — eu perguntei, olhando para o que presumi ser a mesa de operação onde ela estava amarrada.

— Sim. Essas tiras realmente salvaram a vida dela — Kira se

aproximou do esqueleto chamado Jonah, apoiado em um ângulo estranho no canto da sala, com o pescoço claramente quebrado. Ela moveu seus restos mortais com a ponta do pé — É claro — ela murmurou, parecendo desapontada — Eu esperava recuperar o bastão de choque dele — ela disse, apontando para um bastão escuro e meio derretido — Vamos. Não há nada para nós aqui. Essa pilha derretida aqui era a impressora 3D. Tudo o que não queimou e teve alguma utilidade, Lucie já pegou antes de vir nos buscar. Poderemos ter mais sorte em algumas das outras cápsulas.

Nós corremos de volta para o barco, verificando se nenhum novo ocupante o havia reivindicado. Apesar do calor escaldante – para nós – o barco lidou bem com a espera e exigiu apenas ajustes mínimos antes de partirmos novamente. Os próximos destroços surgiram poucos minutos depois de termos alcançado uma velocidade decente, dando-nos pouco tempo para aproveitar o ar fresco dentro de nossa embarcação congelada. Desta vez, demoramos ainda mais para caminhar até lá, sendo extremamente cautelosos durante nossa abordagem. Uma batalha sangrenta claramente ocorreu aqui. As árvores próximas ainda exibiam as cicatrizes das garras cruéis de alguma fera. Na verdade, feras, no plural. Os galhos secos e quebrados e o estado desbotado das cicatrizes sugeriam que a luta havia ocorrido há algum tempo.

Esta também se revelou decepcionante depois de nos dar falsas esperanças. Nenhum incêndio danificou os destroços, mas o impacto no pouso sim. Ninguém permaneceu lá dentro, exceto alguns roedores que fixaram residência em um dos quartos. Após uma rápida exploração, entramos em um lugar que Kira chamou de *farmaseea*. Ela se alegrou ao ver o dispositivo *emprisora* no chão, mas após um exame mais aprofundado, o declarou defeituoso. Provavelmente alguma coisa quebrou com o impacto.

A sensação de vazio na boca do estômago se aprofundou. Ver o mesmo desespero espreitando nos olhos de Zak e Millia não fez nada para aliviar os meus. Apesar de todos esses contratemplos, Kira permaneceu confiante de que encontraríamos uma solução funcional. Eu não tinha motivos para duvidar dela e, acima de tudo, queria me agarrar à esperança.

Nós corremos de volta para o barco. Embora ainda fosse o início da tarde, Millia continuava olhando para o sol. Se os dias eram perigosos no planalto, as noites eram mortais, tanto em terra como na água. Mal havíamos subido no barco, quando uma grande silhueta roçou a parte inferior de nossa embarcação.

Eu levei segundos para reconhecer a criatura rondando como um rimurak adulto. Embora normalmente nos referíssemos a ele como um peixe, ele não se enquadrava exatamente no perfil. Com a forma de

um verme cinza gigante e sem olhos, o rimurak tinha uma boca enorme cheia de dentes. Membros semelhantes a tentáculos circulavam sua cintura como uma saia, as extremidades em forma de folha com ventosas podiam prender sua presa com adesão inquebrável ou disparar dardos tóxicos venenosos para paralisar – às vezes até matar – seu alvo.

Eu puxei Kira para mim e gesticulei para que todos ficassem quietos e se agachassem dentro do barco. Eles prosseguiram o mais silenciosamente possível. Embora surdo e cego, o rimurak atacava suas presas por meio de vibrações e toque. Empurrando o gelo para as laterais do barco, eu comecei a construir uma cúpula sobre nós. Zak e Millia, rapidamente se recuperando, também ajudaram. O cheiro do medo subiu da minha mulher.

Eu pressionei meus lábios contra sua orelha e sussurrei — Cubra-se de gelo.

Com um aceno frenético, Kira convocou uma fina camada de gelo sobre sua pele. Isso não apenas atenuaria o cheiro de seu medo, mas, acima de tudo, desaceleraria suas funções biológicas, incluindo seu pulso, que atualmente vibrava como o de um pássaro preso.

A mão em forma de folha de um tentáculo rastejou pela lateral externa do barco, subindo lentamente onde estava a borda antes de eu construir a cúpula. Outro tentáculo se juntou, depois um terceiro, explorando em uma carícia lenta e mortal. Nós não poderíamos fechar a lacuna restante muito rapidamente ou o barulho alertaria a fera. Por alguns segundos estressantes, eu temi que não a fechássemos a tempo, mas o tentáculo alcançou a costura no momento em que a selamos e continuou sua exploração, sem saber.

Para garantir a segurança, nós engrossamos a face interna da cúpula. O tamanho do barco não cabia na boca do rimurak, então não precisávamos temer que ele tentasse nos engolir inteiros. Mas ele poderia tentar quebrar a nossa embarcação na esperança de encontrar algo comestível em um tamanho mais apropriado.

Kira tremia em meus braços, respirando rápida e superficialmente em pânico. Com os olhos arregalados, ela seguiu os movimentos dos tentáculos com horror paralisado. Felizmente, os valos não precisavam mais respirar. Portanto, apesar de seu estado de quase hiperventilação, o barco continha oxigênio suficiente para durar até que o rimurak se afastasse.

— Não tenha medo, minha Kira — eu sussurrei em seu ouvido — Ele não sabe se somos uma criatura viva ou apenas alguns grandes destroços flutuantes. O barco é muito grande e difícil de comer. Ele desistirá em breve.

Eu acariciei sua bochecha antes de beijar seus lábios. Ela fixou os olhos nos meus, os dela procurando. Eu segurei seu olhar, inabalável,

e sorri. O que quer que ela tenha visto em meu rosto de alguma forma a tranquilizou enquanto seu tremor diminuía e a tensão drenava de seus ombros.

Sem fazer barulho, ela murmurou — Eu confio em você.

Uma deliciosa bola de calor explodiu atrás da minha pedracorção, e eu apertei minha mulher enquanto ela se aconchegava profundamente em mim. Naquele instante, eu sabia que nunca poderia deixá-la ir. Nós não éramos apenas um casal emparelhado, ela era minha companheira. Enquanto eu andasse neste mundo, nenhum mal aconteceria a ela.

Levou mais algum tempo antes que o rimurak finalmente abandonasse sua exploração e se afastasse. Nós aguardamos mais alguns minutos antes de abrir uma abertura na cúpula na frente do barco, grande o suficiente para nos permitir ver por onde navegamos, e mais algumas na parte de trás para Zak e Millia nos colocarem em movimento.

O pescador que há em mim gemeu por deixar para trás uma pescaria tão boa. Antes da mudança, minha tribo teria se divertido em capturar a criatura cruel. Sua carne era bastante delicada e seus órgãos serviam na produção de muitas pomadas curativas e venenos de caça para nossas flechas e dardos. Entretanto, além de não sermos um grupo de caça, não tínhamos mais bocas suficientes para alimentar em E'lek para justificar essa matança.

Nós ganhamos velocidade rapidamente. Somente quando nos sentimos a uma distância suficientemente segura do rimurak é que desfizemos a cúpula. O calor da tarde nos lembrou que não estávamos navegando a lazer. Quando a silhueta dos terceiros destroços surgiu no horizonte, eu comecei a me desesperar. O clima em nosso navio congelado mudou à medida que nos aproximávamos. Esta era uma seção enorme da nave, facilmente dez vezes maior que as cápsulas anteriores que havíamos encontrado.

E movendo-se na frente deles, pelo menos uma dúzia ou mais de humanos.

Esse era um fator desconhecido com o qual não sabíamos muito bem como lidar. Zak, Millia e eu trocamos olhares preocupados. Eles se mostrariam hostis? Se sim, quanta força seria aceitável para Kira? Só o seu bem-estar nos preocupava. Mais deles saíram dos destroços quando notaram nosso barco se aproximando da margem.

— Kira? — eu perguntei, minha voz cheia de tensão.

— Está tudo bem — ela disse, mas sua voz traía um nível subjacente de estresse — Deixe que eu cuido deles, ok? Não entrem em suas formas de batalha a menos que eu diga. Os humanos se assustam facilmente. Isso também significa não rosnar com esses seus dentes afiados!

Ela disse a última parte em tom de provocação, tentando aliviar o clima. Eu joguei junto.

Desta vez, Kira insistiu em andar na frente. Millia e eu flanqueamos seus lados com Zak atrás dela. Nós ainda empurramos uma aura de frio entre nós para diminuir o desconforto do calor, principalmente para Kira. Apesar do meu conhecimento limitado dos protocolos humanos, eu sabia que minha mulher não poderia parecer fraca ou indisposta diante deles.

Minha ansiedade aumentou constantemente à medida que nos aproximávamos. Embora limpos, eles pareciam desnutridos, nervosos, e a maneira como seguravam os objetos estranhos nas mãos me convenceu de que estavam brandindo armas em nossa direção. Eu olhei para Kira. Ela parecia tensa e olhava para seu povo com cautela. Quando dois homens e uma mulher levantaram o bastão de metal em suas mãos, apontando as pontas ocas para nós, um grunhido ameaçador subiu pela minha garganta.

Kira tocou meu braço em um gesto calmante e balançou a cabeça discretamente.

— Fique aqui — ela sussurrou, virando a cabeça levemente em minha direção, mas sem quebrar o contato visual com um homem de cabelos escuros parado na frente do grupo de humanos.

Eu quis protestar, mas ela conhecia seu povo. A interferência poderia colocá-la em perigo, mas eu permaneci pronto para protegê-la com meu corpo ao primeiro sinal de problema.

A julgar pela forma como os outros olhavam para ele, como se procurassem orientação, presumi que o homem fosse o líder. Kira avançou em direção a ele, abrindo os braços para o lado, as palmas das mãos abertas e os dedos abertos em um gesto não ameaçador.

— Olá. Meu nome é Kira — ela disse.

Meu estômago afundou. Eu não entenderia uma palavra do que eles diriam.

Meu coração ameaçou sair do meu peito. Embora feliz em ver que tantas pessoas sobreviveram ao acidente, muitas delas eram criminosos endurecidos. Pelo menos trinta deles estavam fora dos destroços, e mais continuavam saindo. Haveria facilmente mais de cem deles, se não mais. Pela forma como a pele deles esticava em alguns e caía em outros, eles não comiam há algum tempo. A fome e o desespero muitas vezes tornavam as pessoas estúpidas.

Nem um único uniforme de guarda ou jaqueta científica entre eles me disse tudo o que eu precisava saber sobre esse assunto. Apenas seis deles tinham armas, três delas apontadas para mim e para os valos. O restante carregava armas improvisadas e o que pareciam ser alguns estilingues. Uma rápida olhada ao redor indicou que eles estavam transformando os destroços em seu novo assentamento. Perto dali, em um pequeno pedaço de terra arada, brotos jovens estendiam os membros em direção ao sol – na esperança de uma colheita que poderia chegar tarde demais.

Desejando ter uma bandeira branca em mãos, eu me tornei o mais não ameaçadora possível.

— Meu nome é Kira. Esses três habitantes locais são meus amigos — eu disse, apontando minha cabeça para trás em direção aos valos. Os humanos lançavam olhares frequentes para eles enquanto mantinham olhos cautelosos em mim. Eu apenas rezei para que nenhum deles estivesse prestes a disparar — Nós viemos em paz. Não queremos problemas. Como vocês podem ver, estamos desarmados.

O homem de cabelos escuros fez um gesto com a cabeça para que os três pistoleiros abaixassem as armas. Eu poderia ter feito xixi de alívio.

— Meu nome é Dave — ele disse antes de apontar o queixo para meus companheiros — O que eles são?

— Eles são valos. Valos do Norte. Uma das poucas espécies de valos que habitam este planeta — eu disse, dando-lhes uma rápida olhada por cima do ombro — São pessoas inteligentes, boas pessoas que vivem em cidades com estruturas sociais bastante semelhantes às

nossas.

— Não há cidades em um raio de quilômetros por aqui — interveio um homem loiro e magro com um forte sotaque sulista — Só aquelas criaturas malucas tentando nos comer toda vez que saímos.

Eu posso me identificar totalmente.

— Nem me fale. Eu mesma já cheguei perto de ser comida de fera muitas vezes — eu olhei para a multidão crescente. Eles agora estavam na casa dos sessenta, pelo menos — Eu não sabia que havia tantos sobreviventes nos destroços.

Dave enrijeceu, estreitando os olhos para mim. Sua reação suspeita me surpreendeu. Ele achava que eu estava aqui procurando seus pontos fortes e fracos?

— Ou quaisquer sobreviventes no geral — eu emendei — Os últimos destroços que encontramos estavam completamente desertos, um deles era uma carcaça queimada.

Essa observação pareceu acalmá-lo, mas não totalmente — Somos os primeiros humanos que você encontrou desde o acidente?

— Não — eu disse, balançando a cabeça, desejando que pudéssemos entrar na sombra — Seis outros humanos e eu encontramos refúgio com uma espécie de valos diferente. Os Valos do Fogo na cidade de Caldera.

— Valos do Fogo? — perguntou uma linda ruiva, seu próprio cabelo parecendo em chamas.

Eu limpei a garganta, sabendo como minhas próximas palavras seriam interpretadas — Sim. Os habitantes locais são diferentes tipos de elementais. Nossos anfitriões originais são do fogo, esses caras são de gelo. As outras cidades valos são água, ar, pedra, luz, sombra...

A multidão explodindo em gargalhadas incrédulas me poupou de mencionar a morte. Essa provavelmente não seria muito bem recebida.

— Você quase nos convenceu por um segundo — Dave disse.

Irritada e muito incomodada pelo calor, eu fiz um gesto para que meus companheiros se aproximassem. Eu não conseguia manter minha frente estoica por muito mais tempo e estava me esgotando tentando replicar a aura fria que os valos tinham ao meu redor.

— Ei! Ei! O que eles estão fazendo? — disse o cara sulista, visivelmente ansioso para erguer a arma novamente.

— Relaxe! — eu disse — Eles ainda estão desarmados. Eu simplesmente odeio ser chamada de mentirosa.

— Ninguém te chamou de nada, mocinha — ele murmurou.

Duke parou ao meu lado, sua proximidade revelando o quão tenso ele estava parado a mais de dez metros atrás de mim.

— Você pode mostrar a eles como você pode estender seu braço com gelo? — eu perguntei — Nada ameaçador, só para que eles

entendam o que é um Valos do Norte.

Duke franziu a testa. Eu não poderia culpá-lo. Eu não queria transformá-lo em algum tipo de espetáculo de circo, mas os humanos podiam ser muito teimosos quando se tratava de acreditar em magia, mesmo depois de suas bundas pousarem em um planeta alienígena. Com monstros eles poderiam lidar, magia, nem tanto.

Suspiros, gritos assustados e muitos palavrões surgiram da multidão enquanto a mão de Duke se estendia lentamente em uma longa lança de gelo, apontada para o céu. Quando atingiu cerca de dois metros de comprimento, ele a desfez duas vezes mais rápido.

— Não me fode — Dave sussurrou, estudando os valos com novos olhos.

— Isso é uma mulher? — o cara sulista perguntou, dando uma olhada em Millia.

— Sim, Millia é uma mulher — eu disse, olhando para ela. E então, gesticulando para os dois homens, continuei — E estes são Zak e Duke, ambos homens.

— Mas ela não tem peitos!

Eu revirei os olhos e Dave balançou a cabeça, desanimado.

— Então, o que vocês querem com os destroços? — perguntou um homem lindamente assustador, de cabelos castanhos e uma cicatriz acima da sobrancelha. Alto, musculoso, queixo quadrado e impressionantes olhos azuis, sua pele bronzeada e tatuagens pesadas o deixavam como um bad boy sexy. Mas o brilho duro em seus olhos e a inclinação desdenhosa de seus lábios em um eterno sorriso de escárnio gritavam que ele era um idiota épico.

Eu lambi meus lábios, meus nervos correndo pelo meu estômago embrulhado — Esperamos usar uma das impressoras 3D para replicar alguns itens que seu povo precisa.

— Malditos saqueadores — o cara assustador e gostoso retrucou — Parece que podemos nos dar ao luxo de fornecer alguma coisa?

— Já chega, Shaun — Dave disse.

— Você não me diz quando posso ou não falar, Dave — disse o cara assustador e gostoso, Shaun — Por que diabos deveríamos deixá-los levar o pouco que temos? O que isso traz para nós?

Eu reconhecia uma batalha pelo poder quando via uma. Mais alguns caras de aparência rude estavam ao lado de Shaun. Seus asseclas, sem dúvida. Eles seguravam as outras três armas que pude ver até agora. Pela maneira como a multidão olhava para Shaun e para Dave com cautela, como se esperassem para ver como ele reagiria, eu cheguei à conclusão de que Dave estava desempenhando um papel de líder precário, mas que Shaun poderia estar conquistando pessoas para seu lado. Eu duvidava que suas boas maneiras fossem a causa. Mas se o povo estivesse passando fome, eles procurariam uma

nova liderança, mesmo a de um ditador, em troca de uma barriga cheia.

Os olhares questionadores dos valos pesaram muito sobre mim. Eu me virei e fiz um rápido resumo do que Shaun havia dito.

— Uma troca então — Millia disse, com naturalidade. Ela olhou para Zack — Eles têm fome. Nós caçamos para eles em troca do uso de sua *empriohra*.

Eu sorri para ela e apertei sua mão em agradecimento. Me voltando para os sobreviventes, eu transmiti sua mensagem. Com os olhos arregalados, alguns deles se moviam, outros lambiam os lábios em antecipação, mas todos compartilhavam o mesmo olhar de esperança e incerteza.

— Não é fácil caçar lá fora — disse a linda ruiva — Tudo é enorme, rápido, com dentes malucos. Não podemos nem procurar comida porque metade dela é venenosa ou acaba sendo algum predador camuflado.

Os valos me olharam interrogativamente novamente e eu repeti seu comentário.

— Podemos mostrar a eles o que é seguro comer — respondeu Zak.

— Eu te entendo, Srta....? — eu perguntei.

— Scarlet — respondeu a ruiva — Sim, meus pais eram muito originais — ela disse com escárnio, sacudindo uma mecha ruiva de cabelo.

Eu sorri — Antes de encontrarmos refúgio com os valos, mal sobrevivemos lá fora. Mas esses dois são Caçadores dos Valos do Norte. Em troca do uso da impressora, eles caçarão comida suficiente para que cada um de vocês possa encher a barriga, e mostrarão a alguns de vocês o que é seguro para procurar e comer por aqui.

Eu esperava não estar prometendo demais, mas precisava concluir esse acordo rapidamente. Minha pele estava em chamas com o calor. Nem mesmo a aura fria dos meus companheiros era suficiente. Eu tinha que sair do sol e ir para a sombra.

— E o que você vai fazer com essa impressora? — Shaun perguntou em tom desafiador.

Exasperada, eu bufei e olhei para ele, abandonando toda pretensão de civilidade.

— Olha, se você quiser discutir isso até esclarecer tudo, podemos pelo menos fazer isso na sombra ou em algum lugar coberto? Como você pode ver, meus amigos estão sintonizados com o gelo. Esse calor é um pé no saco. A luz do dia também está sendo desperdiçada. Se você quiser comer esta noite, é melhor chegarmos a um acordo rápido, porque eles não irão caçar à noite, quando todos os monstros aparecerem.

Como eu esperava, a perspectiva de perder uma refeição em

potencial deixou a maioria da multidão mais receptiva, mas o babaca ainda não estava pronto para desistir.

— Você não pode nos intimidar para que desistamos de nossos preciosos recursos por causa de uma promessa — Shaun argumentou, tentando trazer a multidão de volta ao seu feitiço — Como sabemos que você não vai simplesmente fugir depois de conseguir o que deseja, sem cumprir sua parte no trato?

— Porque enquanto Duke e eu estivermos fazendo as réplicas – e há muitas para serem feitas – os Caçadores estarão procurando comida para vocês e não retornarão até que tenham o suficiente para todos. Então, temos um acordo ou não?

— Ainda não confio em você — Shaun disse com um tom arrogante — Você precisará fazer melhor do que isso.

Naquele instante, eu tive vontade de marchar até ele, arrancar a arma de suas mãos e acertá-la em seu rosto estúpido.

— Tudo bem, quer saber? Eu não tenho tempo para essa merda. Você quer monopolizar a impressora? Ótimo. Fique à vontade. Veja quanta comida isso colocará em sua barriga.

Me virando, eu gesticulei para que os valos me seguissem enquanto eu marchava de volta ao barco, esperando que os sobreviventes não descobrissem meu blefe. Bem, semi-blefe. Na verdade, não tínhamos tempo para essa merda.

A voz de Dave se elevou acima do protesto em pânico que explodiu atrás de mim.

— Ei! Aonde vocês estão indo?

Eu fiz uma pausa e me virei para eles, tentando dar a minha melhor impressão de “vocês estão desperdiçando meu tempo”.

— Há muitos outros destroços, e não duvido nem por um minuto que encontrarei uma ou mais impressoras 3D em um deles sem ter que aturar essa bobagem — eu disse, acenando para eles.

— Shaun não fala pelo resto de nós — Dave lançou um olhar para a multidão em busca de apoio. Vários acenos de cabeça e murmúrios de assentimento saudaram suas palavras — É um acordo justo que você oferece. Nós o aceitamos.

Lutando muito para reprimir um sorriso vitorioso, eu informei os valos enquanto nos aproximávamos dos sobreviventes. Shaun e seus capangas poderiam ser problemáticos. Portanto, eu fiz questão de informá-los sobre a ameaça potencial, grata pelos humanos não conseguirem nos entender.

No entanto, essa mesma barreira linguística revelou-se problemática na organização do grupo de caça. Seis humanos – quatro homens e duas mulheres – se voluntariaram para participar da aula de coleta de alimentos. Com cento e dezesseis sobreviventes restantes, trinta e duas mulheres e oitenta e quatro homens, eles tinham um

trabalho difícil pela frente.

Depois que o grupo de caça partiu, Dave nos levou até a ala médica. Ao longo do caminho, ele nos deu uma visão geral das dificuldades que enfrentaram. Houve mais sessenta e três sobreviventes que faleceram desde o acidente. Onze deles eram guardas que tentaram manter o controle – ou o domínio – sobre os presos. Eu poderia adivinhar como isso aconteceu. Duas dúzias morreram devido aos ferimentos. O restante faleceu devido a verduras e frutas locais tóxicas, ataques de predadores durante a caça e durante expedições para contatar outros sobreviventes ou habitantes locais.

Para minha grande surpresa, apenas alguns deles queriam sair dos destroços. Eles os transformaram em sua casa, e eles forneciam tudo de que precisavam, desde energia elétrica graças aos painéis solares, água limpa para beber e tomar banho, utensílios de cozinha e de refrigeração, um teto sólido sobre suas cabeças, muitos quartos para dormir, e até uma academia e sala de recreação. Eles até transformaram o convés da tripulação em uma estufa. Se não fosse pela escassez de alimentos e pela falta de munição, eles poderiam construir uma pequena aldeia próspera ao redor dos destroços, mas os predadores dificultaram as coisas.

A maioria dos sobreviventes eram desajustados à sociedade e não se consideravam capazes de se conformar às regras ainda mais estranhas de uma sociedade diferente. Eles esperavam construir aqui sua própria pequena utopia. Suas reservas alimentares inicialmente amplas alimentaram em grande parte essa esperança, mas sua incapacidade de reabastecê-la por meio de caçadas bem-sucedidas rapidamente as desgastaram. Suas tentativas de chegar a outros destroços ou cidades locais sempre resultaram em metade ou todos os batedores sendo mortos por criaturas aparentemente impossíveis de matar.

Duke não expressou surpresa quando eu lhe contei essa história. Esses destroços pousaram na terra de ninguém de Sonhadra. Esse era o ponto mais distante de qualquer cidade de Valos, com extensas florestas e terras selvagens no caminho. A maioria dos grandes predadores só poderia ser morta se você conseguisse atingir seus pontos fracos específicos, alguns dos quais exigiam uma certa quantidade de trabalho para serem expostos.

Nós finalmente chegamos à enfermaria. Eu não poderia culpá-los por quererem ficar aqui. Ela era de última geração e poderia passar por um mini-hospital. A farmácia anexa transbordava com todos os medicamentos possíveis. Eles até tinham um replicador de última geração que poderia reproduzir uma versão genérica da maioria dos medicamentos essenciais de que necessitavam. Isso duraria muito tempo, presumindo que nenhum dos sobreviventes comesasse a usá-

los para se divertir.

E então eu vi: uma impressora 3D imaculada e brilhante piscando para mim em uma prateleira atrás de uma porta de vidro fechada no canto esquerdo. Abaixo da impressora, toneladas de bobinas de filamentos de titânio estavam prontas. Eu gritei de alegria e bati palmas, correndo em direção a ela. Duke me seguiu, seus olhos brilhando com intensidade. Sua pedra-croação girou e vibrou de empolgação enquanto ele me observava manipulando o dispositivo. Se ele respirasse, Duke teria prendido a respiração, aguardando meu veredicto.

Eu sorri para ele e balancei a cabeça.

A emoção crua em seu rosto esculpido partiu meu coração. Eu sabia que os pensamentos de se reunir com sua mãe a havia desencadeado, e eu tentei não pensar nos meus, grata por poder lhe conceder esse presente.

Duke tirou o invólucro da bolsa e o entregou para mim. Eu o coloquei no scanner que fez um projeto rápido que depois transferiu para a impressora. Eu alimentei esta última com o filamento de titânio, liguei a impressora e fechei a porta de vidro.

— A impressora produz gases que podem se tornar tóxicos em grandes quantidades. O sistema de ventilação interno impedirá que isso nos afete — eu expliquei a Duke quando ele me olhou interrogativamente.

— Então — Dave disse, tentando parecer um pouco calmo demais — os outros dois são Caçadores. O que esse cara faz?

Eu não pude deixar de sorrir. Ele estava obviamente tentando ver que ajuda extra poderia conseguir de Duke. Dadas as circunstâncias, eu não poderia culpá-lo. Eu não sabia que crime ele havia cometido para chegar ao *Concord*, mas ele parecia um líder decente. Qualquer assistência que lhe déssemos ajudaria a solidificar a sua posição. Embora eu realmente não quisesse me envolver no drama deles, Shaun parecia um desastre em formação.

— Ele é um Construtor — eu disse — Edifícios, pontes, móveis, você escolhe.

Os olhos de Dave se arregalaram, assumindo um tom calculista.

— Mesmo que ele concordasse em me deixar aqui sozinha, ele não entenderia nada do que você dissesse — eu disse preventivamente.

— Você pode traduzir enquanto esta primeira peça está sendo impressa. De qualquer forma, vai demorar um pouco para ser concluída. Depois, você pode voltar aqui para começar outra — Dave argumentou.

— Você esqueceu da parte sobre ele não me deixar aqui sozinha — eu respondi — Ele é muito protetor comigo.

— Eu posso ficar aqui com você — Scarlet disse — E a porta tranca

por dentro, então ninguém poderia entrar e mexer com a gente.

Sua ansiedade me disse que ela realmente queria falar comigo em particular. Sendo uma garota tão linda, eu poderia imaginar que tipo de conversa ela gostaria de ter.

— Ele não é meu escravo — eu disse cautelosamente — Depende inteiramente dele se quiser ajudá-lo além do acordo que combinamos.

— É justo — Dave disse imediatamente — Você pode perguntar a ele?

Como eu imaginei, Duke surtou com a ideia de me deixar. Mas olhar para a impressora provou que Dave estava certo. Levaria mais tempo do que o esperado para concluir o invólucro. Duke olhou para Scarlet com desconfiança, seu olhar demorando-se na arma que ela ainda segurava. Percebendo como isso seria um obstáculo, ela rapidamente a entregou a Dave. Depois de verificar a segurança da fechadura manual adicional na porta, Duke, a contragosto, permitiu que Dave nos levasse para fora para descrever as tarefas nas quais ele poderia precisar de conselhos – ou melhor, de ajuda.



Scarlet e eu estávamos conversando casualmente enquanto examinávamos o nono invólucro atualmente sendo impresso. Cada um levou cerca de quinze minutos para ser construído. Tecnicamente, isso não demorava muito, mas, na prática, significava que ainda precisávamos de trinta horas, sem parar, para imprimir os cento e nove invólucros restantes para equipar todos os valos congelados. Por segurança, eu queria imprimir cinco extras, só para garantir. Isso significava que teríamos que passar duas noites aqui.

Enquanto preparava os invólucros, eu compartilhei com ela a refeição que os Coletores prepararam para mim antes de minha partida. Ela quase chorou enquanto devorava sua parte. Enquanto comíamos, eu perguntei sobre a saúde dos outros sobreviventes. A maioria dos doentes e feridos foi curada graças à farmácia bem abastecida e às instalações médicas de primeira linha.

Porém, Scarlet explicou que eles não sabiam usar alguns equipamentos. Alguns sobreviventes também desenvolveram erupções cutâneas ou reclamaram de várias dores. Como eu ficaria presa aqui por um tempo – e ver tinta secar era mais emocionante do que imprimir os invólucros – eu queria usar esse tempo tratando aqueles que se sentiam doentes e ensinando alguns dos sobreviventes a usar o equipamento. Fazer com que Duke concordasse em deixar alguns sobreviventes entrarem na sala em sua ausência poderia ser um

desafio.

Enquanto engolíamos os últimos pedaços de nossa comida, Scarlet comentou o quão gentil Duke foi ao trazê-la para mim, garantindo ao mesmo tempo que nenhum perigo me ameaçasse. Isso me fez sentir querida de uma forma que nunca havia sentido antes. Duke estava se apaixonando rápido e forte por mim. Ele demonstrava isso em cada gesto, cada olhar e cada palavra. Graças a Deus, porque meu alienígena me surpreendeu completamente.

Nossos sentimentos mútuos foram demonstrados o suficiente para Scarlet descobrir. Ela fez inúmeras perguntas sobre E'lek e a vida com os valos. Seu interesse por Zak me fez pensar se ela estava procurando um sugar daddy; sua passagem para a cidade congelada. No entanto, ela expressou abertamente seu desejo de vir conosco quando partíssemos e pediu que mais alguns pudessem ir junto.

Como eu suspeitava, uma mulher linda como ela não tinha vida fácil na prisão. Antes do acidente, os guardas encontravam muitas desculpas para “puni-la”. Alguns nem sequer fingiam estar aplicando disciplina e simplesmente pegavam o que queriam. Ela não negou estar entre os que se livraram dos guardas. Agora, ela e algumas outras mulheres dependiam da permanência de Dave no poder para mantê-las seguras. No entanto, ele vinha perdendo muito terreno com a escassez de alimentos e o forte racionamento. Ela não se importava se ela congelasse em E'lek se isso significasse uma medida de paz, segurança e barriga cheia.

Acontece que o pai dela também estava aqui. Depois que ela foi presa por causa de um golpe fracassado, seu pai viúvo se candidatou a um cargo de manutenção de nave a bordo do *Concord*. Como engenheiro de soldagem aposentado, ele era um candidato bom demais para ser deixado de lado, apesar de seus vínculos com um dos internos. Assim como eu, a maioria dos profissionais que se candidatavam a qualquer cargo no *Concord* logo desistiam ao perceber que tipo de coisas obscuras ocorriam a bordo. Os sobreviventes pouparam todo o pessoal que não mexeu com eles, como zeladores, cozinheiros e o pai dela.

Eu não poderia prometer a ela que os valos os receberiam bem, mas meu instinto me dizia que estaria tudo bem para um grupo tão pequeno. Se todos os sobreviventes tivessem solicitado a adesão, a história teria sido diferente. A menos que os valos entregassem suas casas, E'lek não poderia abrigar tantas pessoas. Mesmo assim, eles não iriam querer, considerando que eles praticamente me colocaram em prisão domiciliar por causa da cor da minha pele e por eu ter defendido Lucie. Dois terços dos presos eram caucasianos ou de pele clara o suficiente para se passarem por tal. Depois da experiência deles com os Estranhos, eu não achei que eles deixariam tantos de nós vagar

pela cidade, especialmente porque estávamos quase no mesmo número deles. Claro, eles eram mais fortes e poderiam facilmente nos dar uma surra, mas por que deixar o lobo entrar?

A parte irônica é que Sheenika, a Criadora dos Valos do Fogo, na verdade tinha pele morena. Se todos os sobreviventes caucasianos fossem para Caldera, seriam recebidos de braços abertos como nós seis fomos?

Enquanto a impressora fazia sua mágica, eu dei uma volta até a farmácia adjacente. Scarlet não iria me delatar por roubar alguns itens, especialmente considerando que eles poderiam servir para ela também se os valos permitissem que ela se juntasse a nós. Eu peguei alguns analgésicos, penicilina, água oxigenada e uma caixa de absorventes internos. Isso não duraria muito, mas se eu mostrasse um para as mulheres valos, acreditava que elas poderiam preparar algo que tivesse a mesma eficiência. Por enquanto, Lydia não precisava de nada, estando grávida e tudo mais, mas isso também não duraria.

— Contraceptivos? — Scarlet perguntou, quando me virei para sair da farmácia.

Meu estômago afundou. Era uma pergunta justa; uma à qual eu não teria hesitado em dizer “sim” há uma semana. Mordendo o lábio inferior, eu ponderei; com minha conversa com Lydia se repetindo na minha cabeça. Aos vinte e oito anos, eu não estava exatamente com pressa de criar filhos. Eu queria ter um dia, mas agora era a hora? Mesmo que eu estivesse apaixonada por ele, eu mal conhecia Duke. Eu estava pronta para ter um filho com ele? É verdade que a sua sociedade via e tratava as crianças de forma diferente. Mesmo que Duke e eu jogássemos a toalha no futuro, nosso filho seria amado e cuidado por todos, incluindo seu pai e toda a tribo.

Nosso filho...

Isso me assustou, mas fez meu estômago vibrar com sensações quentes.

Foda-se.

— Não, eu estou bem.

Os olhos de Scarlet se arregalaram — Sério?

Eu inspirei profundamente e soltei um suspiro alto — Sim, sério — eu a olhei diretamente nos olhos — O povo dele não pratica contracepção e, para ser sincera, eu gosto bastante da ideia de lhe dar um filho. Este é um novo mundo, um novo começo. Eu vou apostar tudo. Aconteça o que acontecer.

— Uau — ela disse — Admiro sua coragem.

Apesar de tudo isso, eu vi o olhar especulativo em seus olhos. Eu não tinha dúvidas de que ela estava se perguntando se conseguiria se imaginar fazendo isso também. Se minhas suposições estivessem corretas, Zak ocupava um lugar de destaque em tais pensamentos.

Com um sorriso mal reprimido, eu voltei para a enfermaria para retomar meu trabalho.

Vinte minutos depois, quando removi o nono invólucro completo e comecei a imprimir o décimo, gritos do lado de fora assustaram Scarlet e eu. Nós trocamos um olhar confuso. Scarlet foi até a porta para olhar para fora pela janela de vidro grosso. Eu a segui, forçando meus ouvidos para ouvir.

— Parecem gritos de felicidade, não de terror — Scarlet disse.

Para meu grande alívio, eu concordei.

— Millia e Zak devem estar de volta — eu disse — A caçada deve ter sido bem sucedida.

Como se em resposta a essa afirmação, o corpo musculoso de Duke caminhou até a porta. Scarlet a destrancou rapidamente e nós dois olhamos para ele com expectativa.

— Eles estão de volta — Duke disse, lançando um olhar curioso para os invólucros concluídos — Eles trouxeram muitos vegetais e dois animais grandes. Os humanos os chamam de *javalos* selvagens gigantes. Não vejo o que há de parecido conosco nessas criaturas enormes, com inúmeras presas e chifres mortais. Vocês, humanos, são realmente uma espécie estranha.

Eu comecei a rir.

— Não são *javalos*, são javalis! — eu disse.

Ele piscou para mim, o que me fez rir ainda mais. Claro, foneticamente, eles soavam parecidos. Eu balancei a cabeça e dei-lhe um sorriso indulgente.

— Não importa, querido. Concordo que nossa linguagem às vezes pode ser estranha.

Ele encolheu os ombros e sorriu de volta — Eu irei ajudá-los a cortar a carne. Enquanto os humanos cozinham, iremos testar os invólucros.

Meu estômago deu um nó. Nós havíamos concordado em simplesmente usar os filamentos de titânio para fazer os invólucros, já que esse era um dos metais usados pelos humanos para implantes com menos riscos de rejeição ou reações alérgicas. Eles tinham enormes reservas de filamentos e precisávamos apenas de uma pequena quantidade. Também não tínhamos o tamanho adequado para o filamento ser feito do minério valos xorkeb. No entanto, antes de enlouquecermos imprimindo cento e dezoito deles, queríamos ter certeza de que eles funcionariam.

Infelizmente, meu homem seria a cobaia. Não podíamos arriscar que nossos dois melhores lutadores ficassem incapacitados caso as coisas ficassem feias com os humanos. Eu argumentei que não poderíamos arriscar que nosso melhor marinheiro caísse se tivéssemos que fazer uma fuga rápida pelo rio. No entanto, Zak e Millia

argumentaram que a viagem até aqui havia esclarecido muita coisa para eles.

Demorou apenas uma hora para cortar as duas feras. Metade de uma única forneceria carne mais que suficiente para alimentar todos os sobreviventes até explodirem. Cada “javali” media cerca de dois metros de altura e o dobro de comprimento. O restante da carne crua foi porcionada e colocada nas unidades de refrigeração. Racionadas razoavelmente, eles teriam o suficiente para comer por uma semana. Se o teste fosse bem-sucedido, os Caçadores armazenariam o máximo de comida que pudessem para os sobreviventes durante os dois dias necessários para terminar de fabricar todos os invólucros.

Scarlet se juntou aos outros humanos na cozinha para ajudar a preparar a refeição composta por grandes bifes de javali acompanhados de raízes cozidas com gosto de inhame, folhas verdes que lembravam espinafre e frutas do rio como sobremesa. A nave inteira vibrava com uma energia alegre enquanto meu coração implodia em meu peito. Millia cuidou das carcaças e peles das feras, ensinando sua técnica a um punhado de humanos. Zak se juntaria a ela depois de concluir o procedimento em Duke.

Com a garganta apertada a ponto de quase sufocar, eu removi o invólucro de titânio da solução esterilizante enquanto Duke se deitava na mesa de operação. Zak colocou o recipiente de creme dos Criadores da caverna na bandeja ao lado da mesa e lavou bem as mãos.

— Tem certeza de que não quer anestesia? — eu perguntei a Duke pela centésima vez.

Ele apertou minha mão e sorriu. A confiança em seus olhos me deu certa força, mas a ideia de perdê-lo me roubou o fôlego.

— Beije-me, minha Kira — Duke sussurrou — Em breve tudo acabará e tudo ficará bem.

Piscando as lágrimas que brotaram em meus olhos, eu me inclinei e o beijei.

— Não se atreva a morrer — eu sussurrei contra seus lábios — Eu acabei de te encontrar. Não se atreva a me deixar.

Eu esmaguei seus lábios novamente, desta vez nosso beijo gritou desespero; meu desespero. Zak limpando discretamente a garganta me forçou a terminar. Eu descansei minha testa na de Duke por um segundo antes de me endireitar.

— Você está pronto, irmão? — Zak perguntou.

— Sim — Duke respondeu sem quebrar o contato visual comigo.

Pelo canto do olho, eu vi a mão de Zak estender para a pedra-corção de Duke. Uma série de cliques e um silvo liberaram as garras que a seguravam no lugar. A pedra-corção saiu com um estalido suave e, com ela, toda a vida fugiu dos olhos de Duke.

Um calafrio percorreu minhas costas olhando para aqueles olhos

mortos.

— Duke? — eu gritei, com minha voz incerta.

— Sim — ele respondeu.

Sem emoção.

— Você sabe quem eu sou?

— Você é Kira Lindberg, do *Concord*. Você é minha mulher.

Uma inteligência artificial mostraria mais sentimentos do que isso. Isso me mostrou que remover a pedra-coração lhes rouba suas emoções.

— Não tenha medo, Kira — Zak disse — Tudo ficará bem — ele se virou para encarar Duke — Prepare-se para a remoção do invólucro.

— Pronto — Duke disse depois de alguns segundos.

A pele ao redor do invólucro adquiriu uma tonalidade esbranquiçada, como se ele tivesse transformado a carne daquela área em gelo. Os dedos de Zak se alongaram em placas planas que ele deslizou sob as bordas do invólucro antes de retirá-lo. Eu queria desviar meus olhos. Somente meu treinamento em enfermagem cirúrgica me manteve enraizada no lugar. Um buraco com carne azul clara me cumprimentou. Pequenos buracos ao longo da carne congelada indicavam onde a pedra-coração se conectava com o resto do seu sistema.

Parecia saudável por dentro e Duke não parecia sentir nenhuma dor. Ainda assim, eu não queria atrasar mais do que o necessário. Enquanto Zak aplicava o creme dos Criadores ao longo das paredes do buraco no peito de Duke, eu botei luvas cirúrgicas e peguei o invólucro esterilizado.

Parecia um pouco mais pesado do que o modelo que usamos. Eu entreguei para Zak, que cuidadosamente o inseriu dentro do peito de Duke. Eu soltei um suspiro trêmulo quando o invólucro deslizou confortavelmente para dentro do buraco.

— Você está bem, querido? — eu perguntei, acariciando a testa de Duke.

— Sim, Kira. Estou bem. Não há dor ou desconforto.

Seu tom e comportamento neutros me deixaram nervosa. Havia algo inerentemente assustador em tudo isso. Agora eu entendia perfeitamente o que ele quis dizer quando disse que a pedra-coração continha suas almas. Como Lydia conseguiu passar as horas que levou antes de devolver a pedra-coração de Ky?

— Libere seu gelo para que eu possa devolver sua pedra-coração — Zak disse.

A pele ao redor do invólucro de Duke perdeu a coloração esbranquiçada e voltou ao seu habitual azul escuro. Zak deslizou a pedra-coração de volta. Duke estremeceu, seu silvo de dor quase cobrindo o som do clique da sede de sua alma travando de volta no

lugar.

Duke flexionou os músculos do peito e girou os ombros para verificar o ajuste. Ele sorriu para Zak antes de se virar para mim, seus olhos brilhantes cheios mais uma vez de calor e afeto profundo.

— Eu disse que tudo ficaria bem, minha linda Kira.

Com um soluço sufocado, eu me joguei em seus braços.

Capítulo 11

Duke

Minha Kira... eu odiava o medo em seus olhos. E, no entanto, isso fez meu espírito disparar. Eu não duvidava mais que ela nutria sentimentos verdadeiros por mim. Eu queria correr para fora e gritar para toda Sonhadra. Com muito esforço, eu controlei a vontade e permaneci sentado enquanto minha companheira comia.

Os outros humanos conversavam e riam alto enquanto comiam suas próprias refeições. Muitos lançaram olhares agradecidos em nossa direção, embora Millia e Zak tivessem todo o mérito. Enquanto eles dormissem, nós três terminaríamos de polir os ossos e construiríamos armadilhas e armas para os humanos. De manhã, ensinaríamos aos humanos como construí-las também.

Para criminosos, a maioria deles não parecia nem um pouco com pessoas más. Mas, como minha Kira disse sabiamente, eles tiveram a chance de uma nova vida. Talvez chegar tão perto da morte tenha sido esclarecedor e inspirado-os a mudar seus maus hábitos. Independentemente disso, vê-los tão animados me animou.

Eu ainda não confiava neles, mas eles me fascinavam. Eu nunca tinha visto uma única espécie com tantas cores e formas diferentes. Eles eram incrivelmente expressivos, comunicando significados profundos com meros sons, grunhidos, gestos manuais e corporais ou expressões faciais. Os Valos do Norte gesticulavam pouco, contentes em afirmar claramente o que queremos dizer com palavras. Menor risco de má interpretação. Ainda assim, ser minoria em uma espécie tão eclética coloca as coisas em perspectiva.

Os olhos de Kira se voltaram para os meus novamente antes de olhar para minha pedra-corção quando me mexi na cadeira. Levaria algum tempo até que ela se sentisse segura de que tudo estava bem, embora parecesse estranho com o invólucro um pouco mais pesado. Levaria algum tempo para se acostumar. Tudo o que importava, porém, era que ele funcionasse. Eu continuaria a usar esse novo invólucro por pelo menos uma semana para ver se ocorria algum inchaço. Se não ocorrer, em mais uma semana nosso povo será libertado.

Finalmente saciada, Kira empurrou o prato para trás, com um sorriso satisfeito no rosto. Sua refeição foi preparada com temperos humanos. E embora ela gostasse de nossa comida, ela ficou satisfeita em sentir o gostinho de casa. Depois de levar os pratos vazios para a máquina de lavar, voltamos para a enfermaria e trancamos a porta. Ela continha cinco quartos lacrados reservados para pacientes que poderiam contaminar outras pessoas. Com todos eles vazios, nós escolhemos um desses quartos para Kira. Por ter uma fechadura própria e a da porta principal da ala médica, eu fiquei menos preocupado com a segurança de Kira durante a noite.

Embora eu tivesse ensinado Kira a se limpar em segundos, como os Valos faziam, invocando uma fina camada de gelo sobre nosso corpo para reter qualquer sujeira e pele morta e depois removê-la, ela ainda gostava da sensação da água sobre ela quando tomava banho. Não que eu me importasse. A cabine de *shulveiro*, como ela chamava, não cabia nós dois, então eu fiz com que ela mantivesse a porta aberta, convoquei um assento de gelo para mim e a observei. Ela reclamou a princípio que era constrangedor, o que eu achei bobo. Eu tinha visto, tocado e provado cada parte de seu corpo nu. Por que ter vergonha agora? Ou aliás, em qualquer outro momento?

Os humanos eram estranhos com sua necessidade irracional de esconder partes específicas de seus corpos.

Depois que superou a timidez, ela começou a sentir prazer com a experiência. Diminuindo o movimento das mãos, ela ensaboou o corpo em gestos sensuais, provocando os próprios mamilos eretos e esfregando o nó rosado entre as pernas. Um grunhido saiu da minha garganta quando minha vara enrijeceu, transformando minha tanga em uma tenda. Continuando a deleitar meus olhos com minha mulher, eu descartei a cobertura irritante.

Com a água caindo sobre ela, o cabelo longo e branco de Kira ficou um pouco mais escuro, grudado em sua pele em redemoinhos quase artísticos. Virando-se de costas para mim, ela pressionou as palmas das mãos contra as laterais do *shulveiro* e balançou os quadris de um lado para o outro. Kira então se abaixou até que as pétalas rosadas de suas dobras me espiassem. Deslizando a mão entre as coxas, ela circulou a pequena protuberância com as pontas dos dedos.

Minha vara latejava. Eu queria marchar até lá e tomá-la por trás com tanta paixão que fez com que minha pedra-coração queimasse um buraco mais profundo no meu peito. Segurando meu sexo, eu o acariciei lentamente com um aperto firme semelhante ao aperto da minha mulher.

Kira continuou a se tocar por mais algum tempo antes de se endireitar e me encarar. Seus olhos escureceram quando ela percebeu o movimento da minha mão. Ela lambeu os lábios, olhando para o

meu eixo com um olhar faminto que o fez estremecer na palma da minha mão. Desligando a água, Kira torceu o cabelo para se livrar do excesso grudado nele e caminhou em minha direção, sem se importar com a água que se acumulava em seus pés – sem mencionar a grande quantidade que havia espirrado no chão enquanto ela se limpava.

Empurrando meu gelo tanto para a água grudada nela quanto para o chão, eu a cristalicei antes de liberá-la do corpo de Kira, secando-a instantaneamente. Quando ela diminuiu a distância entre nós, eu tentei me levantar, mas ela apontou um dedo ameaçador para mim, ordenando que eu ficasse quieto. Antes que eu pudesse reagir, ela caiu de joelhos diante de mim, empurrou minha mão para o lado e enterrou o rosto na minha virilha. Um grunhido selvagem retumbou em meu peito enquanto ela esfregava o rosto contra minha vara, seus dedos delicados não eram longos o suficiente para circundar completamente minha circunferência.

Quando sua língua, mais quente que o resto de seu corpo, tocou a base do meu saco antes de deslizar por meu comprimento, pensei que minha pedra-coração iria explodir em chamas. Meus dedos encontraram o caminho através da suavidade de seus longos cabelos enquanto sua boca explorava, provava e provocava. Seus lábios se fechando ao meu redor engolfaram a cabeça da minha vara no inferno mais dolorosamente doce. Meu peito vibrou com meu gemido de prazer. Com medo de machucá-la ou sufocá-la, eu resisti à vontade de empurrar os quadris para frente, os músculos da minha barriga contraindo-se dolorosamente com o esforço.

Com a cabeça balançando sobre minha virilha, ambas as mãos acariciando a base do meu eixo, Kira estava me levando à beira da loucura. Sua língua provocou as cristas ao longo do meu comprimento. Ela as adorava, dizendo que lhe davam as sensações mais insanas. Aparentemente, os homens humanos não tinham cristas nas varas e tinham sacos menores que nós, mas dois em vez de um, como o dos valos.

Kira de repente me tomou profundamente – a cabeça da minha vara esfregando contra o fundo de sua garganta – e começou a gemer. Fogo e relâmpagos me atingiram, me levando em um tornado de sensações. Eu não conseguia ouvir meu grito de êxtase através do sangue que rugia em meus ouvidos. Minha visão ficou turva quando minha semente explodiu na boca da minha mulher. Ela chupou e lambeu enquanto os tremores ainda me sacudiam. Se não fosse pela parede nas minhas costas, eu teria caído.

Quando a névoa de felicidade se dissipou, Kira se levantou e montou em mim. Seus seios tensos pressionaram contra meu peito, e seu núcleo escorregadio e ardente esfregou contra meu eixo que despertava com cada giro lento de sua pélvis. Eu agarrei sua bunda

com as duas mãos, segurando-a firmemente contra mim, e movi meus quadris em contraponto aos seus movimentos. Em segundos, minha vara estava pronta, ansiosa para mergulhar em sua abertura molhada.

Invocando minha geadas, eu alonguei o banco de gelo abaixo de mim, longo o suficiente para me permitir deitar de costas se quisesse, mas estreito o suficiente para que as pernas de Kira ficassem penduradas de cada lado. Eu queria deitá-la sobre ele, me enterrar profundamente em seu calor e meter nela até que nós dois desmoronássemos, mas a superfície congelada seria muito dura para ela. No entanto, eu ainda poderia usá-la para retribuir o presente maravilhoso de sua boca para mim. Antes que eu pudesse prosseguir, Kira agarrou minha vara, esfregou a cabeça contra sua maciez e depois se abaixou sobre ela.

Meu longo e retumbante gemido aumentou em uníssono com o dela. Pelos Ancestrais, eu nunca me cansaria dela. A rigidez de suas paredes ao meu redor já me deixou à beira de derramar novamente. Kira me montou com uma fúria selvagem, seu cabelo marfim balançando ao seu redor. Sob a forte luz artificial da sala, sua pele luminosa brilhava como neve recém-caída sob um sol forte. Deitado, eu a puxei para mim e capturei seus lábios.

Meus dedos agarraram sua bunda com força, mantendo-a imóvel enquanto eu empurrava para dentro dela. Eu liberei minha paixão, tomando-a com força e rapidez, estimulado por seus gemidos de êxtase e pela maneira como ela cantava meu nome.

Eu rosnei e aumentei a força e o ritmo dos meus movimentos. “Amante gentil” realmente não se aplicava a mim. Com sua delicada estrutura óssea, eu temia que Kira se machucasse se eu me rendesse ao fogo que ardia dentro dela. Mas ela me acompanhou, me encontrando movimento após movimento, impulso após impulso. Suas unhas delicadas me cravaram, seus dentes rombos morderam meu ombro enquanto ela chegava ao ápice. Ela jogou a cabeça para trás, gritando meu nome enquanto desmoronava.

Essa era outra visão da qual eu nunca me cansaria. Eu continuei metendo nela até que ela se desfez mais uma vez, e somente na terceira vez eu mostrei misericórdia enchendo-a novamente com minha semente enquanto a felicidade abrasadora me fazia gritar seu nome. Puxando-a para meu abraço, eu a segurei enquanto ela tremia contra mim, com falta de ar.

— Você é minha, minha Kira — eu sussurrei em seu ouvido.

Fraça demais para responder, ela pressionou os lábios no meu pescoço. Eu ronronei de contentamento e deixei minha mulher se recuperar. Enquanto acariciava suas costas úmidas, eu me vi esperando que minha semente criasse raízes.

Nos dois dias que se seguiram, eu concordei relutantemente em deixar Kira tratar os humanos doentes. Como eu poderia negar que ela fizesse pelo seu povo o que eu procurava fazer pelo meu? Eu passei a maior parte do meu tempo ensinando aos humanos o máximo que pude sobre pesca e até cavei um pequeno canal para eles, do rio até os destroços. Eu o tornei estreito o suficiente para que nenhum predador subaquático pudesse entrar, mas grande o suficiente para que vários peixes pequenos e médios se aventurassem, especialmente se os humanos jogassem alguma isca. A bacia maior perto dos destroços lhes daria acesso fácil aos peixes. Eu até adicionei uma porta deslizante para prender os peixes dentro da bacia assim que eles entrassem pelo canal. Não seria suficiente para alimentar todos eles, mas proporcionaria um acréscimo constante. As frutas do rio podem até ser arrastadas para a bacia pelo rio onde normalmente caem das árvores que circundam a margem.

Millia e Zak se superaram, retornando a cada duas horas com duas presas grandes ou várias presas menores. Seis humanos deixaram de lado o medo da floresta e acompanharam os Caçadores na maior parte de seus passeios. Scarlet e um punhado de outros sobreviventes foram diligentes na aplicação das técnicas que lhes ensinamos para utilizar as caças, de forma a não desperdiçar nada. Entre a bacia de peixes, as reservas de carne que lhes fornecemos e as técnicas de coleta e caça que aprenderam, os humanos seriam capazes de prosperar se fizessem bom uso de tudo isso. Nós até lhes mostramos como construir armadilhas de alarme para avisá-los da aproximação de feras, para que pudessem se proteger ou se preparar para lutar.

Em um único dia, Kira tratou todos os humanos que precisavam de cuidados e compartilhou seu conhecimento sobre as instalações. Com Kira sozinha na ala médica imprimindo mais invólucros, eu a verificava regularmente, não deixando passar mais de duas horas sem uma visita. Sem testemunhas por perto, uma em cada duas visitas se transformava no que minha mulher chamava de jogo de “esconder a cobra de um olho só”. Embora eu entendesse como esse paralelo poderia ser traçado, eu não tinha certeza se apreciava que minha vara fosse comparada a um predador venenoso. De qualquer forma, nós dois gostávamos do jogo.

No entanto, por mais que eu adorasse me tornar um com minha companheira, fiquei feliz por finalmente estarmos deixando este lugar. Eu não queria que meu relacionamento com Kira se limitasse a um vínculo sexual. Com este calor insuportável, não podíamos nem dar

um passeio de namorados lá fora. Em poucas horas estaríamos de volta a E'lek, à nossa bela cidade congelada, entre o nosso povo e sob as luzes dançantes do nosso céu do norte. Eu mal podia esperar para lhe mostrar as maravilhas da nossa região e da nova vida que a esperava... que nos esperava.

Com nossas bolsas de couro cheias de invólucros preciosos, nos dirigimos para a saída dos destroços. Os seis humanos sobre os quais Kira nos contou esperavam por nós do lado de fora, parecendo nervosos, com pequenas sacolas aos pés contendo os pertences que esperavam trazer com eles. Ainda um pouco relutante em deixá-los nos acompanhar, eu entendi a situação difícil das quatro mulheres e dos dois homens que desejavam vir para E'lek. O mais jovem dos dois homens se acasalou com uma das mulheres e aparentemente passou muito tempo a protegendo dos avanços indesejados dos outros homens. Todos alegaram não se preocupar com o frio. Isso explicava por que eles tinham sido tão ativos em nos ajudar em todas as tarefas que realizávamos para eles. Foi sensato da parte deles tentar provar seu valor e disposição para trabalhar duro.

Tal como exigia a hospitalidade do Norte, nós os aceitamos. A gratidão em seus olhos me fez perceber que tinha sido a decisão certa. Enquanto os seis humanos que nos acompanhavam se despediam dos outros sobreviventes, Millia, Zak e eu observávamos fascinados a excessiva demonstração de emoções, com abraços, lágrimas e muitos beijos nas bochechas. Por alguma razão, os sobreviventes do sexo masculino pareciam determinados a provocar os dois que se juntavam a nós, dando-lhes tapas fortes nas costas. Mas em vez da raiva esperada, os dois homens sorriram e agradeceram aos agressores.

Eles eram realmente uma espécie estranha.

Distraídos por seu bizarro ritual de despedida, nós não notamos *Shon* e seus amigos se aproximando de minha companheira que estava perto de mim. Seu grito assustado nos alertou. Me virando, eu vi *Shon* se afastando rapidamente de mim, arrastando minha companheira por um punhado de cabelo, a arma de metal que Kira chamava de “pistola” apontada para sua cabeça.

Uma raiva cega tomou conta de mim. Com um rugido, eu mudei para minha forma de batalha.

Capítulo 12

Kira

Com os olhos lacrimejando por causa da dor no meu cabelo, eu lutei para não entrar em pânico. Eu nunca tive uma arma carregada apontada para mim antes e, neste caso, temia que o psicopata que a segurava não estivesse blefando.

Shaun puxou meu cabelo para trás, causando uma dor aguda e pungente no couro cabeludo e no pescoço.

— Diga ao seu namorado ET e aos amigos dele para se acalmarem se ele não quiser que eu exploda esse seu rosto lindo — Shaun gritou em meu ouvido — Se você tentar me enganar, eu atirarei em seus alienígenas e depois te foderei antes de atirar em você também.

Incapaz de controlar o tremor da minha voz, eu implorei a Duke que não fizesse nada. O medo quase me sufocou e as lágrimas correram pelo meu rosto. Os olhos de Duke escureceram. Ele não só podia ver, mas também sentir o cheiro do meu terror. Mesmo em sua forma de batalha, com quase dois metros e meio de altura, seu corpo coberto por uma armadura de gelo e pontas, seu rosto blindado permaneceu reconhecível e expressivo. Qualquer que fosse o resultado deste impasse, Shaun já era um homem morto.

— Eis o que irá acontecer — Shaun disse — Os alienígenas podem se foder com suas merdas impressas. Eles cumpriram a sua parte no acordo, nós manteremos a nossa. Mas os humanos ficam aqui, incluindo a sua boceta apertada. Já somos muito poucos sem que o maldito Dr. Manhattan leve nossas mulheres.

— Ele nunca irá embora sem mim. Você realmente não vai querer irritá-lo — eu disse, esperando argumentar.

Shaun torceu o punho segurando meu cabelo. Eu gritei de dor e estendi a mão para trás para segurar sua mão. Meu couro cabeludo parecia quase estar saindo do meu crânio. Através da visão turva, eu vi as mãos de Duke se transformarem em lâminas afiadas.

— O que diabos você está fazendo, seu idiota! — Dave gritou, apontando uma arma em nossa direção. Seus olhos passaram entre nós e os valos, a preocupação estampada em seu rosto — Afaste-se antes que você mate todos nós. Essa é a mulher dele!

— Eu estou fazendo o que você não teve coragem de fazer! — Shaun rosnou de volta — Você é fraco. Primeiro, você deixou nosso povo morrer. Agora, você está deixando nossas mulheres servirem de brinquedo para malditos alienígenas.

Sons de estalos ressoaram no ar parado enquanto mais espinhos se projetavam da armadura dos três valos.

— Diga a esses filhos da puta para voltarem às suas formas normais — Shaun gritou, com pânico rastejando em sua voz. Me puxando atrás dele, ele deu mais alguns passos para trás.

Duke rugiu com tanta força que o ar e o solo tremeram. Puxando o braço para trás, a mão como uma lança pronta para atacar, ele avançou em nossa direção.

Com o coração batendo na garganta, eu não conseguia respirar quando Shaun começou a gritar em pânico, me arrastando com ele.

— Pare! Pare, seu filho da puta! Pare, porra!

— Duke! Pare! — eu gritei, as palavras saindo tarde demais.

O tempo desacelerou quando Shaun apontou sua arma da minha têmpora para Duke. Três fortes disparos deixaram meus ouvidos zumbindo. Todos eles acertaram em cheio. O corpo de Duke estremeceu a cada golpe, um líquido azul escuro escorrendo de seu peito devido aos três ferimentos de bala.

— NÃOOOO!

Duke caiu de joelhos. Algo estalou dentro de mim. Um rugido primitivo rasgou minha garganta em pedaços e uma onda de energia, nascida na boca do estômago, explodiu em uma violenta rajada de frio. Jogando minha cabeça para trás na esperança de estourar o nariz de Shaun, eu encontrei algo duro seguido por um som estridente. Seu aperto no meu cabelo de repente me soltou. Sem voltar atrás, eu corri para Duke enquanto Millia e Zak atacavam Shaun e seus aliados. Eu mal tive a chance de vê-los erguer o punho direito, um grande escudo de gelo se formando na frente deles antes de passarem correndo por mim.

Mas eu não me importei. Duke ocupava todos os meus pensamentos.

— Duke! — eu gritei, me jogando aos seus pés.

Eu segurei seu rosto em minhas mãos e sua cabeça se levantou para me encarar. Seus olhos brilhavam mais escuros do que eu já tinha visto, mas sua expressão não indicava dor. Chocada demais para falar, eu não protestei quando ele se levantou, me ajudou a recuar e depois me empurrou para trás.

Meu olhar atordoado o seguiu enquanto ele marchava em direção a Shaun. Ou melhor, o que restou de Shaun. Meus joelhos quase cederam enquanto eu olhava horrorizada para o que eu tinha feito com ele. A explosão de energia que saiu de mim foi, na verdade, uma

explosão de gelo. Shaun instantaneamente se transformou em um bloco de gelo, e minha cabeça quebrou seu rosto e a mão que me segurava. O resto do seu corpo permanecia intacto, com o braço direito ainda apontando a arma em nossa direção, como uma estátua romana de mármore quebrada.

As pessoas gritaram, algumas delas correndo para se proteger enquanto outras se abraçavam, olhando em estado de choque. Duke caminhou até o que restava de Shaun e deu um soco enorme em cima dos restos irregulares de seu pescoço. Ele se quebrou em mil pedaços como porcelana. Sem olhar para ele e apesar do sangue ainda escorrer de seus ferimentos no peito, Duke marchou em direção a dois capangas de Shaun. Millia e Zak contiveram um deles. O terceiro capanga jogou fora a arma e caiu de joelhos, com as mãos levantadas em sinal de rendição.

— Ninguém ameça minha companheira! — Duke gritou — Ninguém ameça minha tribo!

Ignorando os pedidos e súplicas dos dois homens detidos pelos Caçadores, Duke cobriu suas cabeças com as mãos – grandes o suficiente em sua forma de batalha para engoli-las inteiras – e as esmagou como melões excessivamente maduros, seus crânios quebrando como cascas de ovos. Zak e Millia soltaram os cadáveres em uma chuva de sangue e ossos. Eu desviei os olhos, engasgando, e os sons de vômito dos sobreviventes atrás de mim pioraram a situação.

Os gritos aterrorizados do terceiro homem me fizeram erguer os olhos novamente. Ele recuou enquanto Duke avançava até ele com passos determinados.

— Eu não atirei! Eu não atirei! — o homem gritou.

— Duke, não! Não o machuque! — eu gritei, correndo em direção a ele. Já houve muitas mortes, uma delas pelas minhas próprias mãos.

Ele virou a cabeça para olhar para mim por cima do ombro. Com olhos azuis da meia-noite brilhando, dentes de tubarão à mostra, ele parecia um demônio convocado das profundezas do lago congelado do nono círculo do Inferno. Meus apelos morreram na minha garganta e meus passos vacilaram. Um medo gelado se instalou na boca do meu estômago. Eu não conhecia esse Duke, e ele me assustava pra caralho.

Eu dei alguns passos para trás, meus instintos de fuga me dizendo para correr para as colinas. Sua expressão selvagem lentamente deu lugar à confusão enquanto a loucura que o controlava diminuía. Dispensando sua pretendida vítima, Duke se aproximou de mim. Cada fibra do meu ser me incentivava a fugir, mas meus pés se recusavam a se mover, me mantendo enraizada no lugar. No fundo, eu sabia que ele não iria me machucar. Mas agora ficou claro que eu realmente não o conhecia. Eu tinha me apaixonado tão forte e tão rápido por ele que tinha esquecido – ou negado – a fera que estava adormecida dentro do

meu gentil ursinho de pelúcia.

Com o coração batendo forte, eu observei sua armadura se cobrir com uma fina camada de gelo, capturando o sangue e os restos de suas vítimas antes que se derramasse, removendo todos os vestígios da violência que ele havia cometido. Seu corpo estremeceu, como se tentasse abandonar sua forma de batalha sem sucesso.

— Não tenha medo de mim, minha Kira — Duke disse, preocupado com qualquer expressão que tenha lido em meu rosto — Eu nunca faria mal a você. Minha pedra-coração canta para você. Só você.

Eu não respondi, ainda muito assustada. Minha cabeça entendeu que ele tinha ficado selvagem por medo do meu bem-estar. Shaun e seus asseclas causaram isso a si mesmos. Eles teriam feito coisas horríveis comigo se Duke tivesse me deixado para trás. Mesmo assim, Duke e eu tínhamos sangue nas mãos... sangue humano.

— Não queremos problemas com nenhum de vocês — disse a voz de Dave atrás de mim, me tirando dos meus pensamentos sombrios.

Eu olhei para ele por cima do ombro. Com o rosto cheio de tensão, a arma a seus pés, ele manteve as mãos abertas à sua frente para confirmar que não era uma ameaça. Todos os humanos atrás dele pareciam prontos para correr.

— Por favor, não nos condene pela estupidez desses idiotas. Nós não apoiamos suas ações e eles tiveram o que mereciam.

Eu não consegui processar as palavras de Dave, minha mente estava muito focada em Duke, cujas feridas no peito não haviam fechado e vazavam riachos de sangue. Seu rosto agora mostrava sinais de dor enquanto ele olhava para si mesmo. Sua pedra-coração brilhava em vermelho e pulsava em um padrão errático.

— Você não está curando! — eu sussurrei, horrorizada. Ele me disse inúmeras vezes que os valos se curavam rapidamente, especialmente em sua forma de batalha. O que havia de errado?

O corpo de Duke estremeceu enquanto ele tentava transformar mais uma vez. Seu rosto se contorceu de dor e o sangue jorrou em três grandes jatos antes de retomar seu fluxo pesado. Zak e Millia se aproximaram de nós e olharam para seus ferimentos.

— Expulse os projéteis — Zak ordenou a Duke, como se afirmasse o óbvio.

— Não posso — Duke disse, com a voz cheia de dor e confusão — Eles se espalharam dentro de mim e bloquearam meus órgãos regenerativos. Quando tento sair da minha forma de batalha, eles se infiltram mais profundamente.

Meu peito se contraiu dolorosamente, imaginando a extensão do dano interno que os fragmentos da bala poderiam ter causado. Ele precisava de uma cirurgia imediata, mas eu nem sabia como seriam seus órgãos internos. Engolindo o pânico e a dor que ameaçavam me

roubar qualquer autocontrole, eu me forcei a voltar ao meu papel de enfermeira cirúrgica.

— Precisamos levá-lo para a ala médica imediatamente — eu ordenei.

Duke tentou caminhar até lá, mas Millia e Zak o forçaram a se deitar em uma maca de gelo que eles invocaram. Os sobreviventes se separaram diante de nós enquanto corríamos para dentro. O mesmo olhar assombrado forçava suas feições, sabendo que se algo de ruim acontecesse com Duke, haveria um inferno a pagar.

Eu corri à frente dos valos para me preparar para a cirurgia, minha garganta contraiu-se a ponto de eu mal conseguir respirar. Zak e Millia colocaram a maca de gelo de Duke em cima da mesa de operação estéril antes de desdobrá-la. Depois de lavar as mãos, colocar luvas estéreis e enxaguar o peito de Duke com uma solução esterilizante, eu comecei imediatamente a limpar o sangue com compressas de gaze estéreis. Eu levei segundos para perceber que os bisturis seriam inúteis na armadura de gelo que cobria seu peito.

Ele precisaria se transformar, mas isso empurraria as balas ainda mais fundo, o que poderia matá-lo.

Me sentindo totalmente desamparada, lancei um olhar desesperado para os Caçadores que examinavam seus ferimentos.

— Precisamos abrir sua armadura para alcançar seus tecidos moles — Millia disse.

— Foi o que pensei — Duke disse — Não consigo invocar meu gelo.

O tom ofegante e fraco de sua voz quase me desfez.

— Eu serei sua geada — Zak disse em um tom tranquilizador — É melhor removermos a sua pedra-coração para diminuir a dor.

Eu abri a boca para sugerir anestesia, mas a fechei sem dizer uma palavra. Balas humanas estavam causando estragos dentro dele. Só Deus sabia como nossas drogas reagiriam com seu sistema. Duke assentiu e soltou os fechos que a prendiam no lugar. Assim que Zak a removeu, a pedra-coração perdeu sua tonalidade avermelhada, retornando a uma cor azul esbranquiçada menos ameaçadora, mas seu brilho diminuiu significativamente.

Sua vida está desaparecendo.

Lágrimas picaram meus olhos. Eu pisquei para afastá-las, me recusando a ceder ao desespero. Se eu vacilasse agora, ele poderia não sobreviver. Eu precisava ser forte por ele.

Millia transformou a mão em uma lâmina e começou a serrar o peito dele. Eu a impedi e peguei uma serra alternativa normalmente usada para esternotomias e cortei as placas de gelo blindadas que cobriam cada lado de seu peito, parando apenas um milímetro da pele abaixo.

— Eficiente — Millia disse olhando para o dispositivo.

O rosto de Duke permaneceu impassível enquanto ela cortava o tecido macio preso à armadura de gelo para poder abrir as placas para mim. Eu odiava que os valos não tivessem sinais vitais que nossas máquinas pudessem monitorar. Apenas o piscar de seus olhos e suas respostas monótonas às perguntas me permitiam saber que ele ainda estava vivo. Zak empurrou um pouco do gelo na pele, o que ajudou significativamente a reduzir o sangramento.

Sem as placas, agora eu podia ver onde as balas se alojaram, perto de órgãos que eu não reconhecia. À primeira vista, apenas uma bala se fragmentou com o impacto, mas eu podia estar errada. Usando uma pinça, eu extraí cuidadosamente os dois fragmentos mais facilmente acessíveis. As outras balas exigiriam incisões mais invasivas para que eu pudesse alcançá-las.

Usando o bisturi, eu fiz um corte em algum tipo de tecido adiposo que abrigava um estranho órgão localizado onde normalmente ficaria o rim de um ser humano. Enquanto eu a perseguia, a pinça escorregou, perdendo o controle da bala. Ao voltar ao lugar, a borda irregular da bala causou mais danos aos tecidos moles. Respirando fundo e para me acalmar, eu afastei o tremor em meus dedos e fui atrás dela novamente. Ela começou a se soltar do que presumi ser parte de um órgão de cor púrpura sem equivalente anatômico em humanos.

A pinça escorregou novamente, mas desta vez o inferno começou. Sob a pele esfolada do peito, alguns centímetros abaixo da incisão, algo pulsava, empurrando para cima como se tentasse escapar. Sua pressão fez com que a incisão que eu tinha feito se rasgasse ainda mais em linha reta e um líquido branco jorrou de um órgão em forma de pera. O corpo de Duke estremeceu e seus olhos rolaram.

— Oh Deus não! — eu exclamei, horrorizada.

Zak rapidamente ergueu a mão sobre o líquido e o transformou em gelo. Agarrando-o entre dois dedos, ele levantou o líquido congelado, expondo a bala.

— Tire-a! Rápido! — ele pediu.

Ignorando a pedra-coração de Duke tremulando em um ritmo alarmante, eu estendi a mão para pegar a bala com a pinça, mas desta vez não arriscaria perder o controle novamente. Aplicando as técnicas que Duke me ensinou, eu empurrei meu gelo no sangue ao redor da bala e o transformei em uma camada de gelo prendendo-o à pinça.

Desta vez, eu não encontrei resistência quando puxei.

Assim que a bala saiu, Duke estremeceu, seus olhos voltando ao normal. Como um motor acelerando, seu corpo gradualmente voltou à vida. O órgão roxo inflou enquanto Zak descongelava o líquido branco. Ele não saiu da cavidade abdominal de Duke, mas pareceu ter

sido absorvido de volta pelo órgão em forma de pera que o vomitou no início. O corpo de Duke expeliu a terceira bala e outro fragmento que eu havia perdido antes de sair de sua forma de batalha.

— Muito bem, irmã — Millia disse, sorrindo para mim.

— Está feito? Mas como? — eu perguntei, confusa.

— O projétil estava danificando seu órgão regenerativo e impedindo-o de funcionar corretamente — Millia explicou — Você não notou Duke usando seu gelo novamente para retirar os pedaços restantes, quando não conseguiu antes?

Não, eu não tinha percebido que ele tinha usado isso, cansada demais para perceber tais detalhes. Eu também fiquei muito aliviada ao ver o fragmento e a última bala saindo.

— Ele vai ficar bem, então? — eu perguntei, não ousando ter esperança.

Zak inseriu a pedra-coração de Duke de volta em seu peito — Pergunte a ele você mesma.

Apenas três hematomas cinza-azulados marcavam os pontos de entrada das balas. Em um dia, talvez até horas, todos os vestígios desta quase tragédia desapareceriam. Meus dedos trêmulos traçaram as marcas antes de pousarem em sua pedra-coração, pulsando com um brilho saudável. A mão de Duke cobriu a minha, seus olhos cheios de ternura.

— Obrigado, minha Kira. Meu amado Espírito da Neve.

— Eu pensei que tinha te matado. Nunca mais me assuste assim — eu disse, com minha voz trêmula, e cuidadosamente me envolvi em torno dele.

Ele acariciou meu cabelo, sussurrando palavras suaves em meu ouvido. Seu aroma fresco, a frieza familiar de seu abraço e o som sibilante de sua pedra-coração lentamente me apaziguaram.



Só conseguimos forçar Duke a descansar duas horas antes dele exigir que voltássemos para casa. Enquanto nos preparávamos para partir, eu expliquei aos sobreviventes que os valos não os responsabilizavam pelas ações dos quatro renegados. Nós deixamos a critério deles como lidariam com aquele que havia sido poupado. Dave suspirou de alívio quando lhe assegurei que o acordo comercial entre os Valos do Norte e a cidade humana ainda estava em vigor. Eles tinham acesso a castanhas, frutas e raízes que não cresciam perto de E'lek, sem mencionar tecnologias humanas que poderiam ser úteis para nós em algum momento no futuro.

Eu não tinha comentado sobre eles nomearem sua cidade de Utopia, mas em minha mente, eu estava revirando os olhos de modo feroz. Porém, eu pude entender que não quisessem lhe dar um nome relacionado à Terra, como Nova Terra. Nosso mundo natal nos abandonou.

Quando começamos a sair, um homem pediu para se juntar aos seis humanos que estavam saindo conosco. Após o incidente que havia acabado de ocorrer, eu esperava que os Valos o recusassem. Na verdade, pensei que eles teriam rescindido o acordo com Scarlet e os outros. Para minha surpresa, eles o acolheram. Com onze de nós, as malas e os cobertores dos sobreviventes, as minhas próprias malas contendo alguns produtos farmacêuticos “emprestados” e comida para a viagem de volta para casa e os cento e dezoito invólucros, os Valos tiveram que construir um barco muito maior para transportar a todos. Ainda me deixava perplexa que um bloco de gelo tão grande pudesse flutuar tão bem. Mas, navios de cruzeiro e icebergs flutuavam. Então, por que não isso?

Ao me despedir dos sobreviventes, eu tive uma estranha sensação de orgulho e felicidade. Apesar de todos os seus perigos, Sonhadra realmente deu a nós, os párias da Terra, uma segunda chance. Com a maçã podre retirada do meio deles, esses ex-criminosos agora tinham uma chance real de construir uma cidade humana próspera nos locais mais improváveis. Se eu pudesse avisar Lucie e Amber, não tinha dúvidas de que os Valos do Fogo também forneceria grande ajuda a esses novos colonos. As outras cidades Valos concordariam em ajudar também? Elas encontraram seus próprios humanos?

Apesar da carga mais pesada do barco, nós seguimos rio abaixo em boa velocidade. Nossos convidados se amontoaram na outra extremidade do barco, enrolados em seus cobertores para se aquecerem do frio do barco de gelo, e longe da aura de gelo que os Valos geravam para manter nós quatro frescos sob o calor crescente do final da manhã.

Nós diminuimos a velocidade ao nos aproximarmos dos segundos destroços. Dillon – o pai de Scarlet – achou que poderia consertar a impressora 3D danificada. Valia a pena tentar. Com a longa distância restante antes de chegarmos a E’lek, decidimos simplesmente parar por tempo suficiente para pegá-la. Dillon tentaria fazer reparos quando voltasse à segurança da cidade congelada.

Com Duke me seguindo, eu levei Dillon até a impressora. Depois de uma rápida olhada, ele se sentiu bastante confiante de que poderia consertar. A energia elétrica poderia ser complicada, mas ele tinha algumas ideias sobre como improvisá-la. Na pior das hipóteses, poderíamos voltar aqui para arrancar alguns dos painéis solares. No entanto, ele esperava aproveitar qualquer fonte de energia que os

valos usassem em E'lek para alimentar o fogão e outros dispositivos elétricos que os Criadores construíram.

Ao nos aproximarmos da saída dos destroços, o grito aterrorizado de uma mulher transformou meu sangue em gelo. Nós corremos para fora para ver os humanos fugindo do barco de gelo enquanto os valos lutavam para cobri-lo com uma cúpula de gelo e repelir o que parecia ser o mesmo rimurak que nos importunou quando saímos daqui três dias atrás. Os humanos pararam na margem do rio, fora do alcance do monstro.

A criatura usou seus tentáculos para se içar parcialmente em nosso barco, sua cabeça cega e aberta em busca de uma presa para se alimentar. Millia estava tentando atraí-la para longe do barco para que Zak pudesse terminar sua tarefa. Com seu peso em uma das pontas, a criatura ameaçou seriamente tombar o barco e, com ele, todos os escassos pertences dos sobreviventes e os invólucros de pedra-coração.

Depois de colocar a impressora no chão, Duke avançou, transformando-se em sua forma de batalha no processo. Em vez de ir direto para o rimurak, ele correu para a esquerda, na direção oposta à direção que Millia estava tentando atraí-lo. Ao se aproximar, ele disparou fragmentos de gelo na criatura. Ela recuou e se afastou da fonte da dor em direção à Caçadora. Ela continuou invocando pontas de gelo na água à sua esquerda, em um esforço para virá-la para a direita. Por um segundo, eu me perguntei por que ela não convocou os espinhos para empalar a maldita coisa, mas logo percebi que, apesar do corpo gelatinoso da criatura, suas escamas permitiam que objetos pontiagudos passassem por ela, deslizando ao lado dela em vez de penetrar na carne. Até mesmo os fragmentos de Duke ricochetearam, mas alguns acertaram o alvo.

Precisamos ajudá-los...

A questão era como, sem atrapalhar.

Se ao menos tivéssemos guardado uma ou duas armas.

Não que isso fosse acontecer considerando o quão baixas eram suas reservas de munição. E então me ocorreu.

— Usem seus estilingues! — eu gritei para os outros seis humanos quando Dillon e eu os alcançamos — Vá para a esquerda, como Duke, fique fora do alcance e atire deste lado para empurrá-lo em direção a Millia.

— Não temos munição — Scarlet argumentou, e depois apontou para o chão — Essas rochas são muito grandes ou muito pequenas.

Uma rápida olhada para elas confirmou sua declaração. Por instinto, eu me agachei e peguei uma pequena pedra. Usando a técnica que Duke me ensinou, eu juntei a umidade ao redor e a solidifiquei em uma bala de gelo em forma de lágrima com ponta

afiada.

— Oh, isso deve funcionar! — Dillon disse, estendendo a mão grande salpicada com as mesmas sardas que cobriam seu rosto.

— O que você é? — perguntou a mulher chamada Bethany, com cautela e admiração misturadas em sua voz.

— Ela é um dos experimentos — Dillon disse com a voz tensa — Você pode questioná-la quando terminarmos de lidar com essa maldita coisa.

Girando nos calcanhares, ele correu para mais perto da localização geral de Duke. Eu segui seu rastro, ignorando a pergunta de Bethany. Ele parou a uma distância segura do rimurak e atirou. Sua mira foi certa e a fera recuou com um rugido cruel. A essa altura, ela estava quase na borda direita do barco, tombando perigosamente a extremidade da embarcação.

Eu freneticamente fiz mais munição de gelo. Mais devagar no início, eu rapidamente consegui fazer quatro, cinco, seis de cada vez. Scarlet tirou dos ombros o cobertor que havia usado no barco. Ela o dobrou antes de colocá-lo no chão para eu colocar as balas. Ela e dois outros humanos também sacaram seus estilingues e começaram a atirar. O tempo todo, eu lancei olhares furtivos ao nosso redor – e especialmente para a área arborizada a curta distância à frente – com medo de que algo desagradável nos atacasse por trás.

Nossas bolinhas de gelo forneceram o poder de fogo extra que os valos precisavam para afastar o rimurak do barco. Zak rapidamente terminou a cúpula e se juntou a seus companheiros de tribo que atraíram o predador para mais longe. Eu continuei fazendo munição, surpresa que os valos não tivessem atingido a cabeça da criatura. Eles se concentraram em sua cintura, onde os tentáculos se conectavam em um anel ao seu redor, quase formando uma saia. Cada vez que ela lançava sua boca cheia de dentes contra eles, os valos a repeliam com uma saraivada de cacos e bolas de gelo.

Eu percebi então que, enquanto a mantinham distraído dessa forma, os valos congelavam a água ao redor de sua cintura, tentando aprisionar a criatura. Sem pensar, eu avancei, dando passos discretos, escondidos pelo barulho da batalha. Enquanto eu permanecesse quieta, a criatura cega não me notaria.

Meu estômago embrulhou de pavor quando de repente ela abriu seus tentáculos como um leque, e as mãos em forma de folhas na ponta dispararam dardos tóxicos nos valos. Eu quase chorei de alívio quando eles ricochetearam em suas armaduras revestidas de gelo.

Por um momento, eu vi medo nos olhos escurecidos de Duke quando ele finalmente me percebeu contornando a borda do barco em direção à criatura. Tentando recuperar a emoção que senti quando Shaun atirou em Duke, eu a infundi com meu gelo e a direcionei para

a água ao redor do rimurak. Em segundos, ele congelou, incluindo os poucos tentáculos que estavam sob – ou em contato com – a água. A expressão de medo de Duke mudou para um sorriso feroz. Os valos concentraram seu fogo em torno do cinturão de tentáculos da criatura. Ela rugiu de dor, e os valos aumentaram seus gritos provocadores para manter o foco neles como a ameaça mais alta perceptível.

Ela se debateu para se libertar da jaula congelada. Onde quer que o gelo rachasse, eu colocava mais gelo, possibilitando que os valos colocassem toda a sua energia na derrota da criatura. Entendendo, nossos convidados humanos se aproximaram com as balas de gelo que eu havia feito e, sob a orientação de Dillon, miraram na cintura da criatura até que elas acabassem. O sangue escorria de sua cintura, primeiro em pequenos riachos e depois em fluxo livre.

Estendendo ambos os braços em lanças afiadas, Millia investiu contra o rimurak. Ele tentou enredá-la com seus tentáculos, mas rápida como o vento, ela se esquivou para a esquerda e depois para a direita antes de enfiar sua lâmina de gelo profundamente em uma de suas feridas sangrentas. A criatura gritou de agonia e atacou a Caçadora. Ela rolou para fora do caminho na água congelada e esfaqueou o predador novamente com a outra lâmina. O rimurak emitiu um som assustado e gorgolejante. A parte superior do corpo tremeu com alguns tremores violentos e depois ficou mole, os tentáculos deslizando sobre a superfície congelada do rio até que as pontas das folhas mergulharam na água.

Todos os humanos, inclusive eu, gritaram em vitória, trocando abraços e tapinhas nas costas. Os valos nos lançaram olhares estranhos, mas divertidos. Eu temia que o sorriso bobo em meu rosto permanecesse permanentemente preso ali. Embora os valos tivessem feito a maior parte do trabalho, ou pelo menos a parte mais importante dele, nós, humanos, também reagimos. Nossa contribuição ajudou a virar a maré. Pela primeira vez, não fugimos da fera que procurava nos devorar. Sonhadora não nos derrotaria.

Depois de cuidar de mim para ter certeza de que não havia me ferido, Duke ajudou seus companheiros de tribo a cuidar de nossa caça. Desfazer minha geada foi bem mais difícil do que criá-la. Sem a ajuda dos valos, esse “peixe” teria permanecido preso na parte congelada do rio durante horas – talvez até dias – antes do gelo derreter. Bethany lamentou que a morte tivesse ocorrido tão longe de Utopia. Uma fera tão grande teria alimentado os sobreviventes por algumas semanas, se não mais.

Os valos concordaram. Para meu choque e alegria, Millia se ofereceu para trazer a metade inferior do rimurak, que era inteiramente comestível, sem o cérebro e os órgãos vitais localizados na cintura. A metade superior, um túnel longo e cheio de dentes que

funcionava tanto como boca quanto como sistema digestivo, seria levada para E'lek. Os dentes, glândulas de veneno e ossos da criatura seriam de grande utilidade para fabricar vários itens, especialmente armas.

Em pouco tempo, Duke construiu uma pequena jangada à qual os valos prenderam a metade inferior do rimurak envolto em uma camada de gelo para evitar que sangrasse na água e atraísse mais criaturas. Por enquanto, as águas estariam seguras, já que a presença do rimurak havia afugentado qualquer outro predador de suas áreas de caça. Eu observei Millia partir para Utopia com um leve toque de preocupação, mas Duke e Zak me tranquilizaram. Depois de Toerkel – o pai do bebê Teo – Millia era sua melhor caçadora. Ela poderia cuidar de si mesma.

Nós desfizemos a cúpula do barco. Embora seu conteúdo tenha sido remexido pelo ataque, nada parecia estar faltando ou danificado. Com muito alívio, nós limpamos a bagunça e trouxemos a impressora a bordo enquanto Duke e Zak consertavam o barco. Sob o sol quente ainda alto no céu, nós completamos nossa jornada de volta a E'lek sem mais contratempos.

Os humanos não conseguiam entender por que os valos haviam se dado ao trabalho de trazer aquela comida para o assentamento e por que se preocuparam com a cabeça do rimurak. Eu expliquei como eles não acreditavam em desperdício. Como eles não comiam, mesmo com a adição de mais sete humanos, nós nunca poderíamos comer toda essa comida sem ficar enjoados. A pobre Lydia ainda tinha muitos bifes de orzarix da época em que a fera gigante os atacou, meses atrás.

O sol estava baixo no céu quando chegamos a E'lek. Nosso retorno provocou um conjunto misto de emoções; eles se emocionaram por trazermos invólucros suficientes para todos os companheiros de tribo congelados, se preocuparam com a ausência de Millia e a presença de tantos humanos. Os valos observaram os recém-chegados com curiosidade e fascínio por sua aparência incrivelmente diversificada e exótica, desde os cabelos ruivos e rostos sardentos de Scarlet e Dillon até o cabelo preto como breu e rosto e pescoço tatuados de Jason. Apesar do cobertor bem enrolado em volta dele, eu podia adivinhar que seus braços e torso também estavam cobertos de tinta.

Antes que eu pudesse perguntar, Jaan me garantiu que Amber e seus Valos de Fogo haviam chegado em segurança a E'lek algumas horas depois de termos partido para os destroços. Eles ficaram alguns dias para resolver tudo e ficaram bastante desapontados por não me verem antes de partirem. Eu fiquei triste por não ter dado uma despedida adequada a Amber. Ela era a líder do nosso pequeno grupo de sobreviventes antes de Lucie nos acolher. Saber que eles sobreviveram ao monstro e à nevasca aqueceu meu coração.

Esperançosamente, a missão deles seria tão bem-sucedida quanto a nossa estava se preparando para ser.

Depois que Zak e Duke deram aos valos uma rápida atualização sobre o que havia acontecido durante nossa missão, eles conduziram nossos novos convidados para a cidade baixa, que eu ainda não tinha visitado. Uma escada perto da entrada da cidade nos levou até a entrada de uma caverna diferente de tudo que eu já tinha visto antes. Eu imaginei que as Minas de Moria de “O Senhor dos Anéis” seriam assim, com entalhes intrincados e brilhantes ao redor da porta em arco. A mesma bela treliça iluminada decorava as paredes internas de pedra branca, enquanto grandes pedras luminosas em pedestais proporcionavam uma luz suave e acolhedora aos quartos espaçosos. A sala de recepção circular abria-se para um longo corredor. À esquerda, uma imponente sala de reuniões com mesas e uma cozinha equipada nos acolheu. Duke explicou que havia acrescentado a cozinha quando Lydia chegou, alguns meses atrás.

Depois de alguns depósitos, um corredor sinuoso nos levava a vários quartos. O suficiente para que cada um tivesse o seu, exceto Bethany e Frederick que dividiriam um. Nenhum deles tinha portas e as camas lembravam as encontradas em hotéis de gelo nos países do norte da Terra. Uma placa esculpida de gelo constituía o colchão, coberto com uma pele grossa. Eu me perguntei o quão confortáveis elas seriam.

Duke garantiu a todos os humanos que portas seriam instaladas em seus quartos e almofadas mais macias seriam fornecidas para seus colchões. A fonte termal do tamanho de uma piscina no final do corredor me tirou o fôlego – e o de todos os outros humanos. As paredes e tetos esculpidos envergonhariam a Capela Sistina. Eu já havia admirado o trabalho artístico de Ky, mas nunca vi completamente sua extensão. Uma escultura gigante de Lydia sentada em um mar de flores iwaki com seu animal de estimação, Fofinha, no colo, dava para a piscina. Meus semelhantes gritaram de alegria quando Lydia lhes disse que poderiam usá-la para tomar banho até que pudessem ser arranjados alojamentos permanentes para eles.

Eu não podia negar uma certa pontada de inveja. Mas mesmo onde eu estava, na entrada da sala, o calor me fazia sentir indisposta. Duke me levou de volta para sua casa e esfriou sua própria banheira romana para mim enquanto os outros se banhavam no refúgio romântico de águas termais de Lydia. A cidade baixa continha cinco níveis, os outros inacessíveis sem a ajuda de um valo para criar um elevador semelhante ao que Duke havia feito para nos levar até o penhasco. Os níveis mais baixos eram dedicados à elaboração e armazenamento do minério e das gemas que os valos reuniram para os Criadores antes de partirem. Duke também me disse que eles construíram um santuário lá

para os valos falecidos. Ele me daria um tour adequado em outro momento.

E'lek estava cheia de atividade. Enquanto tomávamos banho, os Caçadores nos prepararam um banquete digno de um rei, os Construtores trabalharam para proporcionar privacidade aos quartos e os Artesãos prepararam roupas de cama confortáveis, agasalhos, casacos e calçados para os novos residentes. Quando expressei a Duke a preocupação de que seu povo pudesse se ressentir do fardo que lhes atribuímos, ele riu, me dizendo que os valos estavam entusiasmados por terem um propósito. Três valos se ofereceram para passar a noite ensinando a língua aos recém-chegados enquanto eles dormiam. Por esta razão, os humanos concordaram em dividir três quartos, dois grupos de dois e um grupo de três apenas naquela noite.

Aqueles que não estavam ocupados ajudando os recém-chegados a se instalarem se prepararam para uma expedição de volta à Caverna Luxlan para curar as tribos congeladas. Millia chegou quase três horas depois de nós sob a bênção da aurora boreal. Sem diminuir o passo, ela imediatamente juntou-se aos esforços de preparação para a partida quase imediata para a caverna. Eu admirava a energia incansável da mulher valos. Acima de tudo, eu compreendi a sua vontade de se reunir com o seu irmão gêmeo. Deve ter sido horrível ter recuperado as emoções durante meses e se perguntando o que havia acontecido com seu irmão. E então descobrir sua localização apenas para saber que ele não poderia ser despertado sem colocar sua vida em risco.

Naquela noite, apesar de sua vontade de se juntar aos outros que partiram imediatamente para a Caverna Luxlan, Duke ficou em E'lek comigo para que eu pudesse primeiro ter uma boa noite de sono. Depois de ser tomada pelo meu amante sem parar nos últimos três dias, eu esperava que ele viesse até mim com tudo o que tinha. Mas não, não esta noite. Dessa vez não fizemos sexo, fizemos amor. Com minha constituição delicada, eu nunca esperei gostar de sexo violento, especialmente com um parceiro fisicamente forte como Duke. E ainda assim, toda vez que ele liberava sua paixão em mim, meus dedos dos pés se curvavam e eu via estrelas. Eu duvidava que qualquer outro homem pudesse ter conseguido isso. Por menos que eu o conhecesse, eu confiava minha vida nele.

Embora eu tenha passado a desejar a maneira rude, mas controlada, com que ele me tomava, Duke provou ser tão habilidoso quanto como amante suave e gentil. Ele me fez falar em línguas simplesmente com o trabalho especializado dele em meu clitóris. Quando ele se recusou a parar de festejar comigo, a meu pedido de retribuição, eu finalmente o convenci a fazer um meia nove. Meu homem tinha um gosto bom. Com sua pele fria, descer sobre ele era como se empanturrar de um picolé com sabor de limão. A cabeça mais

achatada de seu pênis e as cristas onduladas ao longo de seu comprimento me deixaram confusa na primeira vez que o vi, mas a maneira como elas se sentiam dentro de mim me fez latejar de necessidade.

Seu testículo único, maior que o de um homem humano, ainda me fascinava. Para minha alegria, eu descobri que Duke era particularmente sensível quando sua bola era chupada e mordiscada. Eu mal tinha começado a lambê-lo enquanto o acariciava, quando um rosnado faminto surgiu atrás de mim. A sala girou quando ele me tirou de cima dele e me colocou de lado. Antes que eu pudesse reconhecer qual era o caminho para cima, ele puxou minhas costas contra seu peito, me abraçando. Seu eixo duro deslizou para dentro de mim, preenchendo a sensação dolorosamente vazia que estava torturando meu núcleo. Eu inclinei minha cabeça em seu ombro com um gemido de êxtase.

Duke me envolveu em seus braços e eu nunca me senti mais querida do que naquele instante. Os músculos duros e frios do seu peito nas minhas costas me fizeram sentir fraca e protegida. Eu poderia morrer feliz em seus braços. Meu amante me tomou em estocadas lentas e suaves, os dedos de uma mão adorando meu clitóris, enquanto a palma da outra venerava meus seios. Fogo líquido correu em minhas veias, me incendiando. Apenas a aura fria de Duke me salvou da combustão instantânea. Quando não estava ocupado sussurrando palavras de carinho em meu ouvido, seus lábios desciam pela minha nuca e ao longo da curva do meu ombro, intercalados com beliscões suaves e roçar de seus dentes. Duke me fez chegar ao clímax mais duas vezes, acrescentando sua voz à minha na segunda.

Ele não saiu de mim depois de despejar sua semente, me atraindo ainda mais profundamente em seu abraço — Durma, minha Kira. Eu estou aqui com você — ele sussurrou.

Capítulo 13

Duke

Amanhã finalmente chegou. Com minha companheira totalmente descansada e devidamente alimentada, e com Lydia assumindo o comando dos humanos, nós corremos para a Caverna Luxlan. Esperar que a noite acabasse me levou à beira da insanidade. Por mais ilógico que fosse, eu queria estar na caverna. Não poderíamos acordar minha mãe por pelo menos mais duas semanas. Embora meu invólucro de titânio ainda não parecesse causar nenhuma reação alérgica, primeiro nós testaríamos os novos invólucros nas tribos menos infectadas das tribos adormecidas. Uma vez despertados, não poderíamos substituir seus invólucros até que a infecção fosse eliminada de seus sistemas e a carne ao redor do buraco estivesse completamente curada. Isso significava dias e, em alguns casos, semanas.

Entrar na caverna me deu uma sensação doentia de pavor. Um número incontável de meus irmãos e irmãs se deitavam em mesas de operação, com os olhos sem vida olhando para o teto enquanto outras pessoas mexiam em suas pedras-coração. Felizmente, desta vez o nosso próprio povo realizava esses procedimentos e com motivos muito diferentes. Ainda assim, meu estômago embrulhou e revirou enquanto eu descia os três degraus até a área principal.

Sem dúvida, sentindo minha angústia, minha companheira colocou sua mão delicada na minha e apertou. Eu virei minha cabeça para encará-la. A ternura e a compaixão em seus olhos acalmaram a dor surda que apertava meu coração. Meu peito inchou com uma sensação que eu nunca esperei experimentar. No entanto, aqui estava ela, meu Espírito da Neve, minha companheira, minha linda Kira. Quem teria pensado que um dia, essa estranha das estrelas salvaria a outra metade do meu povo? Puxando-a para mais perto, eu a coloquei debaixo do braço. Ela se inclinou para mim, com seu braço envolvendo minha cintura.

Nós paramos na mesa de Coelvek. Embora consciente, ele olhou para longe, observando o tempo passar até que pudesse se reunir com a sede de sua alma. Apesar da crueldade, a ausência da pedra-coração proporcionava uma sensação de paz. Chega de preocupações ou

medos, chega de desejos inatingíveis, raiva, ciúme ou impaciência, apenas uma aceitação do que era.

Kira se inclinou sobre Coelvek, as mãos cobertas por luvas cirúrgicas que ela havia tirado do *farmaseea* dos destroços. Ela tocou as bordas ao redor do buraco no peito, observando seu rosto em busca de qualquer reação. Meu próprio peito se encheu de orgulho enquanto os valos a observavam com olhos confiantes. Minha mulher não percebeu que ela havia conquistado inequivocamente seu lugar entre nós e no coração do meu povo. Eu a louvei para todos que quiseram ouvir sua contribuição heroica durante nossa missão, mas foi a recontagem dos Caçadores de como Kira congelou e despedaçou o malvado humano *Shon*, como ela salvou minha vida com suas habilidades de cura e depois, como ela prendeu o rimurak com maior poder de gelo do que qualquer um de nós possuía, isso deixou a tribo maravilhada.

Desde o acasalamento, Qaezul e Lydia aprimoraram um ao outro com suas respectivas habilidades. Eu ainda não sabia se Kira havia me mudado, mas seu poder de gelo claramente aumentou. Eu suspeitava que à medida que nosso vínculo se fortalecesse e, com a bênção dos Ancestrais, se ela consentisse em se tornar minha companheira diante de toda Sonhadra, nossa troca de sangue para selar nossa união melhoraria significativamente a nós dois, como aconteceu com nossos amigos.

— A carne está saudável — Kira disse, me tirando de minhas reflexões — Não vejo mais sinais de inflamação. Está muito limpa, como a sua estava quando trocamos seu invólucro — ela acrescentou, olhando de lado para mim.

— Nós também avaliamos que ele parecia saudável o suficiente para receber o novo invólucro — Lorvek disse — Estávamos apenas preocupados que pudesse ser nossa impaciência falando.

Kira sorriu em compreensão e eu reprimi a vontade de acariciar seus cabelos brancos como a neve. Eu sempre senti uma necessidade irreprimível de tocá-la. Lydia tinha me avisado sobre como os humanos gostavam de seu espaço, e eu certamente não queria afastar Kira invadindo demais o espaço dela. O pensamento da vida sem ela para chamar de minha fez meu peito queimar como se a minha pedracoração fosse entrar em combustão a qualquer minuto.

— Estou confiante de que é seguro prosseguir — Kira disse.

Sorrindo de orelha a orelha, Lorvek deu um passo para o lado enquanto Zak colocava o invólucro dentro do peito de Coelvek. Ele deslizou sem resistência, encaixando-se perfeitamente no buraco. Kira exalou ruidosamente a respiração que estava prendendo. Isso lhe rendeu olhares ainda mais de aprovação que ela não percebeu, muito focada no bem-estar de seu paciente. Observá-la interagir com

Coelvek, perguntar como ele se sentia em relação ao novo invólucro, se sentia alguma dor, a facilidade com que ela assumiu o papel de curandeira me disse que ela já foi ótima como *infermeirah* no passado.

Com a certeza de que tudo estava bem, devolvemos a Coelvek sua pedra-coração. Sua emoção retornou em uma onda enorme. Desta vez ela não provocou nenhum grito ou dor, apenas extrema alegria pela ausência de agonia causada pela infecção. Embora o invólucro parecesse um pouco mais pesado, ele se sentia inteiro novamente e, acima de tudo, saudável e com muita fome.

O mesmo choque podia ser lido em todos os nossos rostos, até mesmo no de Kira. Coelvek explicou então que não foram apenas os invólucros da pedra-coração que os Criadores melhoraram quando nos construíram, mas também as nossas funções básicas. Esta primeira geração de valos ainda precisava comer, embora em quantidades menores do que antes da mudança, e também precisava dormir pelo menos cinco horas a cada dois ou três dias. Em vez de se desanimar, os Caçadores ficaram ainda mais felizes por terem agora mais de cem bocas para alimentar diariamente. Eles não ficariam mais ociosos e entediados.

Mais dois membros da tribo receberam seus novos invólucros e pedras-coração com o mesmo resultado positivo. Aproveitando todo o espaço disponível, deixando espaço suficiente para circular, nós retiramos todos os mais infectados, inclusive minha mãe, e removemos seus invólucros antigos para iniciar o lento processo de cura. Com medo de que seus buracos desabassem, apesar de terem congelado as bordas, nós colocamos cilindros feitos de gelo dentro de seus peitos para manter a forma correta durante os dias e semanas que levariam para se recuperar.

Falar com minha mãe tocou meu coração. Ela reconheceu Jaan e eu, mas seus olhos permaneciam desprovidos de qualquer afeto. No mínimo, isso nos deu a oportunidade de contar a todos os membros da tribo despertados sobre Kira e os outros humanos que se juntaram a nós, para que não houvesse pânico ou reações históricas. Os dias que minha companheira passou cuidando deles também ajudaram a reforçar a noção de que ela não representava nenhuma ameaça e era na verdade uma amiga.

Como ela queria permanecer perto dos valos em recuperação, eu usei parte da caverna fora do laboratório escondido para construir um quarto privado para Kira, para que ela não tivesse que fazer a longa viagem de ida e volta até E'lek todos os dias. Demorou quatro semanas para que todos eles estivessem suficientemente curados para receber seus invólucros. Durante esse tempo, sempre que Kira não estava ocupada cuidando deles, nós treinávamos suas habilidades de gelo, ou eu a levava em algumas excursões de exploração para descobrir a

beleza de seu novo lar.

Nós precisávamos desse tempo de união. O início do nosso relacionamento foi um turbilhão tão intenso que nosso vínculo físico ofuscou o espiritual. Se quiséssemos ser companheiros, nossas mentes precisavam estar em harmonia tanto quanto, se não até mais, que nossos corpos. E não havia dúvida de que nossos corpos cantavam em uníssono.

Na terceira semana, quando minha mãe despertou e puxou minha companheira nos braços, chamando-a de sua filha, Kira fez novamente aquela coisa humana boba de chorar para expressar alegria. Minha pobre mãe pensou que de alguma forma havia ofendido ou magoado minha mulher e exigiu muitas explicações antes de se sentir segura de que tudo estava bem. O afeto visível que floresceu entre as três mulheres mais importantes da minha vida – minha mãe, minha irmã Jaan e Kira – aqueceu meu coração. E embora isso nunca pudesse substituir a sua própria perda, ter uma figura materna em sua vida acalmou uma dor profunda na alma de Kira.

Perto do final da quarta semana, com a maioria dos membros da tribo curados de volta a E'lek e ajudando a construir novas moradias, Piena lançou uma grande *bumbah*, como Kira disse – seja lá o que isso significasse. Depois de se reunir com sua pedra-corção, ela chorou profusamente por todas as mortes e perdas. Ela foi uma das primeiras a ser transformada e testemunhou muitos dos experimentos fracassados. Quando finalmente recuperou o controle de suas emoções, ela perguntou se as crianças haviam sofrido muito com o trauma da hibernação.

— Não há mais crianças, Piena — eu disse, com o peito doendo — Tarakheen acabou com elas.

— Ela as matou porque ela mesma não podia ter nenhuma, como a mulher rancorosa que ela é — Jaankeln sibilou com uma raiva mal reprimida — Ela arrancou nossas pedras-corção porque Riaxan e Toerkel conseguiram conceber um filho mesmo depois da mudança.

— Você está errada, minha irmã — Piena disse em um tom premente, levantando-se em um salto. Ela vacilou por um segundo, precisando de um momento para recuperar o rumo depois de um milênio em hibernação — Tarakheen não mataria crianças porque queria desesperadamente as suas. Ela simplesmente não suportava ver as nossas, como um lembrete de sua própria incapacidade de conceber.

— O que a faz ter tanta certeza? — Lorvek perguntou, todos nós abalados pela aparente certeza de Piena.

— Eu sei porque fui uma das encarregadas de construir a sala onde elas seriam colocadas em hibernação. Era por esta porta, do outro lado do corredor — ela disse, apontando para a porta dos fundos.

Kira e eu trocamos um olhar, esperança e medo guerreando dentro de mim. Girando nos calcanhares, Piena foi direto para a porta, abrindo-a com um aceno de mão na frente do detector de movimento.

— Não — Piena sussurrou, perturbada ao descobrir o túnel desabado — Precisamos desenterrá-las — ela disse, como se falasse consigo mesma. Então ela se virou para nós, com uma determinação sombria gravada em seu rosto — Tragam os outros. Precisamos tirar nossas crianças de lá.

Ela não precisou dizer isso duas vezes. Zak voou de volta para a cidade para pedir ajuda. Enquanto Kira continuava cuidando do punhado de valos em recuperação, Jaan, Lorvek, Piena, Traxian e eu cavamos com um frenesi implacável. Quando Zak voltou com reforços, já havíamos preenchido quatro dos túneis de ligação com o gelo e a neve que havíamos removido. Metade do nosso povo apareceu, todos os pais sobreviventes obviamente presentes. Não cabíamos todos na caverna. Portanto, demos prioridade aos Mineradores, que eram mais habilidosos em escavar, enquanto pedimos a todos os demais que esperassem no laboratório principal.

Mais meia hora se passou antes que tocássemos a parede ornamentada que servia de porta escondida para aquela outra sala. Um rugido vitorioso ressoou em meu peito, mas eu o engoli de volta. Estávamos fazendo barulho suficiente, não precisávamos aumentá-lo desnecessariamente. Se nossos filhos estivessem lá dentro, a última coisa de que precisávamos era a aparição de predadores.

Depois de outros intermináveis trinta minutos, nós finalmente liberamos a porta o suficiente para abri-la. Uma sala menor, semelhante à maior com os valos congelados, nos recebeu. No seu interior, sessenta e quatro alcovas e sete berços, todos cheios de gelo criogênico, continham as nossas crianças, desde recém-nascidos até jovens pré-adolescentes. Todos eles inalterados, seus pequenos peitos desprovidos de pedras-coração ou buracos abertos. Desta vez, nós não silenciámos a nossa alegria, a porta escondida e fechada silenciando felizmente os nossos gritos para o mundo exterior.

Epílogo

Kira

Da noite para o dia, E'lek passou de um vilarejo tranquilo para uma cidade repleta de vida e atividade. Uma semana após o último dos valos congelados ter se reunido com sua pedra-corção, a cidade estava quase irreconhecível. As habitações se expandiram, com uma nova moradia sendo construída todos os dias. As crianças riam, corriam e aprenderam a fazer bonecos e anjos de neve. Os Caçadores saíam todos os dias para alimentar quase duzentas bocas diariamente, o que geralmente resultava em churrascos gigantescos na praça. Os Artesãos não sabiam por onde começar entre tentar fornecer aos companheiros de tribo humanos e às crianças tudo o que precisavam.

Embora a vida voltasse à rotina normal, os primeiros dias foram um choque para todos. As crianças estavam desorientadas e confusas, pedindo para ver os pais enquanto reclamavam de sede e fome. Perceber que seus pais haviam mudado assustou as crianças mais velhas. A mais nova, sem compreender totalmente o que estava acontecendo, ficou apenas intrigada com os olhos brilhantes e as pedras-corção dos adultos. Descobrir que haviam hibernado por mil anos e conhecer humanos deixou as crianças mais velhas cambaleando. Embora observassem tudo com certa cautela, ver tantos rostos familiares com personalidades ainda semelhantes às que conheciam ajudou muito a tranquilizá-las.

A parte difícil foi lidar com as crianças cujos pais morreram durante ou em consequência da mudança. Nas semanas seguintes, eu finalmente entendi o que Duke e Lydia queriam dizer sobre as crianças serem responsabilidade de toda a tribo. Nenhum pai se preocupava com o paradeiro de qualquer criança porque sempre havia olhos de adultos garantindo que elas ficassem longe de problemas. Se uma criança caísse e se machucasse, quem estivesse mais próximo iria pegá-la e cuidar da ferida ou consolá-la. Se ela estivesse com fome, o adulto mais próximo a deixaria alimentada. Fralda suja? Mesma coisa. Os pais precisavam ir caçar, coletar ou desejavam algum tempo de silêncio? Eles simplesmente levavam a criança para a praça com os outros e informavam aos adultos próximos que ficariam ausentes por

um tempo.

Isso ajudou muito a aliviar meus medos de ser oprimida pela maternidade. Três meses depois de minha chegada aqui em E'lek, minha menstruação finalmente não apareceu. Já faz muito tempo que Duke e eu agimos como coelhos. Lydia estava a poucos dias de estourar. Ela passou de uma coisinha sexy para uma gordinha bamboleante durante a noite. Se eu tivesse algum dinheiro, apostaria tudo que ela tinha gêmeos cozinhando lá dentro.

Lydia ficou perplexa porque Duke ainda não tinha me reivindicado como sua companheira. Eu confessei que era eu quem estava me segurando. Apesar da força dos meus sentimentos por ele, o ser humano em mim não conseguia se reconciliar com um compromisso para a vida toda depois de tão pouco tempo. No meu livro, você namorava por alguns anos e ficava noiva por quase o mesmo tempo antes mesmo de pensar em trocar votos. Duke não estava me pressionando de forma alguma, mas minha relutância o magoou. Não importa o quanto eu tentasse explicar, ele dizia — Sim, minha Kira — e depois desviava os olhos, para que eu não pudesse ver que ele não acreditava que eu o amava e o quão profundamente isso o feria.

Foi só quando Millia se aproximou de mim que eu finalmente tomei uma decisão. Nas semanas que se seguiram ao seu despertar, muitas das tribos perdidas expressaram o desejo de retomar o seu estilo de vida nômade. As visitas a E'lek eram a melhor oportunidade para os jovens membros da tribo conhecerem outros valos e estabelecerem relacionamentos. No caso de Duke, ele era muito popular entre as mulheres de sua tribo. Como eles voltariam nos próximos dias para sua peregrinação de três meses, casais em potencial precisavam se formar agora para decidir quem deixaria sua tribo para ficar em E'lek ou quem deixaria E'lek para se juntar à tribo nômade.

Antes de nossa viagem à Utopia, Millia nunca prestou muita atenção em Duke. Mas agora, ele havia despertado o interesse dela. Ela queria que ele se juntasse à tribo nômade como seu parceiro e, esperançosamente, como seu companheiro quando voltassem para a cidade. Foi necessário todo o meu esforço para não perder a cabeça quando ela me abordou abertamente sobre isso. Mas ela era tão doce e educada que eu não sabia como lidar com isso.

— Eu entendo que você e Duekeln estão emparelhados, mas você não deseja acasalar com ele — Millia disse — Acredito que ele seria um companheiro maravilhosa para mim. Portanto, eu queria saber se você aceitaria libertá-lo de seu vínculo para que eu pudesse abordá-lo com meu interesse.

Eu fiquei boquiaberta com ela, chocada com tanta ousadia — Não! Eu não quero libertá-lo do nosso vínculo.

— Oh — Millia disse, com decepção gravada em seu lindo rosto — Os rumores estão errados, então? Você deseja acasalar com ele?

— Sim, eu quero, mas não agora! — eu exclamei, me sentindo um pouco irritada com as pessoas se intrometendo em meus assuntos.

— Por que não agora? — ela perguntou, claramente confusa.

— Porque essas coisas levam tempo. Precisamos nos conhecer e ter certeza de que somos as pessoas certas.

— Ah! — ela disse, entendendo — Você não tem certeza dos sentimentos dele por você.

— Não, eu sei que ele me ama — eu disse com convicção. Cada interação de Duke comigo transmitia seus sentimentos por mim. Eu não tinha dúvidas sobre a sinceridade ou profundidade de seu afeto.

— Ah! Você duvida dos seus próprios sentimentos — ela disse com um olhar solidário.

— Não, eu não. Eu amo ele. Ele é a melhor coisa que já aconteceu comigo!

Eu fui sincera também. Nenhum homem jamais se esforçou para me fazer feliz como Duke fez. Ele me aceitou com todos os meus estranhos costumes humanos e se esforçou para me ajudar a realizar qualquer sonho ou objetivo que eu tivesse estabelecido para mim mesma. Seu apoio e orgulho por mim significavam tudo. Ele me ensinou a me libertar de minhas algemas e aprender a aproveitar as coisas simples da vida. Sim, meu homem era único.

— Então... por que você quer esperar? — Millia perguntou, muito confusa.

Eu pisquei, sem saber como responder. Ela piscou de volta, e o silêncio mais constrangedor tomou conta de nós. Eu quase poderia imaginá-la sacando um saco de pipoca para ver como eu iria responder.

— Eu estou grávida.

Assim que as palavras saíram dos meus lábios, eu me chutei. Eu não queria deixar isso escapar. Não tenho certeza de que reação esperava de Millia, mas certamente não que ela sorrisse para mim, visivelmente emocionada com a notícia.

— Isso é maravilhoso! Duekeln será um pai incrível! Se você libertá-lo, nossa tribo retornará antes de você parir. Durante os primeiros dois anos após o nascimento, Duekeln e eu poderíamos ficar pescando perto de E'lek para que ele pudesse estar presente na vida do bebê. E então, talvez você e a criança possam se juntar a nós quando vagarmos!

Espantada demais para responder, eu permaneci quieta mesmo quando o objeto de nossa discussão se aproximou de nós, e Millia declarou seu interesse e seu plano “brilhante”.

— Você deseja me libertar? — Duke perguntou.

A mágoa e a descrença em sua voz e expressão facial me tiraram do meu estupor. Tudo o que parecia tão complicado antes de repente se encaixou.

— Não, Duke, não desejo libertá-lo — eu encarei Millia — Obrigada por me ajudar a colocar as coisas em perspectiva. Agradeço que você tenha perguntado primeiro se poderia abordá-lo, mas minha resposta é não. Não posso libertá-lo porque o amo e o quero como meu companheiro... — eu me virei para Duke —...se ele me aceitar.

O rosto de Duke se transformou em uma expressão de pura adoração que me deixou com os joelhos fracos. Qualquer dúvida persistente desapareceu. Ele me puxou para seu abraço, onde eu pertencia.

— Sim, minha Kira, minha companheira. Mil vezes, sim.

Ele esmagou meus lábios em um beijo ardente, e eu me entreguei a ele de boa vontade.

Uma risada discreta me lembrou que tínhamos uma testemunha, e a culpa me fez dar um sorriso tímido para Millia. Eu não tinha a intenção de me exhibir ou esfregar isso na cara dela. No entanto, depois de lançar um olhar saudoso para Duke, o sorriso que ela me deu pareceu genuíno.

— Embora desapontada comigo mesma, fico feliz por ter te ajudado a esclarecer seus sentimentos e por sua felicidade. Da próxima vez que nossa tribo retornar, estarei ansiosa para conhecer sua prole.

A cabeça de Duke virou-se para Millia, olhando para ela com os olhos arregalados e o queixo caído. Ela riu e tocou dois dedos na sua pedra-coração antes de ir embora. A cabeça de Duke virou-se para mim, a pergunta claramente visível em seu rosto.

Me sentindo constrangida, eu coloquei meu cabelo atrás da orelha — Chega de sangramento para mim nos próximos meses — eu disse, quase me culpando por essa maneira nada romântica de dizer ao meu homem que tínhamos um pãozinho no forno.

Duke tinha surtado tanto na primeira vez que menstruei que eu ainda ria pensando nisso. Mesmo depois de eu ter explicado a biologia por trás de tudo isso, ele não conseguia compreender que qualquer coisa poderia sangrar por cinco dias e não morrer. Eu já tive isso duas vezes desde que cheguei a E'lek, e nas duas vezes ele ficou fora de si, chegando ao ponto de pedir confirmação a Lydia e Scarlet. O homem tolo temia que eu estivesse mentindo para protegê-lo de saber sobre minha morte iminente.

— Você está grávida? Você está grávida do meu filho?

Eu balancei a cabeça, com um sorriso bobo estampado em meu rosto. Duke me levantou. Eu gritei e me agarrei em seus ombros com medo de cair, mesmo sabendo que ele nunca me deixaria cair. Meu companheiro rugiu e girou no lugar. Eu tive que implorar para ele

parar, rindo em meio à tontura.

Os outros valos e humanos na praça nos observaram com diversão que rapidamente desapareceu quando, segundos depois, Ky saiu correndo de sua casa gritando por socorro. Lydia estava em trabalho de parto. Riaxan, a mãe do pequeno Teo, Lorvek, e eu corremos em seu auxílio. Traxian, o curandeiro semioficial da tribo, se ofereceu para ajudar, mas Ky não parecia muito interessado em ter outro cara olhando as partes íntimas de sua mulher.

Os Valos do Norte tinham um período de gestação de oito meses e os híbridos pareciam querer seguir esse caminho. Nenhuma mulher reclamaria de um mês a menos levando chutes na bexiga. Naquele instante, eu não poderia estar mais grata pela minha formação médica. E pela expressão de alívio nos olhos de Lydia, ela claramente sentia o mesmo. Pensamentos fugazes sobre Lucie me fizeram perceber que ela devia estar assustada com o parto iminente. Por mais que eu temesse a ideia de voltar ao calor insuportável de Caldera, eu ainda sentia que devia a Lucie por ter encontrado um lar para nós naqueles terríveis primeiros dias. Poucos humanos sobreviveram ao acidente. Nós tínhamos que cuidar uns dos outros. Pelo menos saber que ela tinha Joi, a curandeira dos Valos do Fogo, me deu um pouco de paz.

No que diz respeito ao parto, pelos padrões humanos, tudo correu bem. Os valos não concordaram nem um pouco. Segundo eles, três horas para o parto indicavam claramente que algo estava errado. Quando eu contei a Ky que havia torturado minha mãe por dezesseis horas antes de finalmente resolver sair, ele quase desmaiou e depois disse que sentiu pena de Duke quando nosso filho nascesse.

Como eu havia previsto, Lydia deu à luz um lindo par de gêmeos fraternos, um menino e uma menina. Assim como o pequeno Teo, eles possuíam uma pedra-corção protegida por uma fina camada de pele que se aproximava mais do verde azulado do que do azul-escuro do pai. Suas características faciais não tinham as linhas nítidas dos valos, mas as curvas suaves dos humanos, com sobranceiras cristalinas e uma bagunça de cabelos escuros e encaracolados, comuns em bebês birraciais. Embora, como o pai, eles não tivessem ponte nasal, a pequena protuberância nas pontas do nariz lembrava mais a dos humanos, e os lábios de ambos eram carnudos e cheios como os da mãe. Seus olhos amendoados, tão grandes quanto os do pai, tinham um leve brilho e uma inclinação quase asiática, com as mesmas lindas íris azul-gelo da mãe.

Para minha surpresa, nenhum dos bebês gritou ou chorou, embora estivessem claramente conscientes e bem. Eles também não pareciam respirar, como os outros valos.

Lorvek e eu apresentamos os bebês aos pais orgulhosos.

— Lydia, Ky, conheçam seus gêmeos — eu disse com orgulho,

estendendo a menina para Lydia enquanto Lorvek entregava o menino a Ky.

Depois de dar a Lydia um momento para cuidar dos dois bebês, Ky se recusou a deixá-la alimentá-los, dizendo que os bebês precisavam fazer por merecer. Lydia e eu gritamos de indignação, o que fez com que Duke invadisse a sala alarmado. Ky olhou para ele, mas como a porta do parto de Lydia estava devidamente coberta, ele o deixou passar.

Aparentemente, esperava-se que os bebês valos andassem poucos minutos após o nascimento. Com certeza, Ky colocou os bebês no chão, perto da parede, a quase três metros da cama. Ele acrescentou um pequeno banco ao lado da cama que serviria de degrau para eles subirem. Eu compartilhei o choque, a indignação e depois a admiração de Lydia enquanto observávamos os pequenos lutando para se levantar com os pés instáveis e ir até a cama. Seu controle motor era fenomenal. Depois de algumas quedas, eles finalmente chegaram ao banco, e meu coração derreteu quando eles se ajudaram a subir sob o encorajamento arrulhado de sua mãe.

Eles caíram em cima do colchão, exaustos, mas felizes. Olhando para Lydia, eles sorriram para ela. Lydia congelou, olhando para os dentinhos afiados que já se projetavam de suas gengivas. Ky começou a rir da consternação de sua companheira.

— Não tenha medo, minha Lydia. Nossos bebês também não vão te devorar.



Ameu pedido, Duke e eu mantivemos nosso casamento simples, seguindo os costumes valos. Nós trocamos nossos votos em particular, compartilhamos a notícia com todos e depois comemoramos com um banquete festivo seguido de jogos, dança e canto. O ritual de acasalamento dos valos envolvia uma troca de sangue. Sentado no nosso telhado sob a aurora boreal, Duke fez uma pequena incisão na palma da minha mão, depois na dele e outra acima do meu coração. Ele pressionou a palma sangrenta contra o corte em meu peito, e eu coloquei a palma sangrenta contra sua pedra-corção, que revelou uma leve abertura para permitir que meu sangue caísse para dentro.

Algo mudou dentro de nós naquele instante. Demorou alguns dias para eu ver o que era, mas essa troca me deixou o mais próximo possível de um Valo do Norte sem passar pela mudança. Eu poderia fazer tudo o que um valo fazia, exceto assumir a forma de batalha. Eu ainda precisava respirar, mas quase não precisava dormir ou comer,

pois, assim como Duke, eu absorvia a maior parte dos nutrientes e da energia de que precisava do sol e da umidade do ar. Eu ainda comia porque adorava o sabor da comida. Além disso, ir para a cama era a desculpa perfeita para violar meu companheiro. Ser capaz de construir minha própria prancha de gelo e me impulsionar nela como o melhor deles ajudou muito a me curar do medo da velocidade. Infelizmente, eu não tinha feito muito por Duke em troca, embora meu sangue houvesse aumentado sua tolerância ao calor, o que era estranho, considerando que eu não suportava. Mas ele também fortaleceu a sua geada. Assim como eu, ele poderia congelar instantaneamente um alvo específico. Os Caçadores me cortejaram para me juntar a eles, mas eu recusei.

Eu adorei ajudar Duke em seu trabalho de construção, cortando pedras como um valo faria com gelo e umidade. No entanto, no fundo, eu continuava sendo uma cuidadora. Com tantas crianças correndo por aí, e se minhas suspeitas estivessem corretas, mais delas vindo de Zak e Scarlet, eu estava ocupada com arranhões e membros fraturados por brincadeiras violentas. Nós não sabíamos o que o futuro reservava para essas crianças, se os valos modificados viveriam além de seus descendentes e se nossos companheiros valos viveriam mais do que nós. O tempo diria. Mas muitos pais falaram em trocar sangue com seus filhos quando eles atingissem a idade adulta.

Falando em crianças, no final eu não consegui chegar à cabeceira da cama de Lucie para o parto. Duke se recusou a me deixar viajar por Sonhadra enquanto estava grávida. Ainda assim, graças à ajuda de Joi, Lucie deu à luz uma menina saudável chamada Rekka. Minha pequena Anya – com uma pele azul escura mais pálida que a de seu pai, e com meu cabelo loiro platinado – estava prosperando e seguindo Kevin – o filho de Lydia – como sua sombra. A tribo já previu que eles acasalariam quando atingissem a maioridade.

O ano passado foi marcado por segundas chances, novos começos e muito perdão, tanto para si mesmo quanto para os outros. Com nossas tribos nômades vagando pela terra novamente, nós finalmente recebemos notícias das outras cidades valos. Em todas elas, os valos recuperaram o controle do seu destino. Cada um deles fez contato com um ou mais sobreviventes humanos. Lydia chorou de alegria quando, finalmente, recebeu a notícia de que suas amigas Quinn, Zoya e Preta haviam conseguido sobreviver e estavam casadas com seus próprios Valos. Elas vinham se encontrando com a maior frequência possível desde então. Ela até fez as pazes com Lucie.

Utopia se expandiu, transformando-se lentamente em uma aldeia extensa. Mais cidades valos concordaram em fornecer alguma forma de assistência. Dave estava atualmente envolvido em algumas negociações pesadas com os Valos da Luz para convencê-los a fazer

com que a Cidade da Luz ambulante passasse pela cidade humana também. Eu ainda não conseguia acreditar que uma cidade inteira tivesse sido construída nas costas de um dinossauro bioprojetado.

As incríveis habilidades mecânicas de Dillon lhe permitiram reparar a nossa impressora 3D. Unindo forças com Amber, eles construíram para nós um sistema de comunicação por rádio ligando todas as cidades dos Valos – exceto os Valos da Água que, francamente, não poderiam ser visitados sem nos afogarmos muito antes de alcançá-los. Graças a esse rádio, à medida que os últimos dias de Dezembro terminavam – pelo menos pelos nossos cálculos – os Valos do Norte preparavam a primeira festa de Ano Novo da Sonhadra. Os convites já haviam sido enviados para todas as cidades amigas, inclusive Utopia.

Enquanto eu observava as estátuas de gelo e inúmeras outras decorações sendo erguidas em preparação para a celebração, as crianças corriam, atazanando o máximo que podiam. Eu ri e me apertei contra meu marido, agradecendo a qualquer estrela que nos trouxe, contra todas as probabilidades, a este novo mundo, a esta nova vida e a este incrível novo começo.

FIM





OUTROS LIVROS DE REGINE ABEL

GUERREIROS XIAN

Doom
Legion
Raven
Bane
Chaos
Varnog
Reaper
Wrath
Xenon
Nevrik
Rogue

AGÊNCIA PRIME

Casei Com Um Homem-Lagarto
Casei Com Um Naga
Casei Com Um Homem-Pássaro
Casei Com Um Minotauro
Casei Com Wonjin
Casei Com Um Tritão
Casei Com Um Dragão
Casei Com Uma Fera
Casei Com Um Dríade
Casei Com Um Íncubo

O NEVOEIRO

Nevonauta
Pesadelo

OS REINOS DAS SOMBRAS

Destinada ao Espectro

CIDADE DE GELO

Cidade de Gelo
Prisão de Gelo

DONZELAS DE SANGUE DE KARTHIA

Seduzindo Thalia

CONTOS SOMBRIOS

A Maldição do Barba Azul
O Corcunda

OUTROS LIVROS

Homem de Aço



Sobre o Autor

A autora bestseller do *USA Today*, Regine Abel, é uma viciada em fantasia, paranormal e ficção científica. Qualquer coisa com um pouco de magia, um toque de inusitado e muito romance a fará pular de alegria. Ela adora criar guerreiros alienígenas gostosos e heroínas radicais que evoluem em novos mundos fantásticos enquanto embarcam em aventuras repletas de mistério e reviravoltas que você nunca imaginou.

Antes de se dedicar como escritora em tempo integral, Regine havia se entregado a outras paixões: a música e os videogames! Depois de uma década trabalhando como Engenheira de Som em dublagem de filmes e shows, Regine tornou-se Designer de Jogos Profissional e Diretora Criativa, uma carreira que a levou de sua casa no Canadá para os EUA e vários países da Europa e Ásia.

[Facebook](#)

[Website](#)

[Grupo de leitura Regine's Rebels](#)

[Newsletter](#)

[Goodreads](#)

[Bookbub](#)

[Amazon](#)

[Loja Etsy](#)